

MONTALEGRE

José Dias Baptista



Município de Montalegre

Ficha técnica

Título

Montalegre

Autor

José Dias Baptista

Coordenação

David Teixeira

Ricardo Moura

Fotografia

Domingos Moura

Ecomuseu de Barroso

Fernando Mota

José Manuel Arantes

Ricardo Moura

Ilustrações

Jorge Coutinho

Design

Norprint

Execução Gráfica

Norprint, Artes Gráficas SA

ISBN

972-8012-30-6

978-972-8012-30-4

Depósito Legal n.º

248920/06

Junho de 2006

Edição

Município de Montalegre





Índice

As portas do “País Barrosão”	
As mais antigas referências	16
Acessos	18
Por um Ecomuseu	
O passado no presente.....	23
A população.....	25
A paisagem	27
Patrimónios	
Património arqueológico	
Megalitismo.....	33
Castros celtizados e romanizados.....	33
Achados - Moedas.....	35
O Castelo de Montalegre	37
Roteiro do românico	
O Mosteiro de Pitões.....	41
As Igrejas, capelas, alminhas e cruzeiros.....	47
Património natural	
Clima - Terra Fria.....	49
As manchas florestais	52
O Gerês, a água e a serra.....	53
As águas.....	55
Os penedos	58
Património construído	
A casa barrosã	
Solares e casas senhoriais.....	59
A aldeia.....	61
Património cultural	
A gastronomia.....	66
Usos e costumes	70
As vezeiras	70
Águas de rega	70
Coutos	70
O pastoreio	71
O boi do povo e as chegas.....	72
Artesãos e artesãs	77
O traje barrosão.....	79
As lendas.....	80
Lenda da Misarela.....	81
As sextas-feiras 13, dias de bruxas	84
O esconjuro	85
Factos	86
O último enforcado de Montalegre.....	89
Figuras	92
Dinamização económica	
Em prol do turismo	101
A grande rota das barragens	102
As feiras.....	103
As festas	104
O associativismo.....	105
As freguesias	109
A linguagem	155





Em 2002 a Câmara de Montalegre tinha publicado um livro sobre Montalegre, da autoria de Manuel Dias. Foi a primeira publicação que constituiu um pequeno repositório, simples e breve, de um leque vasto de temáticas da nossa história e da nossa cultura.

Essa obra depressa esgotou e exigia-se nova publicação. Mas queríamos enriquecer o trabalho, torná-lo mais rigoroso e atractivo e dar mais variedade e colorido a essa visão conjunta do Barroso.

O inspector José Baptista, como sempre faz, disponibilizou-se para esse trabalho e nasceu uma obra nova, de panorâmica geral que reflecte a imagem contemporânea de Montalegre, mas que dá a conhecer o retrato de uma família com passado e com vasto património natural e cultural.

Não se trata, contudo, da monografia que a nobilíssima terra de Barroso merece – uma trabalho dessa natureza só o alcançaríamos com muitos volumes porque a seara é enorme e sobeja campo para muitos estudos que visem descer ao cerne da toponímia barrosã, da arqueologia, da literatura oral, da mineralogia, da biologia, etc. Trata-se apenas de um roteiro turístico que fala da terra, da vida e da gente, no conjunto do território. Fala de Montalegre pela escrita, mas, também, pela imagem. E com elevado sentido estético enquadra a riqueza da palavra e a imagem da nossa beleza paisagística, o património histórico e cultural, os nossos usos e costumes, a vida das gentes e das aldeias.

Mas com esta obra dispomos do índice de uma grande monografia, assim haja trabalho e vontades para a desenvolver. E temos, seguramente, um cativante roteiro cultural, um repositório histórico e um instrumento de informação e promoção, porque o livro é um hino à beleza paisagística da nossa terra.

Foi por isso que ele foi concebido, mas também para que os Barrosões se conheçam melhor e para que continuem a orgulhar-se da sua terra.

Montalegre, Junho de 2006

Fernando Rodrigues

Presidente da Câmara Municipal de Montalegre



O extraordinário avanço que se verificou por todo o concelho de Montalegre nos últimos vinte anos (apesar do ostracismo a que tem sido lançado desde há séculos pela administração pública central) ao nível das indústrias e dos comércios, da construção e dos acessos locais e até da revalorização de bens e produtos - tanto do património natural e construído como do património dos saberes e dos sabores locais - tudo vinha exigindo esta memória, pela escrita e pela imagem, que situe os barrosões no espaço e no tempo.

Atentíssimo como sempre no minorar das necessidades e no alavancar das grandezas da Terra e Gentes de Barroso, solicitou-me o Sr. Presidente da Câmara que metesse mãos à obra. Aceitei a incumbência, não porque me considere de grandes letras ou de ciência com inchação, mas porque sou de cá e falo deste País, destas plantas, aves e gentes como quem fala do que sabe e é; falo destas coisas porque as conheço melhor do que me conheço a mim.

Não aveludei as frases, bastou-me estruturar as ideias pela velha medida de Barroso.

E assim continuará a ser!

José Dias Baptista

Autor

The page features a background of musical notation on staves, with notes and clefs in a light brown color. The notation is partially obscured by the text blocks.

MARCHA DE MONTALEGRE

Autor: Padre Ângelo do Carmo Minhava

Ai! Não há gente
Mais valente e prazenteira
Do que esta cá da fronteira
Do Norte de Portugal!
Nem tão alegre
Como a tua, ó Montalegre,
Gente forte cá do Norte,
Que nada teme, afinal!

É Montalegre o meu suave cantinho,
Chamem-lhe embora os outros Terra Fria;
Alegre e quente é sempre a paz de um ninho,
É Montalegre é a terra da alegria.

Guarda avançada desta Lusa Terra,
Do teu castelo, eu vejo nas ameias,
Igual àquele que me reflui nas veias,
Sangue de heróis, vertido em tanta guerra!

O teu castelo,
Quando à noite o luar
Vem do céu pró o beijar,
Gosto de vê-lo:
Lembra um guerreiro,
Desses tempos de então,
A quem o coração,
Fez prisioneiro

Nestas alturas,
Desta terra sem par
Que também sabe amar
Mesmo entre agruras;
Então eu creio,
Vendo-o tão belo,
Que és tu a fada
Enamorada
Do castelo!



AS PORTAS DO PAÍS BARROSO



Terras de Barroso



Porta sul da vila de Montalegre

A Vila de Montalegre, cabeça das Terras de Barroso que continua a sê-lo na passagem para Julgado e é ainda do Concelho cuja área ultrapassa 800 km², com mais de 70 quilómetros de fronteira com a Galiza Meridional e, ao longo do seu planáltico terrotório, acomodam-se ainda 135 povoações.

Desde a sua formação tem a sua lenda.

Lenda de Montalegre

Diz-se que andavam por aí uns fidalgotes, com avantajadas comitivas de escudeiros, pagens e criadagem os quais entravam nas aldeias, comiam, bebiam do bom e do melhor, acomodavam e alimentavam cavalos e mulas, dormiam nas melhores casas e não prestavam contas.

Traziam os barroões de nervos alterados e incapazes de lhes dar resposta condigna visto que partiam como chegavam, fora de horas e sem avisarem.

Mas num belo dia uma grande comitiva subia do Minho por Salto, Vila da Ponte, Viade, comendo os melhores leitões, vitelas e cabrito, bebendo á tripa fora, despejando dispensas e fumeiros e sem abrirem os cordões à bolsa.

Juntou-se o povinho com grande alarido e ameaças ao alcaide cerca dos cubelos do Castelo. Ameaçado e vaiado o alcaide ordenou ao Capitão-mor que organizasse as forças necessárias para emboscar os agressores e obrigá-los a pagarem os prejuízos causados.

Foi acorrentado para o cárcere do Castelo o Fidalgo que superintendia e comandava os assaltantes sendo dada ordem aos seus criados de regressarem às suas terras. Que voltassem com as quantias que o Povo exigia pelos gastos e roubos e então seria dada liberdade ao fidalgo encarcerado.

Uns tempos depois chegaram os familiares do preso e pagaram as suas dívidas. De seguida foi entregue o cavalo ao prisioneiro. Que partisse e não voltasse...

O homem ao montar o seu cavalo a caminho da liberdade, despediu-se com duas palavras que são muito queridas a todos os Barrosões.

- Monto alegre!!!

Montalegre, capital das Terras de Barroso vai para 734 anos, situa-se na prega mais setentrional do edénico planalto barrosão. Com efeito, assumiu tal privilégio, no dia 9 de Junho de 1273, por carta concedida pelo “Bolonhês”, o Rei D. Afonso III.

O citado monarca ergueu, para sua segurança e de toda a terra de Barroso, a admirável fortaleza mediéfica, circuitando-a de muralhas, onde milénios antes os nossos mais remotos antepassados haviam construído o seu *oppidum* (castro).

O monumental e magnífico exemplar da arquitectura militar portuguesa já estava construído em 24 de Abril de 1281 porque, nessa data, o jovem rei D. Dinis, filho daquele, expede da vila de Castelo de Vide, a famosa “Carta de Arras”, *propter nupcias*, (devido a núpcias) a Dona Isabel de Aragão, a quem doa as vilas de Óbidos, Abrantes e Porto de Mós e também os seguintes doze castelos: Vila Viçosa, Monforte, Sintra, Ourém, Feira, Gaia, *Lamosis*, Nóbrega, Santo Estêvão de Chaves, Monforte de Rio Livre, Portel e Montalegre.

Mais tarde, no rebordo setentrional do morro foi construída uma nova Torre de Menagem, belíssima e equilibrada estrutura que indicia ser obra dos arquitectos e mestres canteiros do rei-poeta, monarca que muito investiu na defesa das fronteiras ao longo de todo o território.

Ao nobre Castelo falta apenas que os estudiosos lhe completem a história, os seus momentos de angústia e os momentos de glórias passadas, em que assistiu ao fluir das gerações do povo barrosão.

É caso para dizer, como Napoleão no Egipto, que do alto daquelas ameias e matacões sete séculos nos contemplam!!!



Castelo de Montalegre - a referência da vila



Rotunda do Valdoso (réplica do Cláustro do Mosteiro de Pitões das Júnias)

As mais antigas referências

O mais antigo documento que se refere às terras de Montalegre, data do século VI e alude à divisão do território em dioceses e paróquias. Trata-se de um documento importantíssimo que Pierre David parece ter reconstituído com muita fidelidade. Entre as paróquias aí arroladas aparece Ad Saltum, sem dúvida, a paróquia actual do Baixo Barroso.

Do Tombo de Celanova constam antiquíssimas referências à nossa região:

- Em 942¹, uma doação de São Rosendo ao mosteiro de Celanova, que incluía 100 mulas e cavalos, 150 éguas adultas e várias manadas de vacas em Barroso.

- Em 948², Dona Ilduara, mãe de São Rosendo, faz também uma doação de muitas propriedades e bens ao dito mosteiro, “uma manada de vacas em Catavello” (era assim que se apelidava o Cávado desde a nascença à foz do Regavão – portanto, a zona do “Rio”) “outra em Portugal e a terceira em Moranea. (Mourela?)”. A seguir doa também cem ovelhas no Catavello- “In Catavello oves C.”;

- Em 953³, um tal Aloito e sua mulher Bonella doam ao São Rosendo os bens que possuem em Travaços do Rio “ipsa villa quam vocitant Travazos, subtus monte lunias prope rivulo Catavello...”

1 O Tombo de Celanova, Tomo I, Estudo de Andrade Cernadas, Edição do Consello da Cultura Galega, Santiago de Compostela, 1995, pág. 7/12.

2 Idem, ibidem - Pág. 17/21

3 Idem, ibidem - Pág. 179.

- Em 976⁴, o monge Fafila doa a São Rosendo e ao Mosteiro uma herdade entre os montes Toro e Barroso junto ao Rio Mau – herdade que ficaria situada perto de Travaços do Rio, não longe da raia.

- Em 1065⁵, uma tal Eilona doa ao dito Mosteiro herdades que possuía em Tourém.

- Em 1074⁶, os padres Aduolfo e Salamiro, doam ao Mosteiro de Celanova a Igreja de Santa Maria e as propriedades adscritas: “... sita est in finibus Galletie território Psallare sub Alpes Ugeres et zebrario secus rivulo Psallare...” – situada nos confins da Galiza, território do Salas sob os montes Gerês e Zebreiro não muito longe do rio Salas...

Tratava-se de propriedades enormes cujos limites iam de “Requiás pela água do Salas e termo de Guntumil, ao porto de Andrias, pela arca e pelo outeiro de sobre o porto da Regina e pelo termo de Santo Estêvão, pelo outeiro de Fonte Fria e pela presa do Salasinho, do moinho que foi de Salamiro Gemondes e Deiro Sarrazins e pelo Sapatelo, daí à arca da portela sobre a casa de Leonigildo Framires e daí pelo combro como entra no agro de Espinhela sobre a casa do irmão Osário e torna pela fonte do curro de Mouro até que entra na água do Salas.”



Porta ocidental da vila (réplica do traje invernal de Barroso)

- Em 1100⁷, as irmãs Ilduara e Gatoni, doam a Celanova as herdades de Eroselo e Tourém com reserva de usufruto em suas vidas: “ ... damus... hereditates nostras... de Tuderedi et Erosello medio qui jacent in territorio Psallare et rio Caldo et determinat per monte de junias et dividet per achas de Junias et dividet inter Sallare et Barroso et per Requilanes usque in termino de Randini; et villa de Erosello iacet in rio Caldo subtus Ogeres, discurrente rivulo Maravaia et Aventes et feret in termino de Lovios et de alia parte usque in Roccas.”

A partir daí, as principais fontes de informação e as principais notícias sobre o nosso território encontram-se nas Inquirições de D. Afonso III e D. Dinis, dos fins do século XIII e princípios do seguinte; no Catálogo das Igrejas do reinado de D. Dinis, de 1220 e no Numeramento de D. João III, de 1530.

4 Idem, ibidem- Pág. 331.

5 Idem, ibidem- Pág. 398/399.

6 Idem, ibidem – Pág.413.

7 Idem, ibidem- Pág. 439/440

Acessos

Na vila actual podemos entrar por várias portas. Quem circula pela Nacional 103, entre Braga (a 90 km) e Chaves (a 35 km), chega às Terras de Barroso desde Salamonde- Fafião, atravessando a zona ribeirinha de Cabril, do Gerês e do Rio; desde Vilarinho dos Padrões pela Barragem da Venda Nova e terras de Covêlo do Gerês e Paradela do Rio; desde a Chã – o acesso mais comum e fácil, pelo Alto da Corujeira; desde o Barracão – a porta do Rei D. Carlos, em 1907, que nos permite entrar por nascente; desde Chaves – pela linha da fronteira galega, a deslado das terras de Ervededo, de Meixide, Vilar de Perdizes, Solveira, Gralhas e Meixedo. E, antigamente, a esmagadora maioria visitante chegava a Montalegre pelo romântico Ourigo e Carvalhais do Avelar. Pode acontecer que um dia, um qualquer ano deste século, alguém se resolva a restaurar, em simples terra batida, mas sem godos, o mais concorrido e histórico caminho de acesso a Montalegre, por essas idílicas paragens e sob o olhar abençoado da Senhora das Treburas! Digo sem godos porque milhentas vezes ouvi contar que os barroões vinham à sua vila, com as botas atadas pelos atacadores, ao ombro. Não raro, o dedão do pé chutava uma pedra...Quando o pobre caminheiro tirava as botas do ombro para acudir à ferida, dizia convictamente: “minhas ricas botinhas! Olhai lá se vos levo calçadas!...”

Presentemente, o acesso mais corrente é pela Corujeira, aos mil e cem metros de altitude; subindo de Sul e descendo para Norte, chegamos à sala de visita da vila: o Largo do Toural, com o Tribunal e a Caixa Geral de Depósitos em frente, à esquerda o solar do Cerrado e à direita a Câmara Municipal. Estamos no coração da capital e daquela praça desce-se



Mapa de acessos

até aos oitocentos metros no leito remansoso do Cávado-menino que se espraia num vale de mil verdes desde os contrafortes do Larouco aos picos do Gerês, a ocidente.

Foi este rincão do Reino Maravilhoso que D. Afonso III, o último dos reis conquistadores, quis povoar, defender e fortificar, bem guardado pelas vigilantes sentinelas do Castelo do Portelo, no coto de Sendim. Foi aqui que D. Dinis mandou o seu clérigo, Pedro Anes, a 3 de Janeiro de 1289, «que pugnasse em na fazer povoar daquela maneira que entendesse que melhor seria, mais a minha prole dos da terra».

Esta data constitui um marco na história da vila - capital judicial e cabeça administrativa de todo o País Barroso. Convém recordar que nesse ano, ou pouco antes, um tal João Lourenço, procurador bastante dos homens de Sapiãos, escreveu ao Rei D. Dinis dizendo-lhe que “esses de Sapiãos que não haviam por que pagar nem dar essa renda...” a Montalegre. E o rei, a 13 de Dezembro de 1289, respondeu-lhe: «E isto ouvi às partes e soube a verdade e achei que todos os de Barroso foram chamados a essa renda e por tal razão achei que se não escusavam esses de Sapiãos... e mando que paguem essa renda com os de Montalegre».



O rigor do Inverno





POR UM ECOMUSEU





O passado no presente



O silo das batatas - Parafita



Cancelo de lameiro - Salto



A colmar a beira - Cambeses

O Ecomuseu de Barroso é um projecto que abrange todo o concelho de Montalegre, mas que poderá alargar-se a todo o Barroso e contribuir, desta forma, para o desenvolvimento da Região.

A ideia do Ecomuseu resulta da consciência, mas também da preocupação de salvaguardar um património nas suas múltiplas componentes, natural, cultural, social e económica.

O projecto do “Ecomuseu de Barroso” teve o seu início há longa data, remontando a uma das visitas de Georges Henri Revière, a Portugal, nos anos 70. Este antropólogo sugeriu a realização de determinadas acções nesta região, como a criação do Museu do Tempo e do Espaço. O projecto inovador da criação do Ecomuseu de Barroso, por ele proposto, era apenas para as aldeias dentro do Parque Nacional. Mais tarde António Martinho Baptista e Fernando Pessoa, arqueólogo e arquitecto paisagista, respectivamente, do então Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza (SNPRCN), são duas das personagens que iniciaram o projecto que depois seria apresentado e ampliado uma vez que expandiu a sua área territorial para fora do Parque Nacional da Peneda Gerês, abrangendo a sede do concelho de Montalegre e a aldeia de Vilar de Perdizes. Deram sugestões e soluções que ainda hoje se encontram perfeitamente actuais, razão pela qual se mantêm no projecto que actualmente se começou a implementar.

Também o nome do projecto é fruto de uma evolução: nasceu finalmente o “Ecomuseu de Barroso” por decisão da Comissão Local para o Património

A decisão da implementação em definitivo do Ecomuseu de Barroso remonta ao ano 2000, quando o Professor Fernando Rodrigues, Presidente da Câmara Municipal de Montalegre, contratou a empresa Quaternaire Portugal para a elaboração de um

estudo de caracterização da região que apontasse um plano de trabalhos para a implementação, nos próximos anos, do Ecomuseu.

As aldeias de Barroso possuem, de um modo geral, um grande valor cénico e cultural, pelo que estas povoações devem ser consideradas, no seu conjunto, como partes do Ecomuseu. Por fim, dado o enorme território concelhio e o número de lugares ainda povoados decidimos escolher os pólos que sirvam de motor de arranque. Assim em Montalegre será criada a sede do Ecomuseu, como Centro Interpretativo da Região, com capacidade de recepção de turistas e mobilização para visitar os polos temáticos que estão já em avançada fase de implementação nas aldeias de Tourém, Pitões e Salto.

Tourém é uma freguesia do Concelho de Montalegre, situada num enclave bem dentro da Galiza, a uma distância de 30Km da sede do concelho, vê aproveitada a corte do Boi do Povo para evidenciar a Identidade Cultural. Este pólo irá funcionar em rede com o Centro Interpretativo em Montalegre, abordando as temáticas: “O Boi do Povo, as relações com a vizinha Espanha, o Couto misto, o sistema de regadio, o castelo da Piconha, o contrabando, os modos de produção local, as alfaias agrícolas e a venda de artigos artesanais.

A aldeia de Pitões, situa-se na parte Ocidental do Planalto da Mourela, em pleno Parque Nacional da Peneda Gerês, virada a Sul, a mais de 1130 metros de altitude e com uma extensão de 36,890 km² de área, fazendo fronteira de vários quilómetros com a Galiza. Este pólo está situado na corte do Boi do Povo e funciona em rede com o Centro Interpretativo, em Montalegre, dando corpo às seguintes temáticas: “O Boi do Povo, o pastoreio em regime extensivo, a vezeira, a tecelagem, os abrigos de pastores, a agricultura de Montanha, os modos de produção local/alfaia agrícola, o património etnográfico, o fumeiro, a aldeia velha de o Gerês, o mosteiro de Pitões, o Parque Nacional da Peneda-Gerês e o património Natural.”

O último dos pólos situa-se na Vila de Salto, uma das maiores freguesias do concelho, na antiga casa do Capitão. A Casa do Capitão é um bom exemplo das casas imponentes das famílias abastadas. Espaço vocacionado para a museologia da freguesia, com especial incidência na área etnográfica, a Casa do Capitão é também um lugar de oferta cultural com serviço de biblioteca, com acesso à Internet, serviços educativos e venda de artigos regionais. Tem um auditório para 50 pessoas que permite reuniões e colóquios, bem como a passagem de pequenos documentários representativos da vida barrosã.

Além do destaque dado à vida agrícola e à forte presença da raça bovina barrosã, neste território, será prestada atenção especial à questão mineira, remetendo no futuro para um pólo das minas de volfrâmio da Borralha.

O Ecomuseu espera pela vossa visita.



Malhada do centeio - Solveira

A População



Um momento de pausa na lide diária - Cambeses

Essa, se lhe não valemos a tempo, desaparece. Os barrosões da diáspora são já muitos mais do que os residentes. Por isso, algumas das nossas muitas aldeias vão a caminho de se tornarem aldeias-fantasma.

Os nossos primeiros reis tomaram medidas eficazes para evitarem o ermamento e defenderem as fronteiras do reino; hoje caminhamos paulatinamente para um ermamento imparável, que irá provocar o sobrepovoamento de outras zonas, com malefícios incontroláveis no meio ambiente, no relacionamento social e familiar, no progresso do crime e do banditismo; na distribuição da riqueza e nas candidaturas ao emprego que estas situações sempre acarretam. O excesso de população como a desertificação são dois pratos da mesma balança que conduzem, sem saída, à perda de qualidade de vida e deterioração das relações sociais.

Antes das correntes migratórias da segunda metade do século vinte tínhamos mais do triplo da população que os censos actuais nos atribuem agora; sem uma intervenção dos poderes centrais, um encaminhamento de rendimentos de apoio para o interior; sem a instalação de meios de vida e empreendimentos, fora do litoral, a desertificação pode tornar-se uma fatalidade incontrolável.



A Paisagem



Monte do Pisco - PNPG

Barroso constitui um mosaico de paisagens edénicas. Podemos dizer que em cada canto há um novo encanto. Basta percorrer as nossas estradas municipais ou vicinais através do planalto para redescobrirmos mil recantos admiráveis.

A título de exemplo referimos a estrada de Fafião a Cabril e daqui aos Padrões ou a Cela e Sirvoselo; o trajecto de Paradela do Rio a Outeiro e Parada; a travessia da Mourela com visita ao Mosteiro de Pitões e à extinta freguesia de São Vicente do Gerês ou ao São João da Fraga; a visita a Tourém que tanta importância teve durante a Idade Média no seu relacionamento com o castelo da Piconha e o Couto Misto através do caminho neutral; uma viagem a Cervos, Arcos e ao célebre e celebrado Pindo – mau passo do inevitável acesso à ribeira-tâmega que foi valhacouto de ladrões e malfeitores; uma passagem, ainda que breve, por capelinhas carregadas de história e lenda, do sagrado e do profano, de mistério e dogma, de misticismo e magia:

“Alvas ermidinhas sob azuis magoados,
vejo-vos de longe numa adoração,
como ninhos brancos de ideal pousados
Lá nesses fragosos montes escavados,
onde não há água nem germina o pão.

“Lá nos altos montes sem trigais nem vinhas,
Sem o bafo impuro que dos homens vem,
É que a Mãe de Cristo com as andorinhas
e as estrelas d’ouro mesmo ali vizinhas,
Num casebre térreo se acomoda bem.”



Ponte velha e pastagens - Pitões das Júnias

Em sequência do que atrás se deixa dito, cumpre esclarecer que a estrutura demográfica de Barroso está francamente ameaçada pela fuga dos jovens a caminho de franças e araganças, a caminho da universidade ou da fábrica, tudo coisas sempre e sempre muito distantes do Planalto, deixando os locais de origem cada vez mais ermos e sós. A baixíssima taxa de natalidade e o alargamento do rol da terceira idade reflecte-se depois na carência de mão-de-obra, mesmo na actividade agrícola, que não vai além da criação e produção de bens em regime de subsistência familiar.

O pão de cada dia que qualquer família produzia e cozia, há poucas décadas, tem hoje um fabrico industrial. Crê-se que a maioria da população o não saberá já amassar e levar ao forno...

Os poucos castanheiros que ainda resistem e os imensos carvalhais que alimentavam enormes varas de porcos estão ao deus-dará e nem os frutos lhes apanham capazmente.

Estas situações reflectem-se na dinâmica económica, nas formas de vida dos rurais e, sobretudo, nas idiossincrasias culturais, alimentares e sociais dos indígenas ainda residentes e ainda resistentes.

Bem sabemos que a maior parte da população vivia da criação de gado: “Não há casa boa sem gado nem coroa”! – mas também nesse aspecto as mudanças foram rápidas e nem sempre para melhor.

Com efeito, a melhor vitela do mundo que assegurava a independência económica do lavrador barrosão, vem sofrendo algumas intromissões abusivas de outro tipo de



Carvalho do Avelar - Montalegre

carnes e de animais com maior peso e idade que faz perigar a qualidade e baixa a procura. A importação de leiteiras foi um logro... o dinheiro à vista vai-se nos produtos para os animais!

É forçoso reganhar a consciência de que os nossos pastos, os lameiros que bordejam mil ribeiras e as “lamas” e baldios constituem fontes de alimento imensamente mais barato e com garantia de fuga certa a doenças incertas, evitando-se, no seu uso contínuo, os chiqueiros nojentos de espaços fechados e sujos que são focos de moléstias para os animais e para os humanos. A chegada das febres de Malta, das carraças, das vacas loucas tem a ver com a loucura de acreditarmos nos traulhas e deixarmos de lado os nossos métodos de trabalho e de vida. A carne da raça barrosã, além de mais limpa e resistente, é a mais bela e saborosa do mundo!

A economia silvo-pastoril, a pecuária e a exploração cuidadosa de madeiras podem continuar a ser uma fonte de receitas para a nossa gente do campo desde que se faça atenção às técnicas e aos momentos de comercialização desses produtos.

Barroso é uma excelente marca desde que mantenhamos um esforço contínuo na qualidade e pugnemos pela denominação de origem de mais e mais produtos. Referimo-nos às nossas águas, aos nossos granitos (que levam o nome das respectivas localidades e são todos diferentes e de óptima qualidade), às nossas paisagens, às nossas trutas, às nossas florestas, às nossas carnes, à nossa caça e aos nossos ares limpos e silêncios divinais.

Barroso é o que há de melhor! Barroso é marca garantida!



Piscinas naturais de Fafião - Cabril



PATRIMÓNIOS





Património Arqueológico

Megalitismo

A cultura megalítica floresceu na pré-história, no período Neolítico, que se caracteriza pelo aparecimento de utensílios de pedra polida, pela domesticação de alguns animais e início de actividades agrícolas primitivas que levaram à descoberta da cerâmica. O material mais utilizado era o sílex, com que se faziam facas, raspadeiras, pontas de seta e lanças, etc.

A sedentarização do homem deixou-lhe tempo para o progresso social e religioso e, muito mais tarde, para a indústria metalúrgica. Contudo, a roda de oleiro e o arado parece terem surgido apenas na Idade do Bronze. Nessas eras a habitação do homem era ainda a gruta natural e a cabana rudimentar. Com os avanços referidos transferem-se os abrigos para sítios defensáveis em montes cónicos, próximos da água, constituindo povoados de várias famílias.

No concelho de Montalegre aparecem e existem muitas provas da passagem desses povos em todo o território. Era com tais artefactos que o homem primitivo fazia as gravuras rupestres, caçava, pescava e descarnava os animais que abatia, em grutas como as de Loivos, junto ao Cávado.

Vestígios dessas actividades encontram-se ainda nos Penedos do Sinal, Pedra Pinta, Penedos das Ferraduras, Pena Escrita, Caparinhos, etc. que se distribuem por todo o planalto Barrosão.

Castros “Celtizados e Romanizados”

Apesar de não existir uma Carta Arqueológica do Concelho, cumpre deixar dito que há inúmeros monumentos que merecem referência. O nosso território foi habitado desde o Megalítico como fazem prova os muitíssimos monumentos desse período e que a nossa toponímia preserva: antas, mamoas, motas, forninhos, dólmenes, etc. Estas construções estão disseminadas por todo o concelho. Da mesma época, mas muito mais raros (e denotando já um avanço importante nas



Castro de S. Vicente - Albufeira dos Pisões



Vestígios de construções do Castro de S. Vicente

bronze são fruto de uma perícia manual imbatível. Vejam-se, a título de mera referência, os torques de ouro do castro de Outeiro ou os objectos de bronze de Solveira e Vila da Ponte, aqueles expostos no Salão Nobre da Câmara Municipal e este no Museu Dr. Mendes Correia, na faculdade de Ciências do Porto, onde se encontram também os três vasos da 1ª Cista da Vila da Ponte, dita de Donim, achada em 1931.

Sete, oito séculos após a fixação céltica iniciou-se a conquista romana. As máquinas de guerra daquele tempo, como é uso chamar-se às legiões romanas, demoraram duzentos anos a dominar os povos peninsulares, dentre os quais sobressaem os Vetões, os Vaceus, os Lusitanos, os Astures, os Cantabros e, sobretudo, os nossos mais lídimos antepassados – os orgulhosos e indomáveis Galaicos.

Para sustentação de tal domínio foi necessário abrir estradas para que as legiões do exército acorressem prontamente a qualquer ponto do império.

Por isso lhe chamavam “estradas imperiais militares”, sendo a primeira a que, saindo de Braga (Bracara) e, atravessando o planalto barrosão de poente a nascente, aflorava Chaves (Flaviae) e seguia depois por Astorga (Asturica) à importantíssima zona portuária de Tarragona (Tarraco).

Os restos arqueológicos desta via são vestígios de um passado glorioso e recordam ao mundo que é verdadeira a canção:

BARROSO,
As tuas terras dão,
o mineral e o pão
viva Barroso!

Barroso,
Terra do pão,
Do minério e do carvão,
Viva Barroso! (Com música própria)

técnicas de produção de cerâmica) são as Cistas de que temos exemplares conhecidos e únicos, em Trás-os-Montes, na Vila da Ponte.

Depois desses ignorados habitantes primitivos provavelmente indígenas, vieram povos a que é costume chamar CELTAS cujos conhecimentos e modos de vida se enraizaram definitivamente. São os metalúrgicos: além de recolectores, de pastores e de agricultores passaram a dominar os metais, primeiro o cobre, depois o bronze (liga de cobre e estanho) e, finalmente, o ferro. Daí a facilidade com que ocuparam o mundo conhecido. Vários escritores da antiguidade consideram os Galli, Galatae, Galleci, Keltoi designações de povos com a mesma entidade étnica – os Celtas – e ocupando quase toda a Europa e a Ásia Menor.

Habitavam os castros que eles construíram muitos séculos antes da era romana. No concelho de Montalegre podemos distinguir facilmente pela análise dos restos de cerâmica e de outros objectos os castros romanizados e os “celtizados”. Ao nível artístico e artesanal os Celtas não têm paralelo. Os seus objectos de adorno, em ouro, prata, cobre, ferro e



Torques de Ouro - Castro de Outeiro

Com efeito daqui saíam enormes carroções de cereais (cevada, painço e centeio) e de minérios (sobretudo, estanho e oiro) que ajudaram os homens do Lácio a fazer de Roma o que ela é e a manter o império ao longo de meio milénio.

Memórias dessas eras são o Pindo, o Vinhouro, as Calçadas de Currais e de Espindo, as reformadas pontes de Campos, de Peireses e do Cortiço, os achados de inúmeras moedas – algumas colecções catalogadas e outras na posse de diversos particulares e ainda umas dezenas de marcos miliários que se encontram em diferentes locais da região e nos museus de Chaves e de Braga. Um desses marcos, dito Pedra do Caixão por ter sido reutilizado como sepultura, é dos mais antigos da Península e data do tempo do Imperador Augusto, alguns anos ainda antes de Jesus Cristo. Daí que a nossa via se tenha chamado Prima ou primeira.

Achados – Moedas

Os achados de conjuntos monetários mais importantes são os de Penedones (doze denários de prata que se perderam), da Vila da Ponte (cinco excelentes denários de prata e alguns bronzes médios), Minas da Borralha com mais de 3 mil médios bronzes e Montalegre, com mais de novecentas peças, quase todas denários com magro banho de prata. As moedas destes achados não ultrapassam o século III.

Da mesma altura são as aras votivas a várias divindades, que os romanos acolheram, como o Deus Larouco (Vilar de Perdizes); outras dedicadas ao deus Júpiter (Vilar de Perdizes e Chã); e outras mais, anepígrafas, em Pitões e Tourém. Ainda desses recuados tempos são as estelas funerárias cujo exemplar mais conhecido, segundo Hübner, relatava a morte de um tal “Camalo Mibois, falecido na idade de 46 anos” à descida para o rio Cambela, entre Vila da Ponte e Friães, junto da via romana.

Igualmente chegam até nós muitas sepulturas líticas–sinais indesmentíveis do atento cuidado que a gente de antanho punha no destino a dar aos cadáveres dos seus antepassados.



Antoniano em prata- cunhada em Roma entre os anos 244 d. C. e 249 d.C.

Anverso- IMP M IVL PHILIPPVS AVG

Busto do imperador Philippe I, com barba, coroa radiada, vestido com toga e virado para a direita.



Reverso- ROMAE AETERNAE

Alegoria para a esquerda, sentada num trono sobre escudo, tem um ceptro na mão esquerda e sustém uma pequena vitória na direita.

Os rituais funerários são diversos e vão mudando ao longo dos tempos. Por isso cumpre-nos somente colocar à discussão a análise destes monumentos num contexto arqueológico e histórico.

O homem das cavernas nascia e morria nas cavernas. O primeiro destino do cadáver terá sido o abandono; todavia, a inumação e a incineração são referidas desde as mais remotas eras. Na verdade as antas ou dólmenes estão datadas desde cerca de 5.000 anos antes de Cristo!

As sepulturas líticas, de que nos cabe agora falar, são de dois tipos: as móveis e as imóveis ou fixas. É difícil afirmar qual dos tipos é mais antigo ou se são coevos. Os romanos incineravam e enterravam os seus mortos. O Imperador era incinerado numa pira enorme a que estava presa por uma corda uma águia. Quando a corda ardia a águia, fugindo ao fumo e aos cheiros dos líquidos combustíveis, subia ao Olimpo a entregar a Júpiter a alma do Imperador.

Os Lusitanos faziam-se cremar também. A partir do imperador Teodósio, caiu em desuso o hábito de cremar os corpos, pelo menos, das figuras públicas ou mais importantes. Porém, segundo a Lei das Doze Tábuas, os mortos ficavam fora dos muros das cidades: "Hominem mortuum in Urbe ne sepelito neve urito." O rito sepulcral do século VI, foi inovado pelo cânone 18 do 1º Concílio de Braga, em 561 que já impedia o enterramento nas igrejas: "Aprouve que os corpos dos defuntos por nenhum modo se enterrem dentro da basílica dos santos". A partir de então apareceram as sepulturas antropomórficas do lado de fora das igrejas. Só as exceções, que sempre as houve, erguiam arcossólios no corpo interior dos templos de que são exemplo o sarcófago de Covas de Barroso e vestígios de um túmulo em Covelo do Gerês.

Há muitas sepulturas líticas móveis, talvez os monumentos mais antigos, e sepulturas fixas. Das móveis temos exemplos em Bobadela, Sapiãos, Bustelo (Vila da Ponte), Tourém, Pitões, Santo Adrião (Montalegre) e, sobretudo, os enigmáticos arcões graníticos de Salto, a merecerem um estudo mais atento.

Das fixas, que normalmente aparecem em grupos, temos várias necrópoles: no Cristelo da Seara (Salto), entre Penedones e Parafita (Vila de Mel), em Penedones, sobre a aldeia, junto à Capela de Santo Amaro (Donões) e perto da Capela da Senhora de Galegos do Cortiço (Cervos) e de Antigo de Arcos.

O património histórico-arqueológico do concelho de Montalegre conquistou, ao longo dos séculos, um lugar de grande importância. Analisemos alguns exemplares começando pela arquitectura militar de que é memória única.



**Vaso de bronze que continha
957 moedas romanas - Montalegre**

O Castelo de Montalegre

É uma das mais sólidas e bonitas fortalezas fronteiriças da Península Ibérica. Conjunto de majestosas proporções que reflecte uma inextinguível adaptação ao coroamento granítico onde foi erguido, foi construído, sem qualquer dúvida, pelo último rei conquistador – D. Afonso III: «... e vós povoadores deveis dar à minha escolha um cavaleiro fidalgo natural do reino que vença 500 soldos, o qual me faça homenagem do meu Alcácer (Castelo) quando eu aí o edificar e o mesmo cavaleiro deve ser aí meu Alcaide – Mor ...» Esta citação integra o texto do foral, datado de 9 de Junho de 1273. D. Afonso III viria a morrer, aos 70 anos, no dia 16 de Fevereiro de 1279. E teria o rei-conde construído o Castelo nesses cinco anos e meio de vida? Temos hoje a certeza documental, sem margem para dúvidas, de que assim aconteceu: o Castelo foi erguido entre 9 de Junho de 1273 e 24 de Abril de 1281! Porquê? Porque a 24 de Abril de 1281 (ano segundo do reinado de D. Dinis, filho de D. Afonso III) o jovem monarca mandou passar “Carta de Arras”, isto é, do dote, à futura Rainha Santa.

Fica assim documentalmente provado que o Castelo de Montalegre já existia em 1281, contando pelo menos 733 anos.

Compunha-se o imponente roqueiro de três torres, em semicírculo de nascente para poente sendo a daquele lado a de Menagem, a do meio, dita do Relógio e a última e mais pequena, a da Pólvora ou do Paiol.

Mais tarde, ergueu-se a belíssima torre dionisina que exhibe, a mais de vinte metros de altura, elegantes maticões ameçados tal como a dita torre e também a torre afonsina que foi a primeira Torre de Menagem.



Vista do miradouro- Montalegre



Conjunto arquitectónico medieval - Igreja de Santa Maria, 1ª Matriz e Castelo de Montalegre

Toda a parte norte e noroeste do Terreiro era defendido por enormes cubelos redondos, fora da fortaleza propriamente dita, que permitiam a defesa do mais fácil acesso ao reduto, por meio de seteiras quase ao nível do solo.

Integrando o memorável conjunto estava (e está) a Igreja do Castelo, e primeira matriz, sob o orago de Nossa Senhora da Assunção. Tal como o Castelo também a Igreja sofreu os ataques e destruições que as guerras sempre trazem mas, no exterior, tendo servido de suporte de bebedouro público, de água potável, está uma pedra de armas primitivas que parece revelar as insígnias reais de D. Afonso III. É muito possível que a matriz antiga, situada no aro do segundo cordão de muralhas, seja da mesma altura do castelo mas as reconstruções não deixaram evidências que o provem.

A actual torre de menagem assenta o seu primeiro piso, a cerca de cinco metros do solo, numa abóbada granítica; os restantes pisos poisam em travejamentos e soalhos de madeira.

Sobressaem do conjunto, a vinte e cinco metros de altura, elegantes balcões ressaltados sobre mísulas com bueiros e sem cobertura (que era de todo desnecessária dada a altura a que se situam) mas de vigorosa fábrica e decorando os cunhais e o corpo cimeiro das fachadas da Torre de Menagem, à excepção da fachada poente.

Ao mesmo nível estão gárgulas salientes em forma de cabeça de leão. Acima dos matacões havia merlões nos caminhos dos ventos galegos.

No terreiro interior aparece-nos a profundíssima cisterna, forrada de cantaria, destinada a conter milhões de pipas de águas pluviais. À sede não parece possível que a guarnição viesse a render-se em caso de cerco por mais duradouro que fosse!

As quatro torres estão ligadas pelo adarve, muitíssimo robusto e escoreito, com porta a nascente, (talvez com parapeito subido e ameias pentagonais à face exterior para defesa específica da citada entrada e reforço da cintura defensiva da cidadela). É extraordinária a profusão de siglas, dentro e fora, na torre de nascente. Era assim que os nossos hábeis canteiros assinavam as obras que produziam para honra e glória de Barroso e de Portugal.

É muito possível (e há indícios que o atestam) que o adarve corresse, agora em varanda de madeiramento, até às entradas da Torre de Menagem (o acesso que agora tem é um expediente sem lógica) e das torres nascente e do relógio. Tal construção corporizaria um trecho de elevado valor estético que o edifício merecia, mereceu e devia continuar a merecer!

O Castelo, ex-libris monumental da nossa terra e das nossas gentes, desafia ainda a fúria dos elementos naturais e o vandalismo dos homens e recorta orgulhosamente as suas vetustas torres e muralhas no horizonte antropogeográfico do sagrado chão da capital barrosã. Bendito seja!

Floresceram também no aro barrosão:

- a) A Torre de Seirrãos,
- b) O Castelo da Piconha,
- c) Castelo do Portelo,
- d) Castelo de O Gerês e
- e) O Castelo de São Romão

Em Portugal, tanto ao longo da raia como no interior, os Castelos, cuja fundação histórica se desconhece, aparecem normalmente devido à necessidade de defender as terras que se iam reconquistando aos mouros. É mais que certo que seja essa a razão da existência de pequenos castelos ao longo do nosso território. No que respeita a Barroso e Montenegro há-de ser essa a origem dos baluartes fortificados como Santo Estêvão, o Gerês, Gouveia, Seirrãos e São Romão, sendo que estes últimos foram todos obra da família dos Barrosos a quem serviram de quintãs por várias gerações.

Qualquer um deles ainda existia e era habitado (do de Gouveia restava memória certa) ao tempo das Inquirições de D. Afonso III, em 1258, como se pode provar documentalmente. Aliás, O Gerês (a que agora se aplica o galeguismo mais que estúpido Juriz) assentava num rochedo idílico, junto do rio Beredo, muito mais bem situado e protegido que a actual povoação de Pitões. Gozava ainda da proximidade de água mais que suficiente.

O Gerês constituía uma freguesia sob a invocação de São Vicente como atestam as ditas Inquirições. Referido ao Castelo não há qualquer documento mas subsistem orgulhosamente os alicerces do edifício, abertos ao longo do rochedo e, querendo nós, podíamos reconstituir fielmente as suas linhas originais e elaborar o respectivo projecto, ao nível do solo.

Já, em relação ao Castelo de São Romão a história é outra. Além do traçado da sua planta também no morro granítico onde assenta, vem sendo destruídos, há poucas décadas a esta parte, os panos de muralhas que resistiam, bem como a cisterna. Não falam dele as Inquirições de D. Afonso III, mas dedicam-lhe significativas palavras as de D. Dinis, de 1290. Sabemos mesmo quem era, em 1308, o seu Alcaide – um tal Fernão Gonçalves. Do mesmo modo, sabemos que o Alcaide de Montalegre era, na mesma data, Rodrigo Anes, por ambos terem sido testemunhas da Carta de Confirmação do Foral, feita talvez, em 20 de Novembro de 1306.

Nem os Castelos nem as povoações vizinhas de O Gerês e São Romão são já lembradas no Numeramento de D. João III, em 1530, sinal evidente de que, nesses duzentos anos, desapareceram completamente ou se deslocaram os seus habitantes para as povoações vizinhas.



Perspectiva nocturna do Castelo de Montalegre



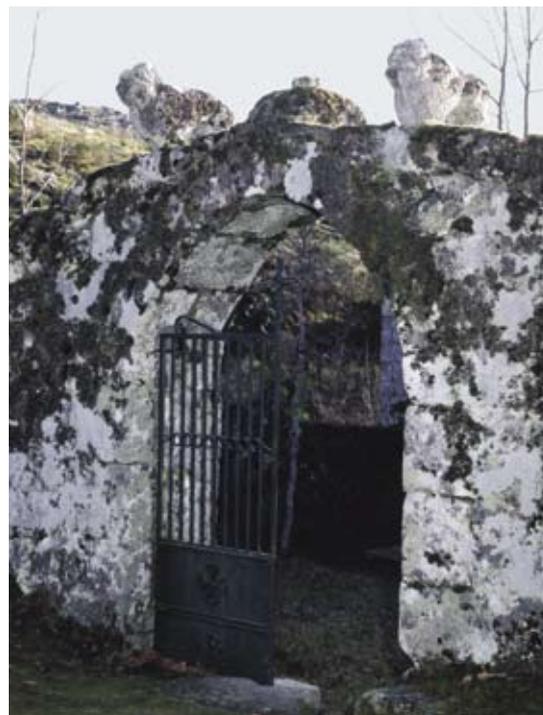
Roteiro do Românico

O Mosteiro de Pitões

O tipo construtivo que floresceu após o ano mil foi o chamado estilo românico por ser proveniente da junção de arte bizantina com a arte romana. O edifício tem planta de dois rectângulos, nave única e ábside e segue fielmente, apesar das injúrias dos séculos, dos temporais e do abandono, o plano-tipo das abadias cistercienses, como se pode verificar através das estampas da *“Peregrinatio Hispânica”*.



Interior da fachada principal



Pórtico do cemitério

É uma construção de evidente equilíbrio, apesar de reconstruída em diferentes épocas, girando as suas partes à volta da igreja, paralela à qual fica a ala do refeitório, cozinha, forno e despensa. Na planta baixa temos, partindo da cabeceira da igreja, sacristia, sala do capítulo, enfermaria e oficinas. Sobre esta ala, sobranceiras à ribeira, ficavam as celas dos monges, logo após a do abade. Ao centro destas construções era o claustro.

Coroa a empera da fachada um campanário muito elegante com duas sineiras gêmeas de arcos de volta inteira, com desiguais aduelas contrarrestadas por estribos muito justos.

Os pés direitos e a divisória das sineiras exibem canais que acompanham todos os bordos, ao abrigo do soffito simples das abas salientes, onde descansam os saimeis dos arcos e, no ângulo poente, um rebuscado relógio de sol⁸. Sobre o conjunto estende-se uma cimalha bastante parecida com a da base onde se levanta um remate imponente ladeado por pináculos iguais aos da fachada da igreja. Toda a fachada constitui uma arrojada tentativa de exaltação mística.

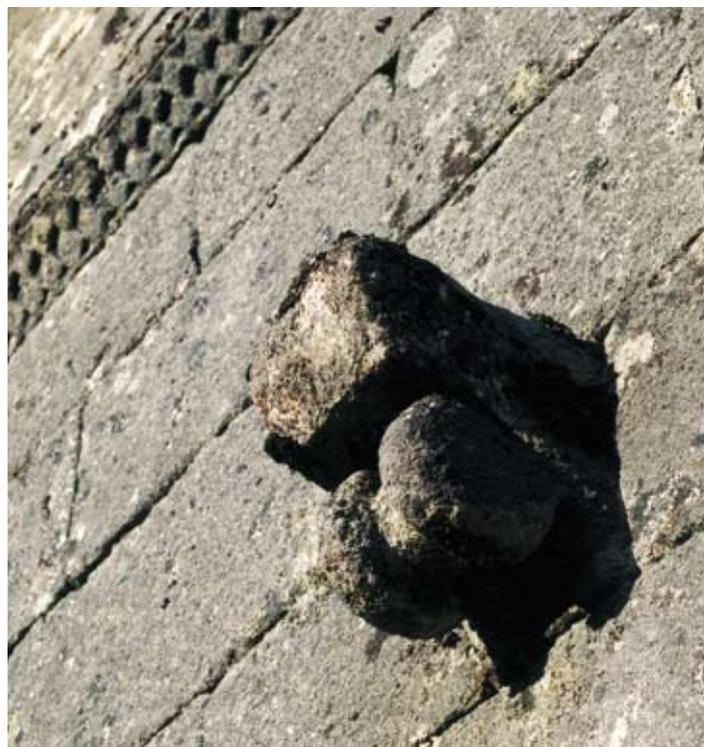
É um pórtico muitíssimo harmonioso, bem característico dos monumentos românicos⁹.

⁸ A pedra do relógio tem na metade superior a forma do escudo heráldico e, na metade inferior, numa base abaulada em que se abre um ornato muito belo semelhante um rolo de papel aberto com a data 1777.

⁹ M. L'Abbeé- J. Bourassé, *Archéologie Chrétienne*, 7ª edição, Tours, 1967, pp. 185,186 : «As portas constituíram o objecto de predilecção dos escultores; desde o décimo século que foram sumptuosamente decoradas».



A estirpe do românico Barrosão



Um Modilhão (pormenor) no paramento lateral

Apresenta duas arquivoltas circuitadas por um friso de canais de pronunciado boleio, gradualmente saliente para o exterior. A arquivolta exterior, de perfeito e simétrico entrançado, é bordejada inferiormente por singelo mas encorpado cordão. Após o costumado recuo de cerca de um palmo aparece a arquivolta interior ainda mais simples e lisa.

Sobrepunhando impostas de esmerado labor as arquivoltas repousam em pés-direitos que constituem o próprio paramento e que, em reentrância de ângulo recto, determina os pilares em cujas mochetas assentam a padieira e o tímpano. Na padieira repete-se, em duas filas, um quadripétalo cujo desenho muitas vezes se identifica com as cruces terminais das igrejas românicas. A região timpanal divide-se em três domínios: ao centro, duas circunferências concêntricas sendo que na menor se inscreve uma cruz pátrea¹⁰ em que os espaços entre os respectivos braços são vasados; a cada lado, três pequenos círculos igualmente vazados definindo triângulos equiláteros.

Um pouco acima e a meio do extradorso da arquivolta maior abre-se uma fresta rudimentar que, no interior, produz aceitável efeito.

A imposta, elemento arquitectónico de labor atento, é uma faixa corrida e saliente, muito bem decorada que percorre horizontalmente todo o paramento da fachada, saindo da base do tímpano até às esquinas com as fachadas laterais. Percorre também o mesmo espaço interior, mas aí, por vezes, o elemento decorativo é uma dupla espiral. Creio que, o que aliás era corrente, a imposta determinava (antes das primeiras “beneficiações”) a separação dos pisos do templo, ao nível do coro e do púlpito¹¹.

Perfilados a meio das fachadas laterais, e separados alguns metros uns dos outros, restam cinco modilhões de cada lado, todos de tocante arcaísmo e singelamente ornados, como aprazia ao patrono S. Bernardo. Com efeito, é intrigante verificar que todo o bestiário, por vezes fabuloso, que costumava figurar nos modilhões, gárgulas e capitéis, aqui não existe. De duas, uma: ou as «beneficiações» a que o edifício foi sujeito retiraram todas as figurações ou, como afirma Bourassé¹²: “Ao deixar a espada, a mão dos homens do norte não foi muito hábil a usar os instrumentos de arquitecto”.

10 Cruz heráldica cujos braços levemente côncavos vão alargando para o exterior e que alguns confundem com a cruz da Ordem do Templo e, talvez por isso, tenham associado o nosso mosteiro aos Templários.

11 O coro não existe e o púlpito é remendo tardio em cuja base aparece a inscrição de uma foto seguinte.

12 Op. Cit. Pág. 121.

Vamos, contudo, observar um dos modilhões, situados, como se disse, a meio dos panejamentos da nave. Do lado do claustro, no sentido da ábside, o primeiro é vazio, o segundo apresenta um xadrez, o terceiro mostra duas grossas rodas ligadas por não menos avantajado eixo, o quarto, numa trança simples e o quinto, também vazio.

Do lado do cemitério: o primeiro é vazio, o segundo tem um hemisfério quadripartido, o terceiro é uma série de rectângulos sobrepostos de diferentes dimensões em crescendo, o quarto com duas figurações semelhantes à do segundo cachorro, e o quinto é como o terceiro mas com menos rectângulos.

Segundo a leitura de Upjohn-Wingert-Mahler¹³ o nosso mosteiro parece estar mais perto da chamada escola Normanda do românico ocidental. Em boa verdade, são constantes os elementos decorativos que os citados estudiosos consideram característicos daquela “escola”: “Esferóides”, “barriletes” e “dentes de serra”.

É óbvio que os modilhões de Pitões nunca poderão servir de prova do românico tanto mais que a sua posição a meio dos paramentos laterais há-de ter duas leituras diferentes: dir-se-á que, enquanto no alçado voltado para o convento, os cachorros poderiam servir de suporte ao vigamento do andar superior, sobre o claustro, no alçado do cemitério não passariam de objectos decorativos, aliás assimetricamente colocados.

Todavia urge dedicar alguma atenção a um ponto que ninguém referiu até hoje: a retaguarda da ábside revela parte do segredo da vida destas *opus francigenum* ao longo dos séculos... No sítio que outrora fora o cume do outão esqueceram os monges artistas uma linda cruz apoiada num cachorro esculpido... Será o que resta da primitiva cachorrada ou o que resta das primitivas esculturas românicas? Inclino-me para esta hipótese dada a semelhança de feições e ausência de vida que as imagens revelam! Esta exhibe uma espécie de folheado onde é suposto haver pescoço, no plano da cornija, como alguém que permanecesse para sempre vivendo o mistério das águas do ribeiro que logo abaixo se despenham na infernal cascata.

Foi então que o telhado de duas águas sobre a abóbada do altar-mor, de modo a evitar infiltrações¹⁴ se transformou numa só água para dar seguimento à cobertura do primeiro andar do convento¹⁵.



Janelão gótico da capela-mor



Cruz inédita da época medieval

Um pouco para a esquerda, onde outrora teria sido a Sala do Capítulo notam-se ainda, entre duas pequenas janelas inferiores, os sinais muito evidentes de anteriores serventias.

Parece certo que se havia perdido a técnica da escultura desde o século VI. Reinventara-se no românico deste período, meio milénio após.

13 Upjohn, Wingent, Mahaler, A História Mundial da Arte, 2, Bertrand, 9ª edição, pp. 162-163.

14 Pela humidade existente no interior da ábside é certo que o telhado não cumpre a sua obrigação.

15 Como se prova pela fotografia...



Coluna do púlpito com inscrição gótica

Visto e atento o irrealismo da imaginária românica inicial, como adjectiva Henri Focillon, é possível que a estátua do janelão do cemitério (que estaria de pé num qualquer pedestal ou servindo de coluna) e justamente considerada objecto de culto, ali se reutilizasse para não se perder nem ultrajar. De igual modo se procedeu com as sepulturas líticas móveis existentes que serviram de banca e de caldeiras para recolha de água potável na cozinha.

A meio do espaço entre os modilhões e a cornija corre, um pouco saliente, uma bonita imposta, ao longo de quase todo o pano. Apresenta-nos como ornato os sempre citados “dentes de serra”. É acima de todo este friso que se abrem as seis rústicas frestas do templo.

A nave apresenta ainda duas portas laterais muito semelhantes, enfrentadas. Os tranqueiros, a cerca de três quintos da sua altura, inclinando-se, apertam a entrada. Remata a abertura um tímpano simples em que aparece a cruz pátia do pórtico. Uma arquivolta singela circuita o conjunto, ao nível dos paramentos.

Finalmente, depois da nave, a ábside. Trata-se de obra nitidamente posterior e em que foram abertos dois lindíssimos e avantajados janelões: um, incongruentemente, na cabeceira absidal – sítio onde se costumam ver esguias frestas para arejamento e iluminação; outro, a nascente, quase no enfiamento do altar-mor.

Ambos levam um arco de ponto subido, em evidente transição para o gótico, em que os rebordos boleados, tanto o interior como o que fica ao nível do paramento acompanham simétricos canais. No janelão do cemitério o boleado interior nasce de bases em forma de rodela sobrepostas. Parte do espaço inicialmente definido para o janelão foi depois tapado por um bloco de cantaria de larga dimensão e, sobre ele, encurtando algo mais a abertura, um outro bloco esculpado. Os falsos colunelos laterais e

os canais que os acompanham, abraçam na ponta do arco um círculo em cujo interior se admira um belo trifólio vasado. A esquadria de ferro crava-se na escultura deitada que serve de peitoril e que continuará a ser um enigma – uma rude manifestação de arte escultórica de inexpressivas feições...

O janelão da cabeceira foi ainda mais reduzido depois de feito. Entre a janela rectangular e a ponta do arco inicial, bem distinguível, aparece um bloco de granito bem trabalhado e cujos elementos centrais são também o trifólio vasado inscrito no círculo. Sob este conjunto aparece uma fresta horizontal recuada e ladeada de duas bonitas bases de colunelos. Ao cimo da empena outra bonita cruz.

É de saber que as malfadadas “beneficiações” não devem confundir-se com as modificações devidas ao fluir do tempo e estabelecem notórias diferenças de estilo – convicção que decorre não só da elegância e tamanho dos janelões atrás descritos (em que a elevação do arco afirma já a arte ogival) mas ainda pela existência da abóbada.

O diagrama abobadal do amator permite as seguintes observações: dada a independência da ábside servem de contrafortes os muros da nave e das outras construções do convento. Contudo tais ajudas não existem do lado do cemitério com o ribeiro, à cabeceira. Por outro lado a nossa abóbada quase parece desmentir as definições de Moore quanto aos elementos estruturais do gótico de transição: é uma abóbada quadripartida... que alteia em excesso os arcos formeiros, o que, revelando indiscutível habilidade técnica, permitiu ignorar-se o contraforte como elemento estrutural ou o butaréu e lançou as nervuras desde capitéis (ou não) muito simples e muito fundos, a menos de metro e meio da base.

Restos de antigas glórias, quase ao nível do pavimento lajeado, abre-se um cofre? ou lavatório? na parede, não longe do lugar onde fora a porta da sacristia e do armário.

De todo o conjunto sobressai também o moinho, extremamente rústico, o claustro – restos de impressionante elegância – a entrada do cemitério e a cozinha, de feição utilitária e onde se ergue uma extraordinária chaminé bem digna de curar os salpicões de suas reverendíssimas.

É verdadeiramente estranhável que uma igreja de glórias sofra assim, indiferentemente, este afrontoso estiolar.

Ora, sabendo-se que o Mosteiro de Nossa Senhora das Unhas, em Pitões, é uma das raríssimas jóias da arqueologia religiosa românica de Barroso, parece legítimo e urgente exigir um remédio eficaz para a poética construção de nobres crónicas e linhas... Deveria ser-lhe feita uma operação de envergadura (a reconstrução inteligente e fiel) e eliminar as mal serzidas remendices que desfeiam o venerando convento de a par Mourela.

E o Mosteiro de Pitões poderá voltar a ser o paradigma dos monumentos cuja primeira característica é a sobriedade explícita, é a fidelidade perfeitíssima de adaptação às asprezas recatadas da serra inóspita onde tomou assento.

A desatendida natureza da construção serrana e fronteiriça, lá vem resistindo às injúrias do tempo e das várias espécies de selvagens.

Ainda bem que resiste porque é a estirpe do românico barrosão e aguarda uma monografia conscienciosa.



O que resta do claustro do Mosteiro de Santa Maria das Unhas



As Igrejas, Capelas, Alminhas e Cruzeiros



Igreja de S. Pedro de Morgade

Vestígios de estilo românico nas Igrejas de S. Vicente da Chã, Viade e Tourém. É justo salientar que diversas outras igrejas datam dos primeiros tempos da monarquia e seriam incluídas nesse estilo. Acontece que foram sofrendo remodelações – muitas vezes a fundamentis – que as descaracterizaram.

A última grande febre dos arranjos deu-se nos princípios do século XVIII e, por isso, os edifícios exibem datas dessa altura. Por exemplo: Pondras -1725; Santo André- 1813; Vila da Ponte – 1710, etc.

Contudo, a maior riqueza das nossas igrejas encontra-se no interior: tanto em muitos dos seus santos que escaparam à usura de sacristães, padres e “homens-bons”, como na talha que as orna, sendo que uma boa parte dela se deve a ignorados artistas autóctones. Merecem algum realce certos exemplares como Salto, Santa Marinha, Covelo, Vila da Ponte, Viade, S. Vicente, e sobretudo, pelo ruralíssimo e humílimo conjunto de talha de S. Miguel de Vilaça.

Só o concelho de Montalegre tem mais de cento e cinquenta capelas com quase outros tantos oragos. Não há praticamente povoação que não tenha ao menos uma, mesmo tendo a sede de freguesia.



Alminhas de Sabuzedo

As alminhas são o dobro, mais ou menos, das capelas e algumas de singular aspecto. Destacam-se as alminhas de Sabuzedo.

Os cruzeiros são mais de 60 e se lhes juntarmos os calvários ainda existentes com as cruzes das estações da via sacra serão três vezes mais.

Destacam-se o de Salto, Pondras, Mourilhe, Codessoso de Meixedo, de Montalegre, o da Interdependência da Vila da Ponte, Negrões, Meixedo, Sabuzedo, Santa Marinha, Santo André, Penedones, Antigo de Serraquinhos, Sezelhe, Travaços do Rio, Vila da Ponte, Bustelo e Parafita!

Das ermidinhas, que o estro de Junqueiro abençoa, destacamos quer pela beleza paisagística do local, quer pelo encanto do conjunto “Construção humana e Natureza envolvente”: Nossa Senhora das Neves (São Lourenço) e São Tiago (Fafião), na freguesia de Cabril; Senhor do Alívio, em Salto; Senhora do Monte (Serra do Barroso); São Frutuoso (Montalegre); Santo Amaro (Donões); Santa Marinha, em Vilar de Perdizes; S. Domingos, em Morgade; Nossa Senhora de Galegos, no Cortiço (Cervos); São João da Fraga, em Pitões; São Lourenço, em Tourém, e Nossa Senhora da Vila de Abril, em São Pedro (Contim).

Este tema merece uns volumes que um dia se farão, sob o título de *Barrosania Sacra!*



Igreja matriz de Salto



Capela da Senhora da Saúde - Vilar de Perdizes

Património Natural

Clima - Terra Fria



Pôr do sol sobre a neve, Monte da Avó - Padroso

Barroso constitui uma região, desde a medievalidade, ocupando cerca de mil e cem quilómetros quadrados de superfície. Enquadra-se na chamada TERRA FRIA TRANSMONTANA pelo que é zona de contrastes climatéricos, com estios de temperaturas elevadas e invernos ventosos e frios.

A sabedoria popular local lembra-nos a propósito do clima:

“nove meses de Inverno
e três de inferno”;

e acrescenta:

“para o mês de São João
guarda-se o melhor tição”.

Para confirmação deste último rifão, dizem ainda:

“primeiro de Agosto, primeiro de Inverno”.



Carrilheiras de Barroso - percursos pedestres



Larouco - Capital Mundial de Parapente 2003

Porém, aquilo que antigamente constituía uma forte razão para não se fazerem visitas a Barroso e, por extensão, a Montalegre, que diziam ser terra de gelos e neves que cobriam caminhos e casas por meses seguidos:

“Nos meses que tenham R, não vades a Montalegre” - passou a ser um motivo fortíssimo de visita. Um nevão arrasta multidões a Montalegre.

Na origem primeira de tudo isto está a orografia única de Barroso que o isolou durante milénios, sobretudo após os romanos, com o esboroar dos caminhos e pontes, sob o domínio bárbaro. Porque é um planalto cuja altitude média sobe acima dos oitocentos e tal metros, rodeado “de píncaros que se vão às nuvens,” como escrevia o inefável Frei Luís de Sousa, em leve declive para Nascente e Sul. Ao longo da linha da fronteira com a Galiza temos o Larouco (segunda serra, em altitude, no continente e onde nasce o segundo maior rio nacional – o Cávado); temos as serras da Arandela e da Mourela que ligam pelo noroeste com o Gerês; a Serra do Barroso, também dita Cornos das Alturas, eleva-se até aos 1280 metros bem no centro da região, dividindo agora os concelhos de Montalegre, Boticas e o extinto de Vilar de Vacas (Ruivães); pelo Poente, Sul e Nascente circuitam o território Barrosão as serras da Cabreira, da Seixa, do Leiranco, do Ferro e da Olga.

Rasgam-no quatro bacias hidrográficas mais significativas: a do Cávado pelo norte, a do Beça pelo nascente, a do Regavão pelo centro do território e a do Cabril pelo ocidente.

Como se vê não falta aí absolutamente nada (em termos físicos) para transformar este espaço em Ecomuseu: uma ideia de salvaguardar o património natural, cultural, social, económico, visando contribuir para o desenvolvimento dos seus habitantes, respeitando e valorizando a sua cultura activa e actuante.

Os mais valiosos recursos do País Barrosão são a sua gente, a sua cultura e as suas tradições. Urge que os mais esclarecidos e os responsáveis de todas as vertentes da administração pública não deixem abastardar o nosso património seja ele arqueológico, seja religioso, seja natural ou cultural.

Temos vários locais de interesse ambiental único; temos actividades artesanais e técnicas tradicionais com carácter próprio no amanho das terras agrícolas; termos rituais de vida individual e comunitária que é preciso e urgente preservar.

Preservar e expôr, mostrar, discutir, divulgar e dar a conhecer a identidade barrosã, é transmitir às gerações vindouras os valores sagrados da barrosanidade.



Vela na albufeira do Alto Rabagão



A natureza em estado puro - Vila da Ponte

O clima de Barroso é de tipo continental – rigoroso mas não excessivo, com índices pluviométricos altos, bastante frio no Inverno e calor demasiado no verão.

As águas sempre foram suficientes para o triplo da população actual; com efeito, nós ainda nos recordamos de Montalegre ter o triplo da população actual. Todavia, o nosso modo de ser pacífico e de boa vizinhança, a existência de milhares de hectares baldios e a ambição cega de arrivistas e dos dirigentes estranhos vão contribuindo para inverter perigosamente esta situação. Temos consciência de que a água se está a tornar um bem de primeiríssima necessidade e cada vez mais valioso. E, por isso, começamos a temer que a nossa índole de povo solidário e naturalmente respeitador do segundo mandamento, nos leve a sofrer o descontrolado efeito de ambições estranhas. Foi o que sucedeu com as construções megalómanas das barragens... Perdemos então uma boa parte dos nossos melhores solos agrícolas e nascentes. Continuaremos a ser ludibriados no desvio das águas represadas? Alguns dos melhores vales estão debaixo de água. Ora, a principal fonte de subsistência dos barrosões era o gado graúdo que exige pastos permanentes: os lameiros. Os mais dos que agora temos são pasteiros abertos e sem rega ou mal regados a que também chamamos poulas. Perdemos muitos lameiros vedados e bem regados que eram destinados a produzir forragens abundantes para a longa invernia. Da mesma forma, muitos terrenos de cultivo de milho, nos vales ou encostas mais abrigados, davam origem à feitura de enormes medas dos caules do cereal. Sem tais produtos torna-se muito difícil manter grandes manadas de vacas sem recorrer às rações industriais. As vacadas que há, agora, são de meia dúzia de lavradores por cada lugar, em vacarias à moda estrangeira e comem necessariamente produtos importados e bem pagos!

Ao contrário do que se poderia pensar, o gado vacum exige que o possuidor tenha determinados bens e se dedique, portanto, à agricultura. Por outras palavras, a agricultura exige a posse contínua da terra enquanto a pastorícia sobrevive capazmente nos baldios. Porém, a pastorícia era actividade dos mais pobres e acabou ou vai acabar com o fim dos subsídios; e a agricultura para lá caminha!

Sinais evidentes disso são a morte eminente de alguns outros vestígios do comunitarismo: os fornos do povo, as eiras comuns e os moinhos de herdeiros. Há já muitas dezenas de moinhos em completa ruína no nosso concelho.

As Manchas Florestais

Há, em Barroso, nomeadamente no concelho de Montalegre, algumas manchas florestais dignas de menção e, sobretudo, de atenção. Por um lado representam um valor económico a ter em conta e, por outro lado, são uma importantíssima mais valia ecológica pela riqueza paisagística e biológica, pelo interesse anti-erosivo visto que, como o aro montanhoso, tais manchas se relacionam estreitamente com os índices pluviométricos da região.

São também dignas de referência as várias manchas arbustivas de pequeno porte, mas sobretudo, as manchas nobres de carvalho, de videiro e de pinheiro nas lombas mais elevadas.



A força das cores do Avelar - Montalegre



Vidoeiros em Cepeda

O Gerês, a Água e a Serra



Lagoa glaciária do Marinho - Gerês

Uma das atracções do concelho de Montalegre é que, uma quarta parte do seu território, mais de 200 quilómetros quadrados, integram o único Parque Nacional do País, o da Peneda-Gerês. Dele fazem parte seis freguesias num total de dois mil habitantes distribuídos por vinte e seis povoados.

Serve-lhe parcialmente de fronteira o rio Cávado que recebe águas de vários ribeiros do Parque e fazem, em cada recanto, a sedução dos visitantes: o Rio Mau que une as freguesias de Seselhe e Covelães; o rio Campesinho que, depois de lavar os pés ao Mosteiro de Pitões, se despenha em rumorosa cascata; o rio Cabril que desce das brenhas infernais entre as Minas dos Carris e a Garganta das Negras e nos brinda com as mais belas piscinas naturais do mundo, escavadas no granito; e, por fim, o rio Fafião ou Toco que corre abruptamente entre penedais e arvoredo e lança as águas na barragem de Caniçada.

Os recantos do Gerês-Barrosão são verdadeiros polos de atracção turística ainda conhecidos de muito pouca gente, pela variedade e raridade das suas paisagens e, sobretudo, por uma biodiversidade verdadeiramente assombrosa:

a) a sua riqueza geológica, que é enorme, continua mal explorada devido à dificuldade de acessos. A sua riqueza litológica é evidente, como demonstram as minas abandonadas dos Carris e do Borrageiro. Os seus granitos, ou antes, as formações pegmatíticas são extremamente abundantes e nos filões de maciços eruptivos encontram-se jazigos com alguns minerais muito apreciados pelo coleccionismo: o topázio, o berilo, a água-marinha, a turmalina, a magnetite, a volframite, a scheelite, as granadas e também minerais de tântalo, de nióbio, de lítio. Encontram-se ainda belíssimos exemplares de quartzo hialino, ametista e quartzo defumado e de ortoclase, de biotite, moscovite e outros mais.



Picanço de dorso vermelho - macho

b) A sua riqueza faunística vai sendo falada nos compêndios: corços, lobos, porcos bravos, lebres, a águia-real, falcões, milhafres e uma variedade de pássaros sem conta; entre os rastejantes são dignos de menção a víbora, a salamandra, o lagarto de água e as lagartixas; contam-se ainda muitas outras espécies como os garranos selvagens, fuinhas, toirões, ginetas, lontras, o bufo-real, a coruja do-mato, o mocho-galego, etc. Muitas são as espécies de aves e répteis como o picanço-de-dorso-vermelho e a víbora-de-Seoane que têm no concelho de Montalegre uma das suas únicas áreas de ocorrência a nível nacional.

c) A sua riqueza florística é fenomenal pois tem povoamentos florestais espontâneos a que só agora se dá protecção; destacam-se os bem protegidos azevinhos, medronheiros, amieiros negros, carvalhos negrais, os arcaicos teixos e arbustos como a tramazeira, a caldoneira, a urze, a queiró e a giesta e o zimbro, flores como o lírio, a daboécia e a abrótega. É, sem dúvida, no Gerês a vegetação mais rica das serras de Portugal.



Mocho Galego



Medronhos



Lebre



Picanço - fêmea

As Águas



Ponte velha no Rio Salas - Tourém

Para além do Parque Nacional a natureza continua presente em Barroso. Nos grandes planaltos nascem os rios, como é o caso: na segunda maior serra nacional – o Larouco, nasce o segundo maior rio nacional – o Cávado; ali bem perto nasce o Regavão e logo ao lado o Beça – três rios extremamente ricos que a administração pública alienou prejudicando os montalegrenses: neles se fizeram enormes barragens para fornecer energia aos grandes centros e às zonas industrializadas mas o fornecimento de energia que nos reservaram é deplorável; depois, via Serviços Florestais e Aquícolas, lançaram nas nossas águas espécies assassinas de peixes que levaram à extinção os maravilhosos e incomparáveis escalos e trutas indígenas; as gigantescas albufeiras ocuparam alguns dos nossos melhores vales de cultivo e de forragens. Enquanto isso, o barrosão emigra...e “come o pão que o diabo amassou pelo mundo além”! Agora vem aí outra “agressão” se os homens bons desta terra (a começar pelo Presidente da Câmara) se não acautelarem!...A mãe de todas as barragens barrosãs – a Barragem de Pisões – vai dar água a metade do distrito de Vila Real! Primeiro ficámos sem os campos, agora pagamos a energia (fraca e incerta) tão cara como os mais e, mais tarde, nem campos, nem peixes, nem água!!! A ver vamos!

Apesar de tudo ainda temos mais de mil fontes por esses recantos e algumas, que abasteceram as povoações, merecem uma visita! São as fontes de mergulho ou de chafurdo: em Mourilhe, Arcos, Vila da Ponte, Meixedo, Telhado, Viade de Baixo... Quase todas as povoações tinham a sua.

Essas mesmas encostas que assistem impavidamente ao murmúrio das águas correndo para os vales ainda guardam religiosamente os seus penedos mais famosos. Tão famosos que, como as águas e as encostas, as árvores e os homens, os bois e os campos, também foram baptizados e têm nome. Em Barroso tudo tem nome, tudo recebeu a água lustral do baptismo. Por isso dizemos que este chão é sagrado, muito antes das divinais e correctivas visitas de Frei Bartolomeu dos Mártires.



Rio Rabagão





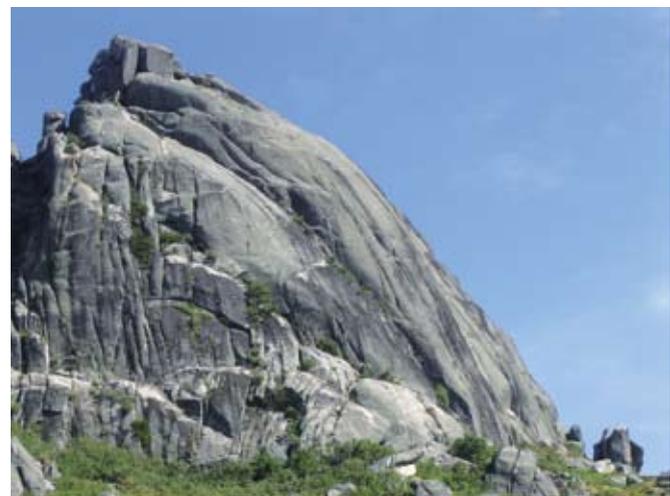
Os Penedos



Penedos na invernia - Padroso

São célebres por conterem inscrições ou gravados e, portanto, históricos: O penedo de Rameseiros, o afloramento de Caparinhos, o Altar de Pena Escrita (Vilar de Perdizes), O Penedo dos Sinais (Viveiro-Ferral), o Penedo do Sinal, o Penedo da Ferradura e a Pedra Pinta (Vila da Ponte), o Penedo de Letra (Gralhas), o Penedo de Pegada (Ferral).

São igualmente célebres por serem incomuns: o penedo do Esporão (S. Lourenço Cabril), a Laje dos Bois (Lapela-Cabril) o Penedo da Pala (Cela-Outeiro) o Penedo da Caçoila (Pedrário-Sarraquinhos) A Casa dos Mouros (Morgade), o Penedo Sagrado (Salto) A Mesa do Galo (Borralha-Salto), o Penedo da Caldeira (Vila da Ponte), o Castelo (Fervidelas), A Fraga, os Cornos da Fonte Fria, Altar de Cabrões (Pitões), o Altar da Moura (Frades-Cambezes) A Pedra Bolideira (Ponteira – Paradela), o Penedo do Touro (Chãos-Cabril) “ ao abrigo dele se podem defender das inclemências do tempo mais de duzentas cabras”, os Pedralhos (Vila da Ponte) onde escreviam o nome os emigrantes para o Brasil, alguns dos quais nunca regressaram à terra, a Pedra da Gola Furada e a Pedra que Tine (Seselhe), o Penedo Buraco da Serpe (São Ane - Cabril) e uma infinidade de outros mais ao longo do concelho de Montalegre.



Brazalite - Pitões das Júnias

Património Construído

A Casa Barrosã

A habitação barrosã actual vai perdendo dia a dia as características da nossa arquitectura tradicional. A base dessas construções era o granito local que agora vai sendo substituído por outros materiais, conquanto haja exemplos abundantes inspirados nos arquétipos da região. Por via da regra, tais exemplos são igualmente incaracterísticos porque não passam de péssima imitação das obras de brasileiros de trona-viagem do século XIX, com dois e três andares e até águas furtadas. A aplicação de novos materiais verifica-se também nos canastros, capelas, abrigos para o gado e até nos caminhos. A nossa casa integrava uma povoação aglomerada à roda dos lugares de culto e não longe de água, na linha dos hábitos ancestrais dos castrejos nossos antepassados. Aliás, o povoamento barrosão é, maioritariamente, não só semelhante como está assente sobre os castros de há três mil anos. É significativo que a povoação se aglomere e concentre sobre o Outeiro, Oiteiro, Eiteiro, Iteiro, que tudo é um e significa o sítio do *altarium*, o altar. Muitas das actuais povoações nunca mudaram de sítio, nasceram junto do altar e lá continuam, bem integradas na paisagem.

A casa do lavrador tem, normalmente rés-do-chão e primeiro andar. No rés-do-chão são as cortes dos animais (e às vezes, a cozinha, e no primeiro andar os sobrados e a sala.

São poucas as que exibem uma varanda para a rua. Geralmente têm uma porta carral para o pátio interior.

Em consequência desta “evolução/revolução” a arquitectura moderna vem desfigurando a fisionomia das nossas povoações com o emprego de materiais industrializados, coloridos e berrantes.



Construção típica de Barrosão - Pitões de Júnias



Palheiro sobre cortes de gado - Tourém



Colmadores no Pisão de Paredes do Rio

Esta mudança anti-tradicional (e, não raro, anti - natural) deve-se a motivos de índole cultural provocados por cinquenta anos de obscurantismo; deve-se às técnicas agressivas de marketing e publicidade e ainda à rapidez da construção actual. Nos alinhamentos contíguos uma escada interior sobe ao primeiro andar em cujos compartimentos se entra através da varanda. Algumas, não obstante, servem-se de escaleiras exteriores em granito.

O pátio ou curral é quase sempre fechado, com porta ou cancela para a horta ou cortinha. No seu interior há as portas das cortes, da dispensa e, por vezes, do palheiro e tulinho.

O granito de cada zona (a carta geológica refere como principais tipos o de Montalegre - Pondras-Borralha, o de Vila da Ponte, o de Parada, o de Pisões, o de Telhado, e o granitoide de Seselhe) era o material de construção por excelência. Os telhados tanto podiam e podem ser de duas como de quatro águas. Mais de duas, geralmente com guarda-ventos. Hoje a cobertura é de telha; aliás, o colmo, no acto das debulhas que hoje se praticam, não sai em tão boas condições de ser utilizado como era antigamente.

A cozinha é a divisão primordial da casa barrosã. Ali se junta toda a família para comer, falar e fazer serão; ali se cura o presunto e o fumeiro; ali se erguia o caniço. As casas mais abastadas tinham ali o seu forno, ao lado da lareira. Esta recebe o fogo entre dois escanos, sobre um dos quais rodava a burra ou com a caldeira ou potes para irem ao fogo. Contra a parroqueira juntava-se a cinza de carvalho para fazer a barrela. Entre a borralheira e a parroqueira ficava o trasfogueiro de ferro, pedra ou madeira onde poisavam as achas a arder. Do escano, ou mesmo da parede, podia pender uma mesa para se comer no Inverno. Esta parte da cozinha é, muitas vezes, coberta por uma saia que se destinava a encaminhar o fumo para os enchidos (e, muitos anos antes, para o caniço das castanhas) e, por fim, para a chaminé exterior.

A Aldeia

O concelho de Montalegre é constituído por 35 freguesias e estas por mais de 130 lugares. Na generalidade são povoações pequenas, cada vez mais pequenas – metade das casas recuperadas ou novas e outra metade em ruínas.

Grassa entre nós a desertificação devido a uma administração pública monarquicamente centralizada, desde há novecentos anos, em que a distribuição da riqueza se faz à medida da gula insaciável da Foz do Tejo que tudo arrebanha, que tudo leva, que tudo consome. “Eles comem tudo e não deixam nada!”

Figurativamente Portugal é um polvo especial, de pequeníssima cabeça (e sem cérebro) e um capelo enorme que chega ao Porto; longuíssimos braços carregados de duas filas de ventosas que se estendem pelo território a partir do litoral: um vai a Caminha, outro a Vila Real ao longo do Douro por causa do vinho fino; o terceiro vai a Viseu devido aos queijos da Serra; o quarto à Cova da Beira; o quinto sobe pelo Tejo até às Portas do Ródão; o sexto entra pelo Alentejo até Évora; o sétimo desce ao Algarve e o último segue o Vale do Sado para admirar os golfinhos descendo o rio.

Demograficamente, os dez milhões de habitantes distribuem-se à proporção das ventosas mais activas: quatro quintos pelo vale do Tejo e pelo litoral e o restante quinto, que são dois milhões de habitantes, foi mandado aos quintos por esses ermos sem fim. São verdadeiros emigrantes dentro da sua própria casa e na terra que eles fizeram e fazem ainda.

Moram em casas de granito, algumas muito bonitas, mas a falta de educação estética e de outras educações, leva alguns a substituir os seus materiais por outros mais brilhantes e coloridos mas menos duradouros e eficazes.

Há várias povoações com núcleos de construções tradicionais, bem conservados, muitíssimo belos e dignos de ajuda para a melhor preservação do património construído.

Estão neste caso Fafião, Pincães, Salto (diversos lugares de freguesia) Currais, Vila da Ponte, Viade, Carvalhais, Cervos, Donões, Gralhas, Tourém, Pitões, Parada e Sirvoselo. Em todas elas há núcleos construídos dignos de integrar os roteiros de visita ao património que o Ecomuseu defende.



Junta de vacas barrosãs - Arcos



Merenda na Malhada - Parafita

construtivo das nossas aldeias, das próprias habitações e restantes edifícios. Assim a casa do lavrador costuma ter porta carral, pátio interior e primeiro piso com sobrados e sala, onde dormem os moradores e recebem as visitas. Não obstante, o compartimento mais importante é a cozinha. Aí se come, se passa a maior parte do tempo de ócios e se fazem os serões. Tem dispensa onde existe a salgadeira, os produtos alimentares secos (farinhas, feijões, batatas, enchidos, presuntos e o

As casas podem e devem ser divididas historicamente em dois grupos: os lavradores e os cabaneiros. Tais designações vêm dos alvares da fundação nacional: os Herdadores e os Cabaneiros. Cumpre esclarecer que o nosso cabaneiro não é o servo da gleba, não é o “homem” adstrito à propriedade como aconteceu noutras regiões. Esses eram homens/ força de trabalho mas os nossos sempre foram pessoas! Nalguns locais foram considerados coisas diferentes: “Nesses seis casais moram vinte e um homens e três cabaneiros”. E também: “Há ai quarenta e sete casais e três cabaneiros” - como explicam as Inquirições de D. Afonso III, de 1258. Assim se contrapunha o cabaneiro ao homem e ao casal – o que, entre nós, não acontecia. O nosso cabaneiro era homem livre, pessoa civil que possuía casa e horta conquanto não tivesse gados para contar: vacas, cabras ou ovelhas. Como hoje, o povo Barrosão que não possuía bens de raiz como os herdadores, servia quem queria e se não tinha mais independência era porque não eram muitos os terrenos produtivos. Escravos eram apenas os mouros cativos na guerra que não conseguiam remir-se. A liberdade era entre nós um princípio geral. Estas ideias ajudam a compreender o tipo



Canastro do milho - Vila da Ponte

galheiro do pão) e outros alimentos. Já a casa do cabaneiro é muito mais humilde. Fica muitas vezes pegada à do lavrador ou das suas cortes e combarros. Geralmente é térrea e tem apenas dois ou três (e às vezes apenas um) compartimentos: uma cozinha onde guarda o pouco que tem, aí come, dorme e arruma a lenha em que se empoleiram meia dúzia de galinhas que ganham a vida nas ruas e valetas. No tuguírio ao lado desta quadra dorme o seu porco.

Claro que hoje as mudanças aceleram ao ritmo da vida. Os cabaneiros emigraram, os lavradores mecanizaram as suas explorações e o ambiente habitacional e patrimonial mudou radicalmente.

Uma das construções sagradas da nossa terra era o Forno do Povo mas o seu uso tradicional já não existe. Pelo mesmo caminho de inexorável abandono irão outras construções igualmente sagradas como o Combarro, o Tullhão, a Eira e o Moinho.

E que dizer das profissões tradicionais?

Onde estão os nossos canteiros, os soqueiros, os croceiros, os ferreiros, os ferradores, os capadores, os colmadores, os seitoiras, os atadores, os amoladores, as costureiras, os albardeiros, os homens de arte que faziam molhelhas, engaços, malhos, sertãs e trempes; os carpinteiros que faziam carros de bois, grades, arados, rocas, espadelas, maços, dobaduras, berços e caixões; as parteiras, as mulheres de virtude, etc. etc?

Tudo vai desaparecendo a passos de gigante no rodar veloz dos tempos actuais.



Testemunhos do tempo - Santo André





Património Cultural

A Gastronomia



Presunto de Barroso



Galheiro do pão

Dizia o poeta “que todo o mundo é composto de mudança” e é verdade. Tudo muda. Porém, as pessoas continuam a correr atrás dos manjares da avó, daqueles sabores tradicionais cada vez mais difíceis de encontrar. Por isso valerá a pena recordar alguns pratos com o tal *quid* que faz a diferença e se pode chamar Barrosão.

Não se esqueçam da orelheira e do “Ranhão” (pé de porco) que são pratos obrigatórios no Entrudo, sempre acompanhados pela batata e a couve!

E que dizer dos rojões (sobretudo os de suentre) que se guardam em unto até ao Verão?

E o arroz de chouriço com espigos?

E a alheira com grelos?

E a costeleta (ou posta) de vitela barrosã com dois grãos de sal sobre as brasas?

Desde logo o cozido barrosão que originariamente levava carne de diferentes partes do porco (salpicão, chouriça, sangueira, e farinha) algum feijão, muita couve e batata, cenoura e nabo. E que dizer dos ossinhos da suã?

Quanto ao cabrito, se o animal comeu as nossas ervas e matos, acreditem no dizer popular:

“Quanto ao cabrito,
cozido, assado ou frito!”

O mesmo podíamos dizer da vitela que, por melhor boca ou mais *biqueira* criatura, ninguém a rejeita. Não se esqueçam que há séculos atrás estes pratos eram acompanhados, não com batata mas com castanha. Quando puderem, experimentem.

Mas há outros pratos dignos de memória: caldo de castanha; água quente de natas ou de unto; chouriça cozida ou alheira com grelos; truta com presunto, etc... Também nas sobremesas haviam delícias que estão postas de lado! Pobres modernices! O *palaio*, *pedro* ou *bucho*; o leite coalhado com mel; doce de castanha; doce de abóbora com nozes ou pinhões; amoras silvestres com mel e vinho, etc. E depois uma quantidade de compotas, geleia e até licores que faziam água na boca ao mais esquisito.

Façam encomenda destas especialidades gastronómicas e provem-nas que não tarda nada já voltam a encomendá-las e a comê-las.

O desenvolvimento turístico de qualquer região tem de assentar num conjunto de pressupostos de modo a reverter no interesse das populações residentes e nos visitantes.

Assim, tendo em conta que o turismo é hoje a maior indústria do mundo, há que ficar atento ao impacto económico (emprego, balança de pagamentos e de investimento) e ao impacto ambiental e sócio-cultural.

A globalização do comércio e das tecnologias dos meios de comunicação coloca uma série de desafios ao sector turismo a que urge estar-se atento. Não basta precavermo-nos quanto às infra-estruturas; é necessário que as pessoas adquiram saberes, acompanhem as necessidades dos visitantes, que sejam exigentes em termos de qualidade e informação.



Produtos de Barroso



Fumeiro de Barroso - uma sedução permanente



Folar feito no Forno do Povo de Santo André

As potencialidades ambientais e culturais da nossa região (que integra a Região de Turismo Alto Tâmega e Barroso) são enormes. Importa, por isso, passar da lógica territorial a que estamos apegados, à lógica de mercado de modo a suprir insuficiências e a variar as ofertas, através de programas integrados de desenvolvimento.

Vamos ter de receber bem quem nos visita! Vamos ter de promover uma política activa junto das populações em geral, sensibilizando-as para a importância do turismo na nossa economia regional!

Se não vendermos gato por lebre, temos futuro porque somos capazes de preservar o ambiente, os nossos valores culturais e as nossas tradições; porque o concelho de Montalegre tem os melhores ares do planeta; porque temos paisagens deslumbrantes, porque temos silêncios que falam na alma; porque temos locais para a meditação e para a aventura, espaços para actividades desportivas de competição e de lazer; condições para satisfazer os gostos mais exigentes na pesca e na caça; sendas para caminhadas na floresta e na montanha escavada; águas para se fazer vela em cenários paradisíacos, para canoagem e provas de remo e para a prática do esqui aquático; porque temos serras para o alpinismo arrojado e para o montanhismo familiar; temos um mundo para a gente jovem e outro mundo para a gente menos jovem.

Talvez nenhuma outra região europeia tenha tão perto e tão diferentes seis barragens à sua espera: Salamonde, Venda Nova, Paradela, Salas (Tourém), Seselhe e Pisões. Se é adepto das aventuras aéreas, procure a Papa-Ventos, associação que o acompanhará numas manobras de parapente ou asa-delta; se prefere as adrenalinas do pedal, coma bem para tentar fazer subidas iguais às da Torre ou da Senhora da Graça; se gosta do pedal das viaturas apareça nas manifestações de velocidade no nosso Autódromo; se quer paz no espírito e deliciar os olhos e o corpo todo, dê um mergulho nas piscinas naturais da Abelheira, no Parque Nacional.

Se não é isso que procura mas quer conhecer a nossa história, não esqueça: por aqui se forjou o arrojo, o ânimo e a força física dos primeiros portugalenses (os galaicos ou calécios) logo após, e mesmo durante, os primeiros avanços da Reconquista Cristã; por aqui se começou a fazer este “jardim à beira-mar plantado”; por aqui se referveu a índole característica dos portugalenses; por aqui se idealizou uma pátria:

“A mais ditosa e linda
Que ondas do mar
E luz do luar
Viram ainda!”

Em resumo, diremos que estamos muito razoavelmente servidos de infra-estruturas, a todos os níveis, para que os visitantes do planalto barroso fruam a natureza, os nossos espaços habitados, compartilhem o nosso pão de cada dia, as nossas alegrias, as nossas actividades, as nossas noites, os nossos silêncios, as nossas tradições e a nossa história.

Temos instalações desportivas diversas, instalações hoteleiras de variado tipo e nível de qualidade e bem distribuídas pelo território concelhio, piscinas, albergarias, hospital, clínicas, etc.



O melhor do Barroso servido à mesa

Usos e Costumes

Os usos e costumes dos Barrosões lançam as suas raízes no húmus ancestral do comunitarismo e este perde-se na noite profunda dos milénios.

Ainda o homem era um simples recolector de alimentos e vagamundeava por vales e encostas, ao longo dos rios e das matas e usava processos e instrumentos de entajuda. Depois de se instalar nas suas choupanas e arrotear as suas leiras refinou esses processos.

As vezeiras

Quando todos os braços de trabalho eram porcos para apanhar as castanhas e as bolotas; quando era necessário que todo o povo se dedicasse à ceifa do centeio, do painço da cevada ou à debulha desses cereais, então juntavam-se os rebanhos, as cabradas, os porcos, os cavalos e entregavam-se à guarda de um ou dois guardadores permitindo assim que vinte ou trinta pastores ajudassem na recolha dos produtos que lhes iriam servir de pão de cada dia.

Águas de Rega

Do mesmo modo se organizavam na divisão das águas de rega, na utilização do Forno do Povo, no pastoreio e engorda do Boi do Povo, na matança dos seus porcos, etc:

Pelo Santo André
Quem não tem porco
Mata a mulher!

Coutos

Claro que todos estes trabalhadores eram organizados democraticamente, ouvindo todos os vizinhos e o decidido nesses ajuntamentos (a que chamamos Couto), passava a constituir lei, sujeita a penas por incumprimento.

Durante milhares de anos estes usos, foram as leis desta gente indómite que tão depressa espetava a sachola no campo do vizinho para ajudar nas culturas como lhe espetava a sachola na cabeça se se via roubado ou ludibriado.



Tipicidade do lar Barrosão



Medas de centeio - Cambeses

O Pastoreio

A actividade pastoril e ganadeira, obrigatoriamente subsidiária da agricultura, é a base da economia local e deve-se a conceitos próprios de antiquíssimos regimes comunitários. A existência de “vezeiras” – gados apascentados sob regras democráticas próprias – indica como foi excelente a nossa coesão social, fruto duma organização jurídica específica e da qual, entre nós, restam documentos manuscritos, ainda que rudimentares, do Padre Diogo Martins Pereira, nascido em Pincães, em 1681.

Esclarece-nos o reverendo sobre as fórmulas comunitárias adoptadas pelas populações cabrilenses no sentido de enriquecerem as suas casas e de melhorarem os seus termos territoriais, nomeadamente, os baldios.

Entre outras coisas, descreve detidamente os diferentes lugares da freguesia de Cabril e o funcionamento das assembleias: o modo como resistiam a inimigos de fora parte, como apascentavam as suas vezeiras, como perseguiram os animais selvagens que consideravam prejudiciais, como faziam queimadas controladas para melhorar os pastos e como decidiram inçar alguns montes e corgas de outras árvores nobres e também de medronheiros com que evitavam os malefícios da erosão e de cujos frutos alimentavam os bichos e faziam aguardente.



O chibo da vezeira



Vezeira mista (cabras e ovelhas) - Gralhas

O Boi do Povo e as Chegas



Vitelos do Barroso

Para qualquer barrosão o boi é muito mais que o rei dos animais, é um bicho “sagrado” e o que mais genuinamente representa os modos de vida, a cultura e as tradições deste povo. Esta ligação ao boi vem dos princípios do mundo e vai continuar até à consumação dos séculos.

Também os egípcios, os minoicos, os persas, os gregos e os romanos alimentaram ligações muito estreitas com o boi mas nenhum deles vai tão longe como o povo barrosão.

Na mitologia Júpiter, o deus dos deuses, tomou a forma de boi para seduzir a bela Europa que acabou por entregar-se-lhe. A esposa de Júpiter teve de transformar-se em vaca para recuperar o pai dos deuses!

A própria bíblia, o nosso livro sagrado, refere-se ao boi em dezenas de passagens, desde o Génesis ao Apocalipse de São João. Na simbologia cristã, São Lucas, evangelista e médico, é representado pelo boi – o animal dos sacrifícios. Esta simbologia bem pode ser extensiva ao homem

barrosão pelos sacrifícios a que se submete cada dia e pela forma como se relaciona com este abençoado animal.

Na maior aflição, na implacável doença, na eminente sentença de prisão, a maior dádiva que o homem de Barroso poderia entregar, ao santinho da promessa e do milagre, era o bezerrinho que se criava com todo o amor. E o bezerro mais bonito, mais perfeito, havia de ser o boi do povo, o pai de centenas de crias do lugar e o orgulho da população. Por causa dele roubam-se canastros, tulhões e moinhos. Por causa dele o barrosão é capaz de matar e de morrer.



Raça barrosã - Animal de sentimentos



O desporto do Barrosão - A chega de bois

O boi do povo em Barrosão é o símbolo máximo da vida comunitária, da virilidade, da fecundidade, da força e da honra da freguesia.

No castelo de São Romão gravaram uma cabeça de boi, há milhares de anos, em sinal do culto que lhe devotavam; no século passado, os de Travaços do Rio, terra de memórias firmes e longas, gravaram a cabeça do boi campeão numa torre que lhe dedicaram. Não há muitas décadas, dezenas e dezenas de bovinos faziam novenas à roda da Capelinha do Santo António de Viade que os protegera de doenças e desastres.

As inseminações artificiais retiraram à “divindade de cornos” o poder dos testículos mas não impediram que os Barrosões continuem a praticar o seu desporto favorito que são as chegadas. Até estão organizadas num campeonato ao longo do ano! Se os leitores forem ao futebol, em Montalegre, verão a assistir umas cem ou duzentas pessoas; se esperarem para ver uma chegada de campeões, tenham cuidado!... não sejam atropelados por alguma multidão de cinco ou seis mil pessoas cheias de emoção!

Esperemos que os homens de hoje não deixem morrer as nossas mais vincadas tradições ligadas à nobreza deste excelente animal como pretende significar o monumento que lhe levantaram a norte da vila de Montalegre, em rotunda para o efeito! Se pretendem conhecer este desporto característico (que é o mais humano de todo o reino animal) leiam a Antologia das Chegadas que a Câmara de Montalegre mandou publicar.







Artesãos e Artesãs

Talvez seja preferível falar de artesãos do que de artesanato. Afinal, a par do Padre - Nosso e do Responso a Santo António, uma das primeiras coisas que a criança de Barroso aprendia, se rapariga, era bordar e fazer meia. Uma boa parte aprendia a tecer (há ainda grande quantidade de teares por essas aldeias) e a fazer tecidos, alguns dos quais lhes iriam servir de vestuário.

Então as nossas igrejas e capelas mostravam à saciedade que afinal as mãos das mulheres de Barroso embelezavam como nenhuma outra os seus altares de devoção. Lindas toalhas de linho laboriosamente rendadas, com motivos locais e de simbologia caracterizadamente cristã.

Desde sempre tivemos artesãos entre os melhores!

É ver a obra de Pedro Gonçalves “carpinteiro de Cambeses que depois casou em Salto” em cuja Igreja deixou “o taburno onde estão os Cristos na Capela do Senhor e o andor...”

É ver o que resta da obra do João Gonçalves Pintor, de Vila da Ponte (que fez a sua própria casa e cujas proporções deliciam ainda hoje os modernos arquitectos que a conhecem) pintor de nomeada que o distinguiu dos mais e passou a apelido de família. Artista emérito que fazia as tintas de óleo com que pintava as suas obras sobre madeira de castanho. São conhecidos apenas dois quadros seus: um das Almas do Purgatório e outro de Santo António de Lisboa.



Soqueiro - Paredes do Rio



Carpinteiro - Paredes do Rio

Foi provavelmente filho doutro artista que terá pintado, na viragem do século dezassete, à maneira *naïfe*, dois ex-votos que se encontram no santuário de Nossa Senhora do Viso, em Fontes, Santa Marta de Penaguião – local de devoção comparável ao Cristo de Orense, Nossa Senhora de Rocamadour ou São Pedro de Rates.

É ver a obra, tanto em pedra como em madeira, de José Bento Pereira, nascido em Pereira de Salto, e cujas peças adornam os nichos, altares e sacrários do Baixo Barroso, além do mais diverso mobiliário destinado a servir no pio e no profano.

É ver e conhecer a tríade dos Pintos de Donões que tantas obras nos legaram e pedem meças a qualquer artista; são verdadeiras obras-primas que ornaram ainda os altares de dezenas de igrejas, desde Montalegre a Chaves, Boticas e Valpaços. Foram exímios escultores, com algumas peças perfeitamente inéditas no nosso meio; foram pintores, douradores de altares e imagens, ensambladores e entalhadores. De todos estes exercícios guardamos espécimes de altíssima qualidade no nosso Concelho. O primeiro, *Bento Pinto Júnior* (1837-1922) tem obras em Donões, Fírvidas, Peirezes, Sapelos, Pedrário, Montalegre, Travaços, Cambeses e Viade; *Domingos José Pinto* (1874-1950) deixou obras na Vila da Ponte – a primeira imagem da Senhora de Fátima em Barroso- em Montalegre, Donões, Padroso, Nogueira (Boticas) e Bustelo, Vilarelho e Chaves (todas do concelho de Chaves); *António Teixeira Pinto* está bem representado nos quatro concelhos acima referidos, sobretudo na pintura e douramento de altares conquanto tenha executado diversas imagens.



Segada do centeio em Barroso

O Trajo Barrosão



Trajes festivos



Indumentária de pastor - capa de burel e croça de junco

Não é só no carácter amalgamado por mal conhecidas forças atávicas e sob as influências do telurismo que os barrosões são diferentes; não é só na gastronomia, nas paisagens, nos ventos, nos silêncios e nas melodias inebriantes da passarada; não é só no tipicismo das ancestrais tradições e ritmos de vida comunitária: também eram diferentes os barrosões pelos seus trajes e modos de vestir.

O traje era, acima de tudo, de dois tipos: de Inverno e de Verão. O homem, de Inverno vestia calça e casibeca de fazenda ou de burel sobre ceroulas e camisa de linho (por baixo do colete donde pendia uma corrente de prata ou ouro), e de estopa, com chapéu ou gorro e botas untadas ou socos ferrados (consoante se trate de gente abastada ou não – lavradores ou trabalhadores). Estes, usavam também croça de junco, chapeirão e polainas sobre meias de lã e socos tapados. Roupas exteriores escuras.

De Verão, tudo roupas claras ou mesmo brancas em que o linho e as saragoças eram comuns. Os próprios trabalhadores, nas malhadas e segadas usavam safões, ceroulas, camisas e dedeiras (espécies de luvas) tudo de linho.

Os trajes femininos (tirante o das meninas e mulheres de casas abastadas que eram realmente espectaculares devido à profusão de adereços) eram semelhantes aos dos homens nos tecidos que não, obviamente, nas formas. Lenço escuro na cabeça (com diferentes modos de uso, como o cabelo), blusa, saiote com algibeira, saia, avental, meias e socas ou tamanquinhas. Raríssima a mulher que não usasse um par de arrecadas e um anel. De Inverno era de uso obrigatório a capucha barrosã feita de burel, de saragoça e até de veludo negro.

De longe a longe ainda se tiram das caixas de roupa limpa estas peças maravilhosas.

As Lendas



Animação em noites de festa

As lendas constituíram desde sempre uma das mais fascinantes facetas da nossa cultura. A literatura oral barrosã conta, no seu impressionante espólio, com muitas lendas, algumas de inextinguível urdidura. Por isso, é a título de mero exemplo que contamos, aqui e agora, a lenda de Misarela, nas duas variantes populares mais correntes.

Como todas as lendas a sua principal característica é estar relacionada com a ponte, naquele lugar belo-horrível, e abordando um tema de invulgar premência para o barrosão medieval: a constituição de uma família numerosa, com braços para o pastoreio, para a lavoura e para os serviços caseiros.

É uma narrativa com razão de ser. O carácter étnico, ou seja, o carácter barrosânico desta lenda, é o carácter deste povo que a criou, que a acolheu e nela espelhou uma forma arcaica da liturgia do baptismo cristão.

É possível identificar aqui as características das lendas?

Terá um fundamento histórico a nossa lenda?

Sem dúvida! Desde logo a ponte sobre o Regavão que, de início, era de madeira e, talvez só no século XVIII, de pedra; depois o baptismo dos nascituros que teriam de se chamar Senhorinhas e Gervásios, conforme o sexo - nomes próprios de nobres figuras regionais, da parcialidade dos Sousãos, senhores da terra barrosã e das redondezas minhotas e galegas, no século X e XI.

Fica assim a nossa lenda situada no espaço e no tempo, duas características primordiais das lendas. Mas nela, como exige o maravilhoso popular dá-se o aparecimento do demónio e, igualmente, o maravilhoso cristão, na pessoa do padre que representa Deus.

Lenda da Misarela

Um fidalgo duriense (há quem diga um criminoso) fugia desalmadamente aos beleguins do rei que injustamente o perseguiram e acusavam de traições. Quando chegou à Misarela o Regavão ia de monte a monte, medonhamente tempestuoso pelas chuvadas invernais. Vendo-se acossado e sem poder passar a corrente pediu a intervenção divina e de todos os santos que conhecia. Em vão. Não conseguia prosseguir a fuga. Lembrou-se então de invocar o poder do diabo em gritos desesperados:

-“Satanás! Satanás!

Passa-me que te dou a alma!”

E o diabo, aparecendo num estarrinco do trovão, respondeu:

-“Passarás, passarás,
sem olhar para trás!”

No mesmo instante estendeu-se à sua frente uma ponte que o fidalgo (ou criminoso) atravessou. Mal pôs o pé na encosta fronteira, atrás de si, a ponte ruía com enormíssimo estrondo no abismo vertiginoso.

E assim fugiu à ira do monarca o tal fidalgo (ou criminoso) que decidira exilar-se em Barroso. Por aí viveu muitos anos ainda mas sempre roído de remorsos e angústias por ter dado a alma ao diabo.

Quando chegou a hora da morte mandou chamar o padre para se confessar. E contou-lhe o seu pecado. O padre absolveu-o, depois de exigir que confessasse toda a verdade e pensou que talvez fosse possível refazer a ponte sem grandes sacrifícios...

Tomou a caldeirinha da água benta e o hissope (há quem diga que foi uma laranja onde meteu água benta depois de lhe tirar do interior os favos por um orifício) e dirigiu-se uma noite ao local indicado pelo moribundo, invocando o diabo:

-“Satanás! Satanás!

Passa-me que te dou a alma!”

E repetiu-se a cena: o diabo (ao ribombar o trovão) apareceu e respondeu-lhe:

-“Passarás, passarás,
sem olhar para trás!”

Num ápice reaparece entre dois penedões enormes a ponte. O padre começou a atravessar aspergindo água benta sobre a construção! (Também se diz que largou a laranja a rolar pela ponte! Eduardo Noronha, na sua obra “A marquiza de Chaves” diz que o padre aspergiu água benta da caldeirinha com um ramo de alecrim).

E assim ficou benzida a ponte! Nesse mesmo instante o diabo desapareceu como aparecera deixando no ar fortíssimo cheiro a enxofre, pez e incenso (Noronha diz enxofre e salitre)... mas a ponte ficou de pé. Por isso há quem lhe chame Ponte do Diabo e Ponte do Salvador, mas para o nosso povo é a Ponte de Misarela, lugar mítico, mágico e sagrado.

As mulheres grávidas, com medo de abortar, dirigiam-se à ponte ao anoitecer e esperavam pacientemente que se verificassem duas coisas: que não passasse animal algum depois do pôr-do-sol e que a primeira pessoa a passar se dispusesse a baptizar o feto que trazia na barriga. Se tais condições se verificassem, a pessoa passante colheria das profundezas, com uma vasilha segura por uma corda, um pouco de água e, logo ali, regava o ventre da mulher desenhando cruzeiros e pronunciando ao mesmo tempo o ensalmo:

“Eu te baptizo pelo poder de Deus
e da Virgem Maria!
Padre-Nosso e Avê-Maria!



Ponte da Misarela - Sidrós

Se fores menina (menina)
Serás Senhorinha;
Se fores rapaz
Serás Gervás (Gervásio)”.

A verdade é que são ainda muitas as pessoas que carregam esses chamadouros, saídos das noites passadas na ponte da Misarela!

A ponte da Misarela não deve ser conhecida apenas pela sua lenda nem por ser um sítio de beleza admirável ou simples cartaz turístico. É um local histórico que nos honra como povo amante da liberdade e cioso do seu sagrado chão.

As numerosas forças napoleónicas foram aqui acoissadas, na muito tempestosa noite de dezasseis de Maio de 1809, às mãos de 800 paisanos barrosões, que esperaram em vão a chegada de reforços, porque as tropas anglo – portuguesas de Wellesley nunca chegaram. Desse facto há ecos no cancionero popular:

“Chorai meninas de França,
Chorai por vossos maridos,
Na ponte da Misarela
eram mais mortos que vivos!”

A ponte deve também ser recordada porque lá se deu, em 25 de Janeiro de 1827, um recontro importante entre as tropas realistas do general Silveira e as tropas constitucionais do coronel Zagalo.

Ainda na Misarela, no dia 18 de Setembro de 1838, se feriu a cruenta batalha em que os liberais, liderados pelo General Antas, derrotaram as tropas cartistas do marechal Saldanha, do duque da Terceira e do barão de Leiria.



Representação teatral da Lenda da Misarela



As Sextas-feiras 13 - dias de Bruxas

Venham a Montalegre que nós contamos-lhes histórias de Bruxas!

Após a queda do império romano e a conseqüente invasão dos bárbaros, a população peninsular noroestina (dominada pelos Suevos) estava dividida em católicos, arianos e pagãos: a classe dirigente era ariana; a população dos principais centros das dioceses era católica; o povo indígena das zonas rústicas e a ralé invasora eram pagãos, isto é, praticavam a idolatria ancestral, uma espécie de arqueocultura religiosa cujas raízes desciam às lamas das eras clássicas, pré-clássicas, proto-históricas e até pré-históricas. Mesmo depois de São Martinho ter convertido os Suevos e “publicado” o *De correctione Rusticorum* o povo rural (e mesmo algum clero) persistiu na prática de arquétipos gentílicos, de actos ritualísticos e de superstições. Essas superstições é o próprio São Martinho que as recorda: os cultos dos astros, do fogo, dos mortos, das águas e da natureza (das florestas, montes e trovões); os agouros e adivinhações; os ensalmos, exorcismos e encantamentos; os louros e ervas; os amuletos, feitiçaria, magia e sortilégios; a invocação de ídolos (como chamam aos planetas e aos dias da semana) e do demónio.

Pela prática destas mesmas superstições e pouco mais haviam sido executados o bispo Prisciliano e seis companheiros seus, cerca de 200 anos antes, nos finais do século IV.

Já não concretamente pela prática desses ritos e cerimónias, mas acusados de as terem praticado, foram presos, numa sexta-feira, 13 de Outubro de 1307, e condenados depois à morte na fogueira, mais de seiscentos templários.

É possível que tão iníqua e sinistra justiça do Papa de Avinhão que era Clemente V e do rei Filipe V de França, o Belo, tenham contribuído para manter viva essa mentalidade arqueotradicional que crê nos poderes da feitiçaria e dos maus olhados, sobretudo, em sexta-feira/13...

Em Montalegre são cada vez mais os “crentes” e juntam-se em lauto jantar, com vestimenta adequada cada sexta-feira-13. Não faltam as lustrações e libações (mas sem água) antes com maduros ou verdes e “queimadas” sacrificiais do alho, do sal virgem e da maçã na aguardente acompanhada liturgicamente com ensalmo a condizer:

Todos os dias 13, sexta-feira, são já um cartaz turístico da vila de Montalegre que arrastam centenas de pessoas dos concelhos vizinhos e mesmo de Chaves, de Braga e do Porto.



Sexta-Feira 13 - “Noite das Bruxas”

Ladainha da Queimada das Bruxas



O povo sedento pela Queimada

«Sapos e bruxas, mouchos e crujas,
demonhos, trasgos e dianhos,
espíritos das eneboadas beigas,
corvos, pegas e meigas,
feitiços das mezinheiras,
lume andante dos podres canhotos furados,
luzinha dos bichos andantes, luz de mortos penantes,
mau olhado, negra inveija,
ar de mortos, trevões e raios,
uivar de cão, piar de moucho,
pecadora língua de mã mulher
casada cum home belho.
Vade retro, Satanás,
Prás pedras cagadeiras!
Lume de cadávres ardentes.
mutilados corpos dos indecentes peidos de infernais cus.
Barriga inútil de mulher solteira,
miar de gatos que andam à janeira,

guedelha porca de cabra mal parida!
Com esta colher levantarei labaredas deste lume,
que se parece co do Inferno.
Fugirão daqui as bruxas,
por riba de silbaredos e por baixo de carbalhedos,
a cabalo na sua bassoira de gesta,
pra se juntarem nos campos de Gualdim.
Pra se banharem na fonte do areal do Pereira...
Oubide! Oubide
os rugidos das que estão a arder nesta caldeira de lume.
E cando esta mistela baixe polas nossas gorjas,
ficaremos librés dos males e de todo o embruxamento.
Forças do ar, terra, mar e lume,
a vós requero esta chamada:
Se é verdade que tendes mais poder
que as humanas gentes,
fazei que os espíritos ausentes dos amigos que andam fora
participem connosco desta queimada!...»

Factos



Vaso da Cista - cerca de 3.000 anos a.c.

“... Em quem poder não teve a morte!”

Este rincão sagrado que constitui o país barroso foi habitado desde há mais de 6000 anos como atestam os monumentos funerários que erigiram e o culto dedicado aos seus mortos desde a mais remota antiguidade. São inúmeros os exemplares desses monumentos ao longo do território do concelho de Montalegre! Muito significativas, referem-se a título de mero exemplo, as Cistas de Vila da Ponte, as “motas” da veiga de Montalegre/Meixedo e o grupo de antas da Mourela.

“Todos os caminhos vão dar a Roma!” - 20 anos a.c.

Ainda antes de Cristo o imperador romano Octaviano César Augusto mandou rasgar a *via prima* – a primeira estrada militar romana – que nos ligaria ao centro do

Mundo, Roma. É o que se infere leitura do marco miliário (agora chamado Pedra do Caixão) que se encontra no Museu da região Flaviense e apareceu perto da via, não longe do Senhor do Bonfim. (Ardãos)

“Sinais dos tempos”

Vários outros monumentos da romanização se descobriram e permanecem cá testemunhando a sua origem e finalidade: marcos miliários em (Padrões, Currais, Travaços e Arcos) aras romanas em (Vilar de Perdizes, Pitões e São Vicente da Chã) estelas funerárias (Vila da Ponte/ Friães), o célebre Penedo de Rameseiros (Vilar de Perdizes) e outros.

“Terra de encantos” - desde o ano 71

Do tempo das invasões dos bárbaros, mais concretamente do último povo que por aqui se instalou – os Mouros – guardamos na tradição popular milhentas lendas que carecem de recolha e publicação rápida antes que de todo se percam. Temos também certificado válido da sua estadia na toponímia: Aldeia, Alçaria e Caria, Alcácer, Albergaria, Albergue, Alfândega, Almoinha, Arrabalde, Atafona, Atalaia, Bobadela, Azenha, Mouro, Moura, Mourisco, Sarraquinhos, Nora, etc. Dos objectos de uso quotidiano, entre centenas de nomes: almotolia, safoes, açafate, açaimo, açafrao, acém, acepipe, açougue, açúcar, açude, açor, açucena, aguazil, alambique, alarido, alazão, albarda, albufeira, alcaçuz, alcatifa, alcatruz, alcavala, aldrava, alfaia, alfaiate, alferes e outros mil termos no alforge.

“O foral de Montalegre” - ano 1273

O quinto rei de Portugal - último rei conquistador- que foi D. Afonso III, concedeu foral a Montalegre e terras de Barroso, no dia 9 de Junho de 1273. É um documento que nos conferiu grandes regalias e privilégios!

“Padres casados ou solteiros?” - ano 1561

Dentre os decretos conciliares do Sagrado Concílio Tridentino releva, no aspecto dogmático, o decreto que declara que, tal como a Sagrada Escritura, também a tradição é fonte de Fé!

Ora, bebendo nós nessa fonte límpida e perene da tradição, fazemos fé que Frei Bartolomeu, cansado já da verborreia de tantos conciliares e enfasiado do jogo de interesses nas questões da primazia e da residência, tenha advertido o concílio com a famosa reprimenda:

“Os Ilustríssimos e Reverendíssimos Cardeais precisam de uma ilustríssima e reverendíssima Reforma!” Uma das primeiras acções do Santo Arcebispo Frei Bartolomeu dos Mártires, logo que chegou a Braga em fins de 1559, foi partir em visita pastoral a Barroso, no frígido Janeiro de 1560, apesar das vozes que tentavam demovê-lo. Foi então que conheceu o estado de ignorância religiosa e de duvidosa moral de muitos párocos, que viviam como lavradores e chefes de família. De seguida partiu para Trento, na terceira abertura do Concílio em 1561.

A sabedoria teológica, a erudição bíblica e, sobretudo, a argúcia filosófica de Frei Bartolomeu do Mártires te-lo-ão levado, durante a 23ª e antepenúltima sessão do Concílio, ao discutir-se o problema do Matrimónio e da Ordem – se os padres poderiam ou não casar-se – a vociferar perante os conciliares boquiabertos:

“Saltem Barrosani!” – Pelo menos os Barrosões. Perante as situações que conhecia era melhor que os padres de Barroso se casassem.

“Um bispo no exílio” - século XIX

Um bispo de Ourense, da importante família galega dos Quevedos, foi ameaçado de morte no advento do liberalismo (princípios do séc. XIX). Abandonou o Reino de Galiza e a sua catedral e exilou-se na povoação de Tourém.

Aí viveu em paz muitos anos porque, residindo nos limites da sua diocese, estava contido em país estrangeiro, onde o não podiam prender nem condenar.

“A Ponte da Misarela”

Esta ponte temerariamente assenta em penedos e sobre uma fecha (cascata) é uma construção mágica em que se fundem um maravilhoso cristão e um maravilhoso pagão das gentes de Barroso.

Também por isso foi o local escolhido para tira-teimas de forças nas batalhas:

- 800 Barrosões contra os Franceses de Sault, em 17 de Maio de 1809;
- De realistas contra constitucionais, em 25 de Janeiro de 1827;
- Dos liberais contra os cartistas, em 18 de Setembro de 1838.

“O último enforcado em Montalegre” - ano 1841

No dia 17 de Setembro de 1844 foi enforcado na Praça do Toural em Montalegre (hoje Praça D. Afonso III) em patíbulo aí erguido, junto ao “Carvalho da Forca”, José Fernandes, por alcunha o “Vagueiro” da Casa do gaio de Codeçosos do Arco, actual freguesia da Venda Nova.

“Aclamação de D. Miguel I, rei absoluto de Portugal” - ano 1846

Fez há dias 160 anos (18 de Junho de 1846) que a Ponte Medieval da vila assistiu ao espectáculo mais triste, ocorrido em Barroso, durante a Guerra Civil da Maria da Fonte que passou à história com o nome de “Guerra da Patuleia”.

Desde vários anos antes que se sucediam os pronunciamentos militares, as insurreições e os motins de agitadores e criminosos. Em Barroso também germinavam bigorrilhas e morgados lorpas, amanuenses corruptos e curas estúpidos.

Apareceram em Montalegre 150 homens (1/3 com armas de fogo e os restantes com gadanhas e fouce roçadoras) comandados pelo Padre António Teixeira das Quintas, o ex alferes “picador de cavalaria”, natural das Lavradas, Manuel Joaquim Teixeira e Bento Gonçalves dos Santos Moura, natural de Medeiros. Sobem aos Paços do concelho, proclamam Rei de Portugal D. Miguel I e lavram Auto de Aclamação nomeando Nova Câmara:

João Manuel, de Medeiros – Presidente

José Martins, do Cortiço – Vogal

António Alves, de Firvidas – Vogal

José Martins, de Medeiros – Procurador do Concelho.

Assinam o Auto Bento dos Santos Moura, de Medeiros, o abade João Batista Rosa, de Codessoso da Chã, o Padre António Teixeira, das Quintas, Manuel Joaquim Teixeira, das Lavradas, o Padre António Alves, de Cepeda, João Alves Dias, de Torgueda e António Monteiro, de Pinho.

Logo no dia 18 uma força de cavalaria comandada pelo Major António Teixeira Sarmiento marcha sobre Montalegre.

Aliciados pelos acima nomeados conspiradores uns “trinta ou quarenta paisanos que ali se achavam dispararam alguns tiros contra a guarda avançada e dispersaram precipitadamente” quando o pelotão de cavalaria entrava na Portela. Perseguidos os agressores que fugiam pelos juncais junto à ponte “lograram alcançar 6” que pagaram com a vida o seu louco atrevimento.

Pobres tolos de quem nem se sabem os nomes!

“Incêndios de Mourilhe” - anos 1854 e 1875

No dia 4 de abril de 1854 a povoação ficou reduzida a cinzas.

Reconstruída por subscrição pública, no minho e trás-os-montes, voltou a ser devorada pelas chamas, em 4 de julho de 1875, salvando-se apenas quatro casas e a igreja de s. Tiago.

“A Questão de Salto” - anos de 1914 a 1916

Entre 1914 e 1916 ocorreu a Célebre Questão de Salto. Foi o caso de um algarvio, eleito pelos eleitores do Minho, chamado Augusto José Vieira decidir agitar os ânimos da boa gente nortenha.

Assim, propôs (após a necessária campanha Caciquista no Minho) a anexação da freguesia de Salto ao concelho de Cabeceiras de Basto.

A batalha durou três anos mas no fim tudo correu como devia: Salto foi, é e será de Montalegre.

“Fronteiras (emigração e contrabando)” - desde 1960

Não há barreiras que barrem o caminho à fome, nem “machado que corte a raiz ao pensamento”. Por isso, ao longo dos séculos o Barrosão derrubou barreiras e fronteiras desde o séc. XII. Sirva de exmplo D. Pêro Gomes Barroso que levou a nossa terra para Toledo. Pelo séc. XVI até ao séc. XVIII o destino dos emigrantes era o Brasil; depois foi a América, o Canada, a Austrália; finalmente na década de 60 (séc. XX) invadimos a Europa: França, Alemanha, Luxemburgo, a Inglaterra e a Suíça.

O contrabando com a vizinha Espanha merece mil páginas de História Económica e Química!



Exposição de inauguração do pólo do Ecomuseu de Barroso - Pitões das Júnias

O último enforcado em Montalegre

Diz-se que quem conta um conto aumenta um ponto. Hoje, o conto não pára por aí. Há quem, ao recontar o conto e até a história, lhe aumente meia dúzia de pontos.

Todavia, o último enforcado em Montalegre constitui um facto histórico graças ao meu inolvidável amigo, José Jorge Álvares Pereira, que em boa hora decidiu resgatar às garras do mito e da lenda, atendo-se aos documentos escritos duma testemunha contemporânea e que assistiu à execução da pena.

O texto que aparece entre aspas é fruto da tradição, o que vai em itálico é do Padre José Adão dos Santos Álvares, que o publica na Revista Universal Lisbonense, tomo II, página 142-144, e que Álvares Pereira consultou.

Há apenas duas coisas que o próprio tribunal não dilucidou e que o pobre criminoso (como em toda a matéria acusatória) não se importou em esclarecer: é o nome oficial do criminoso e a confissão dos crimes de que foi acusado.

Na povoação de Codessoso do Arco (é este o verdadeiro topónimo) “nasceu, em 1815, José Fernandes, filho natural de Senhorinha Fernandes. Tinha uma irmã, igualmente filha de pai incógnito e a que a história não recorda o nome”. Estes Fernandes eram conhecidos pela alcunha de “Gaios de Codessoso” que, entre nós, as famílias também podem ter alcunhas.

Como o rapaz não se dedicasse a nenhum ofício e andasse sempre de vago, puseram-lhe a alcunha de “Bagueiro”. Aliás, é termo muito ofensivo, que se dá também aos burros e que o resto do país mal conhece enquanto tal. Os nossos dicionaristas ignoram-no por completo com tal sentido. Não admira pois que o próprio correspondente da revista, mas não o tribunal, lhe juntasse ao nome a alcunha “Begueiro”, pronunciada (e escrita) à moda do Minho. A verdade é que o homem, de 22 anos, de relações cortadas com o trabalho e sem rendimentos teria de arranjar meio de subsistir. “Roubava”.

Encontrando-se um dia na taberna das Alturas, viu ali entrarem para comer dois viajantes de Braga: a “viúva Inácia Joaquina e o menor Francisco Baptista”.

“Diz-se que tinham ido a Chaves buscar uns magros tostões que dois canteiros seus familiares ganhavam na reconstrução das muralhas. Comida a bucha, a mulher pagou e disse ao taberneiro: Graças a Deus que ainda aqui levo trinta reis! Saíram mas foram logo seguidos pelo Bagueiro que lhes apareceu, fora do povo, oferecendo-se para lhes indicar o melhor caminho para Braga. Quando chegaram ao descampado enorme, onde mora a Senhora do Monte, o Bagueiro pediu à mulher os trinta mil reis! Quando a viúva lhe ia a dizer que só tinha trinta reis, já caíra morta. O mesmo aconteceu ao rapaz logo a seguir. Foi preso, um mês depois, na taberna de Codessoso. Conduzido à Senhora do Monte, onde ainda estavam os cadáveres, confessou apenas que os tinha acompanhado. Foi julgado, quase quatro anos após o crime e condenado à pena de morte na forca. A execução da pena demorou mais um ano e meio; aconteceu a 17 de Setembro de 1844, devido ao pedido de clemência dirigido à rainha D. Maria II. Pedido rejeitado.

Corre entre nós a versão ridícula de que o condenado, já no patíbulo, terá pedido a presença da mãe para se despedir. Então, em vez do beijo de despedida, ter-lhe-ia cortado o nariz com uma feroz dentada. Episódio inventado e torpe.

A sentença resume-se ao seguinte: *É acusado o réu José Fernandes, solteiro, trabalhador... primeiro, de ter num dos dias do mês de Abril de 1838, na serra das Alturas, assassinado e roubado a Inácia Joaquina... e Francisco Baptista...; segundo, havendo-os previamente enganado... e fazendo-lhes crer que havia passagem de tropas nas Alturas (sic) e que deviam evitá-las; terceiro, de ter, na ocasião em que foi preso, em uma taberna do lugar de Codessoso da Venda Nova, no dia 21 de Maio 1838, sido encontrado com um pau de chuço, uma choupa e uma faca de ponta aguda.*



“Carvalho da Forca” - Montalegre



Campo Toural, Montalegre (Anos 50)

de direito criminal em que me fundo, condeno o réu José Fernandes, solteiro e jornaleiro do lugar de Codeçosos da Venda Nova, a morrer morte natural para sempre, levantando-se para esse fim uma forca no lugar do Toural desta Vila. Pague o mesmo réu as custas dos autos.

Audiência geral em Montalegre, 21 de Janeiro de 1842.

João Carlos de Oliveira Pimentel

O autor do relato desta execução é o padre José Adão dos Santos Álvares que também se assinava José Adão dos Santos Moura. Foi filho do médico José dos Santos Dias, ambos naturais do Cortiço, freguesia de Cervos. O Padre, ao tempo, paroquiava São Vicente da Chã e era correspondente de várias publicações além da Revista Universal Lisbonense. Ao enviar a notícia 3502 à Revista prestou-nos um excelente serviço enquanto barroões e cidadãos. Contudo, comete pequenos lapsos exclusivamente devidos ao isolamento em que as povoações viviam. E parece que soou a hora de relatarmos apenas o que realmente é, sem ofensa para ninguém, nem receio de dizer a verdade.

O réu chamava-se José Fernandes, por alcunha o Vagueiro, filho de Senhorinha Fernandes, da casa dos Fernandes, por alcunha os Gaios, de Codessos do Arco, antiga freguesia de São Simão e, agora, lugar da freguesia de São Pedro da Venda Nova. O vocábulo Bagueiro foi importado do Minho. Os Barroões, querendo significar o animal de carga, o burro, dizem vagueiro, ou melhor Bagueiro. E era assim que chamavam ao José, dos Gaios de Codeçosos – o Bagueiro!

Veio o réu da cadeia da Relação, no Porto, (onde alguns anos depois foi cair o célebre romancista Camilo mais a sua paixão). Trazia uma escolta de cinquenta soldados de Infantaria nº2 e foi despedir-se de sua mãe e da irmã a Codeçosos continuando em direcção à Capelinha da Senhora do Monte. “Consta que a sua infeliz mãe, uma desgraçadinha viúva o seguiu longo tempo na mais viva consternação e que obrigada a tornar para trás, caiu de cama onde se conserva”. Assim se rejeita a tradicional cena do beijo uma vez que a mãe não assistiu à execução.

O Bagueiro chegou a Montalegre, “no dia 13 de Setembro de 1844, pelas 10 horas e entra logo na prisão. Fuma constantemente e bebe água”.

Dia 15, ao meio-dia, chegam os executores; ele vê-os das grades da prisão e deixa a meio a refeição. Prestam-lhe apoio religioso (e psicológico) quatro padres, revezando-se ao longo do dia.

Circunstâncias agravantes apontadas no libelo:

... ao se encontrar junto aos cadáveres dos assassinados um chapéu velho pertencente ao réu;

... se ter visto a este nos últimos dias do mês de Abril um capote velho cor de pinhão que algumas pessoas asseveraram tê-lo visto ao falecido Francisco Baptista;

... sendo conduzido o réu ao lugar em que se achavam os cadáveres... já meios consumidos e devorados, ali confessou ter acompanhado os referidos indivíduos assassinados por caminhos transversais;

... finalmente, ... o réu padece notas de opinião de ladrão, salteador e assassino.

Alusão do juiz à defesa do réu:

- Defende-se o réu alegando que é um cidadão bem comportado, que ganha a sua vida honestamente por meio do trabalho e que nunca padeceu notas de ladrão, salteador ou assassino e que nunca usara de armas defesas e que as que foram encontradas na casa em que foi preso não eram suas.

- Portanto, pelo que dos autos consta em vista da decisão do júri e os princípios

“No dia 16 ouve três missas e comungou. A seguir deita-se e perde quase todo o alento de que vinha dando mostras. Para o fim do dia revela extremo abatimento; mostra-se compungido mas resignado; recita jaculatórias e beija repetidamente um crucifixo; não come, só bebe água. Enquanto batem as horas, conta-as e faz saber o tempo que lhe resta de vida. Reconcilia-se várias vezes porque quer morrer como cristão”.

“Diz-se que, de madrugada, as sentinelas adormeceram e ele veio ao Toural ver o patíbulo onde seria executado. Regressado à prisão acordou as sentinelas e disse-lhes que não fugira porque queria pagar os seus erros e ser recebido no paraíso”.

No dia 17 voltou a confessar-se. “São onze e meia; chega a irmandade da misericórdia e os executores com alva e corda entram; não desanima; vestem-no, cingem-lhe o barão; ele se presta com toda a resignação e ajuda a acomodar as voltas da corda na prisão das mãos; saem para a praça do Toural, a pequena distância, a misericórdia com o painel de Nossa Senhora, um minorista com um crucifixo voltado para o padecente; segue-se este caminhando a pé acompanhado dos eclesiásticos... e os dois executores de casaco e calça preta... Chegam à Capela de São Sebastião, na dita praça onde o capelão da misericórdia celebra o santo sacrifício da missa; aqui o padre Manuel Caetano faz uma alocução ao réu e ao povo toda de sentimento e compunção... Dirigem-se para o centro da praça onde se ergue o patíbulo... o padre reza e exorta a uma forte confiança na protecção da Senhora e com breves e patéticas orações o anima a subir.

Simões, o executor mais novo, o esperava já no cimo do patíbulo. O padecente pede novamente água, e depois ele próprio, com voz sonora e inteligível pede perdão a todos: dá adeus ao mundo, implora a protecção de Maria Santíssima... cede custosamente o crucifixo; lança-lhe o algoz o capuz.

... num choro geral e extraordinários alaridos dos espectadores anunciaram que tudo estava consumado. A execução diz-se que fora pronta; mas não tanto quanto por ventura o pede a humanidade.

O cadáver foi pela Irmandade da Misericórdia conduzido ao cemitério da Matriz”.

A tudo isto assistiu, às carrachuchas de seu pai, uma criança de sete anos que foi meu avô. Dizia ele que a administração concelhia envidava esforços no sentido de que cada família se fizesse representar nas execuções das penas de morte “pela cabeça de casal” e o seu herdeiro mais jovem mas “em idade de razão”. Fica assim justificada uma assistência de cinco mil pessoas, o que constituía um terço da população residente no concelho de Montalegre por esse tempo.

A título de nota marginal, cumpre saber que estiveram presentes dois executores, vulgo carrascos. Um deles era o carrasco oficial e legal, natural de Capeludos de Aguiar, de seu nome Luís Negro. Foi um facínora abominável e soldado dos dragões de Chaves. Condenado à morte na forca viu a sua pena comutada em prisão perpétua ao aceitar, com paga por cabeça, o ofício de carrasco no funcionalismo dos tribunais. Mas, afinal, o Negro não tinha a alma tão negra como o pintavam! O padre José Adão não quis ver a execução toda mas nós sabemos que quem lançou o capuz ao réu foi o Simões (figura sinistra que pensamos ter sido um tal José Ramos Simões, assassino confesso e condenado à pena máxima. Foi-lhe também comutada a pena por ter aceitado ser executor de Alta Justiça. Era ele a quem o Negro pagava para lhe fazer o serviço e, pelos vistos, fazia-o bem por ser de avantajada estatura. Lançou-se, abraçado ao condenado, para que com o seu peso a morte lhe chegasse mais depressa. O Luís Negro, carrasco legal, pagava portanto do seu bolso a quem fizesse tal serviço e desse o fatal abraço ao condenado! É o que diz o Visconde de Ouguela no seu trabalho “O último carrasco”; o Camilo, nas “Noites de Insónia”, o dá a entender e o padre José Adão na sua notícia para a revista e eu aprendi de meu pai e tios.

De todo o modo, o Luís Negro não levou muito trabalho, desse dia em diante, com execuções, a norte do Mondego. Com efeito, só pagou e recebeu estipêndio em mais duas execuções: a do Manuel Pires, natural da Rua, concelho de Sernacelhe, salteador e assassino conhecido por Russo da Rua, enforcado a 8 de Maio de 1845. O último acto rancoroso do comportamento ferino do Russo deu-se “quando já pendente nos ares e cavalgado do verdugo, mordê-lo rijamente na perna esquerda!” Dessa dentada safou-se o Luís Negro! Finalmente, a 19 de Setembro de 1845, no Largo do Tabulado, em Chaves, assistiu à execução de José Maria, o Calças. Andava, por esse tempo, muito acesa a luta contra a pena de morte. Para crimes políticos somos nós os pioneiros pois abolimo-la, em 1852 e para os crimes civis, em 1867.

Todavia, após a Patuleia foram rareando as condenações à pena capital e essas eram comutadas em penas perpétuas ou de degredo para as costas de África.

Mas Luís António Alves, por alcunha o Negro, executor de Alta Justiça, cumpriu integralmente a sua pena pois morreu na cadeia do Limoeiro, na primavera de 1874, vinte anos depois do Vagueiro de Codessoso. Paz às suas almas.

Figuras

Há criaturas que pelas suas qualidades únicas servem de modelo aos comuns mortais e servem de título às diferentes páginas da História dos povos. Barroso também as tem. Dentre umas boas dezenas sobressaem os que aqui elencamos:

1. **D. Gomes Mendes, de Barroso** (séc. XI - XII), neto de D. Gueda o Velho, todos senhores de Barroso. D. Gomes foi rico – homem do Conde D. Henrique e D. Teresa e depois de seu filho D. Afonso Henriques. Ou ele ou seu pai construíram a Torre de Seirraos que foi solar da família por muitas gerações.

2. **D. Egas Gomes Barroso** (séc. XII - XIII), filho do antecessor, foi rico – homem de D. Sancho II e D. Afonso III e ao serviço do Bolonhês e de elevada idade, acompanhou D. Fernando, o Santo, à conquista de Sevilha, em 1248.

3. **D. Gomes Viegas** (séc. XIII), filho de D. Egas, fez quintã em Basto, dando origem à família desse nome, originária dos Barrosos. Antes de abandonar Barroso fez um filho na filha de um escudeiro, chamado Pedro ou Pero. D. Gomes Viegas foi um dos mais indefectíveis aliados do Bolonhês, a par dos seus aparentados Briteiros. Enquanto o Rei D. Sancho II combatia os mouros, os fidalgotes “minhotos” traíam, conspiravam e cometiam todo o género de abusos e tropelias. D. Gomes Viegas e Rui Gomes de Briteiros estiveram no Concílio de Leão onde foi deposto o rei D. Sancho II e nomeado governador do Reino seu irmão (futuro D. Afonso III), em 1245.

4. **D. Pedro Gomes Barroso** (séc. XIII), filho do anterior que, muito jovem ainda, acompanhou o avô na conquista de Sevilha, em 1248, mas ao serviço do herdeiro do trono de Castela, futuro D. Afonso X – o autor das Cantigas de Santa Maria.

D. Pedro e D. Afonso X foram exímios trovadores e homens de cultura no seu tempo. D. Pedro casou em Ajofrim (Toledo), onde morreu, e a sua geração e as armas da Família Barroso ficaram assim largamente espalhadas (e ainda visíveis) em diferentes locais e em nobres famílias castelhanas.

5. **D. Martim Pais, de Regavão** (séc. XIII), talvez nascido na Quinta de Regavão, pouco acima do actual Castelo de São Romão, da freguesia de Viade, entre Vilarinho/ Negrões e Penedones/ Travaços da Chã, foi comendador de Palmela e Mestre de Santiago em Portugal. Combateu com tal denodo, à frente dos seus freires, na conquista da praça de Alcácer do Sal, em 1217, que o cruzado Godofredo, no relato que fez do assalto e da batalha, disse:

“commendator Palmele, parvus corpore, corde leo” – “o comendador de Palmela, pequeno de corpo, coração de leão”! As memórias coevas concentram neste homem a bravura ímpar com que os seus freires combatiam. Não apareceu, vivo ou morto, depois de mais um combate na região de Ourense (na Sainza?) contra os Mouros, já depois de 1220.

6. **D. Marinha Martins** (séc. XIII), filha do célebre D. Martim Pais de Regavão, foi casada com D. Gonçalo Mendes que serviu D. Sanches I e D. Afonso II de quem foi privado e chanceler. Ele e D. Pedro Anes (mordomo mor) os dois mais altos funcionários do Estado com D. Afonso II, foram os três excomungados pelo papa Honório III, pela bula Cum nunquam formari, de 4 de Janeiro de 1221. D. Gonçalo ainda exerceu o cargo de chanceler na menoridade do rei D. Sancho II.

7. **Vasco Gonçalves Barroso** (séc. XIV) foi tetraneto de D. Egas, viveu no reinado de D. Fernando que o designou ou confirmou como alcaide do Castelo de Montalegre, em 1372. É mais conhecido por ter sido o primeiro marido de D. Leonor de Alvim – Senhora da Casa de Bragança enquanto esposa de D. Nuno Álvares Pereira.

Diz o manuscrito do Padre da Seara que este D. Vasco morreu a jogar a barra com o morgado da Taipa, depois de render, isto é, a jogar o malhão, contraiu uma hérnia fatal e morreu, em 1376.

8. **Afonso Anes Barroso** (séc. XV), trata-se do ignorado escudeiro, depositado no arcossólio da Igreja de Santa Maria de Covas de Barroso, que ninguém conseguiu identificar. O facto de ter ficado em Barroso, num moimento de pedra da região, com uma estátua jacente de aprimorado lavor – fazem do escudeiro uma figura assinalável e a merecer uma investigação histórico-genealógica. É provável que tivesse sido sobrinho neto do anterior D. Vasco e dorme o sono eterno desde 1492.

9. **João Rodrigues Cabrilho** (séc. XVI) – Segundo algumas opiniões, João Rodrigues Cabrilho, nasceu no lugar de Lapela, freguesia de Cabril. Precárias “condições de vida levaram-no a emigrar para a vizinha terra da Galiza, mas não seria, ainda, aí que resolveria os seus problemas. Era então, o tempo das descobertas, já tinha sido assinado o Tratado de Tordesilhas e as boas relações existentes entre as cortes de D. João II e os Reis Católicos (Fernando e Isabel) permitiam que portugueses e espanhóis fossem mutuamente aceites em empreendimentos de cada um dos países.

Tendo optado pelo serviço na marinha, o montalegrense Cabrilho torna-se navegador ao serviço da Espanha e cruza o Atlântico. Viveu em Cuba, participou na conquista do México, sob comando de Cortez, foi subindo na hierarquia e, é já, como oficial comandante que integra a expedição à província de Oaxaca, onde ajuda a fundar a cidade do mesmo nome (actualmente elevada pela UNESCO à categoria de Património Mundial da Humanidade).

Em 1524, avança para a Guatemala e também aí colabora na fundação da primeira capital do país, Santiago de los Caballeros, onde fixa residência e ascende ao estatuto de Fidalgo. Muito prestigiado, coberto de honrarias, regressa a Espanha em 1532 e toma como esposa Dona Beatriz Ortega, filha de um abastado mercador de Sevilha. A sua vocação e o seu destino estavam, porém, do outro lado do Atlântico. Retorna à Guatemala com a mulher, que lhe dá dois filhos. É sucessivamente, magistrado, governador (da cidade de Iztapa, onde passa a residir) e almirante. Nesta condição, comanda, em 1540, uma missão às Molucas (“Especiarias”).

A 27 de Junho de 1542, sobe com a sua armada ao longo do flanco oeste do continente americano. Desembarca na costa a que chamaria Califórnia e na qual procedeu a levantamentos topográficos. Pouco mais de seis meses decorridos, aí chegaria ao fim da sua vida de aventuras: no dia 3 de Janeiro de 1543, uma tempestade parte-lhe uma perna e rouba-lhe a vida. É sepultado na Ilha de Possession, que seria rebaptizada com o seu nome. Já no nosso tempo, a cidade de San Diego, na Califórnia – onde avulta uma importante comunidade portuguesa –, celebra anualmente o Dia de Cabrilho, apelido derivado do chão de origem, Cabril, acrescentando ao seu nome.

In “Montalegre terras de Barroso” de Manuel Dias

10. **Frei Gonçalo Coelho** (séc. XVI), nascido em Chaves e morreu como Abade do Mosteiro de Pitões, na Calendária de 1501, em plena Serra do Gerês, enregelado pela neve. Diz-se que os sinos do mosteiro “bateram os sinais,” anunciaram a sua morte, no mesmo instante. Foi santificado pelo povo que lhe chama São Gonçalinho.

11. **Padre Gonçalo Barroso Pereira** (séc. XVII) – Num manuscrito, pela maior parte de sua autoria, se apresenta desta forma: “Eu, o Padre Gonçalo Barroso Pereira, Reitor... de Salto, nasci no lugar de Seara desta freguesia, a meu pai chamavam André Pires e a minha mãe Inês Gonçalves, em Agosto de 1628.”... “Fui para a Vila da Ponte de 7 anos (1635) onde estudei com o Reverendo Giraldo Pereira aí vigário, primo direito de meu pai e não tive outro mestre.”

Este manuscrito, em mau estado, as primeiras sete folhas quase ilegíveis e sem as últimas vinte, constituía-se, ao tempo, de noventa folhas e foi-me entregue para ser lido pelo seu possuidor, o meu grande e saudoso amigo José Jorge Álvares Pereira, de Pomar de Rainha. Foi-me penoso tomar apontamentos, dia e noite, em duas semanas, dos dados que então me pareceram mais curiosos, numa altura em que ainda não havia fotocopiadoras. Devolvi-o em tempo ao seu legítimo dono com quem passei muitas horas de alegria a interpretar os textos, alguns dos quais com imensa graça, arte e realismo. Julgo que o dito manuscrito já desapareceu, infelizmente. As notícias aí relatadas vão até 1703, já tinha o autor 75 anos de idade.

12. **Padre João Barroso Pereira** (séc. XVII), sendo também conhecido por Padre da Seara, por aí ter nascido, freguesia de Salto – deixou-nos um manuscrito datado de 1720 de bastante valor para a freguesia e respectivos habitantes que, ao longo do século dezanove foi muito mal copiado e adulterado. Contém, apesar de tudo, muitas informações e notícias de interesse local.

13. **Padre Diogo Martins Pereira** (séc. XVII) nasceu em 25 de Julho de 1681 no lugar de Pincães, freguesia de São Lourenço de Cabril. Deixou um manuscrito, datado de 1744, sobre a sua freguesia a que deu o nome de “Építome Familiar e Árvore de Gerações de algumas casas da freguesia de São Lourenço de Cabril” que é um excelente relatório de muitas famílias do Baixo Barroso, seus costumes, suas vidas e seus feitos – a história e a lenda locais, no século dezassete, escritas com muito saber e gosto.



Padre Domingos Barroso

revistas do Porto, Braga e Lisboa. Foi pároco de São Vicente da Chã, onde jaz, e arcepreste de Montalegre. Descreveu com realismo os últimos momentos de vida de José Fernandes, o Bagueiro, último condenado à morte em Barroso, que subiu ao cadafalso em 17 de Setembro de 1844.

17. Frei Joaquim da Boa Morte (séc. XIX) nasceu em Medeiros da Chã em 1814. Faleceu em cheiro de santidade, em Santo Emilião, Póvoa de Lanhoso. Foi cônego Regrante de Santo Agostinho. Muito velho e pobre foi assim que o conheceu o notável escritor Raul Brandão que nas suas, Memórias, vol I, edição de José Carlos S. Pereira, página 50, fala assim, com verdadeira unção evangélica de D. Joaquim da Boa Morte Álvares de Moura, formado em filosofia e matemática: “o homem a quem estas secas linhas se referem era na verdade um santo. Deixou tudo para viver... entre cavadores e a gente pobre da terra, que o adorava (...) Antes de morrer pediu que o enterrassem embrulhado na manta coçada que pertencera a sua mãe e que tinha guardado no fundo da arca. Manta essa velha manta como eu lha invejo! Era num farrapo assim, com um resto de calor e ternura, que eu queria ir aconchegado para a terra. Nem a eternidade das eternidades, nem o isolamento, nem o frio dos frios, conseguiriam jamais trespassá-la. Que descanse em Paz.”

Frei Joaquim da Boa Morte publicou o folheto “Santo Teotónio conhecido e venerado...” em 1869. Foi também um orador sagrado de grande reputação. Morreu, com 92 anos, em 1903.

18. Prof. Dr. Morais Caldas (séc. XIX) nasceu em Montalegre em 1846. Foi cirurgião de grande fama e professor da Escola Médico-Cirúrgica do Porto deixando estudos científicos de renome: “Casamentos Consanguíneos” e “Anestesia cirúrgica”. Da sua fortuna pessoal deixou valioso legado que devia ser destinado a apoiar crianças e velhos pobres de Barroso.

19. Artur Maria Afonso (séc. XIX) - A 17 de Março de 1882 nasceu em Montalegre este poeta, fundador do quinzenário regionalista O Barrosão. Deixou alguns livros de poesia onde revela um gosto poético apurado, cheio de graça e musicalidade.

Foi pai do celebre pintor Nadir Afonso.

14. Filipe José Gonçalves Andrade (séc. XVIII) nasceu em Travaços do Rio, em 1753. Foi médico e cirurgião – mor do Reino do Algarve. Traduziu do francês a “Memória a respeito da peste” e faleceu, com oitenta anos, em Cabril, Montalegre. Foi agraciado com o hábito da Ordem de S. Tiago em 1791.

15. José dos Santos Dias (séc. XVIII) nasceu em 26-XII-1778 no Cortiço, Cervos, como médico que era foi director clínico das Caldas do Gerês. Recebeu a medalha de prata da Instituição Vacínica. Em 1813 estudou um marco miliário, aparecido em Arcos, no jornal de Coimbra, marco que determinou a desligação histórica da via Prima ao trajecto proposto por Argote e a consequente situação da cidade pré-romana de Caladunum na freguesia de Cervos. Em 1836 escreveu o importante opúsculo “Ensaio Topográfico – Estatístico do Julgado de Montalegre” que é o resumo do manuscritos a “Memória ou descrição física e económica da vila e termo de Montalegre” e deixou inédita a “Memória sobre as Caldas do Gerez”. Morreu em 1846. Balbi teceu-lhe honroso elogio no seu “Essai Statistic,” tomo II.

16. Padre José Adão dos Santos Álvares (séc. XIX) nasceu no Cortiço, filho do anterior, em 1814. Foi correspondente muito conceituado de vários jornais e

20. **Justiniano da Silva Fidalgo** (séc. XIX), filho de um almocreve, nasceu a 5 de Outubro de 1882, na típica aldeia de Ponteira, freguesia de Paradela do Rio. Entregaria bem longe a alma ao Criador: faleceu na cidade de Ludlow (Massachussets, EUA), em 23 de Novembro de 1942. Homem possante, ganhou fama na aldeia e nas terras em redor, graças a proezas atléticas que o levariam até Lisboa, onde continuou a exhibir-se em façanhas de grande exigência física. O atlético barrosão embarcaria, então, para os Estados Unidos da América, país em que a sua vocação ganhou asas, a ponto de se tornar campeão de luta livre (catch-as-catch-can), passeando a sua classe de lutador indomável pelas três Américas.

In “Montalegre terras de Barroso” de Manuel Dias.

21. **Albino Fidalgo** (séc. XX) veio ao mundo na capital barrosã, nos alvares do século XX. É o exemplo do emigrante feliz pois acumulou importante fortuna. O seu espírito solidário transformou-o em benemérito generoso que apoiou muitos pobres da sua terra. Perpetuaram-lhe a memória dando o seu nome a bairros de habitação social, construídos neste concelho.

22. **Padre Domingos Barroso** (séc. XIX) nasceu na quase erma povoação de Sanguinhedo, em 1889. Assinalado praticante das actividades cinegéticas, devemos-lhe o apuramento da raça canina dita “perdigueira”. Devido a tal escreveu “O Perdigueiro Português,” obra publicada em duas edições e muito elogiada. Escrevia muito bem, em estilo desempenado e limpo e colaborou em diversos órgãos de comunicação social escrita.

21. **Padre Manuel José Afonso Baptista** (séc. XIX), natural de Vila da Ponte e o melhor aluno de um curso de teólogos que deu brado no seu tempo e dos quais se destacam: os Monsenhores Antas da Gama e Garcia de Oliveira, os Padres Domingos Barroso (Vilar de Perdizes), José Estrela (Esposende), Teixeira Martins (Faiões), João Afonso (Vila da Ponte) e o Cardeal Patriarca – Manuel Gonçalves Cerejeira. Foi um ilustre orador sagrado a quem os colegas chamavam o “Leão de Barroso” e deixou alguns sermões manuscritos. Em letra de forma existe o conhecido “Elogio fúnebre” do Monsenhor José Fernandes que os colegas do falecido decidiram publicar. O seu espírito solidário levou-o a acolher alguns galegos perseguidos pelas falanges de Franco, durante a guerra civil espanhola.



Albino Fidalgo



Padre Manuel José Afonso Baptista





Sacrário e jarras de madeira
de José Bento Pereira - Vila da Ponte



Busto que presta homenagem a Vítor Branco - Montalegre

22. **Os Pintos de Donões** (séc. XIX - XX) - Bento Pinto nasceu em 1837; o Domingos Pinto, filho daquele, nasceu em 1874 e o António Pinto, filho deste, nasceu em 1912 e vive na América do Norte. Foram pintores, douradores, escultores e entalhadores, sobretudo de arte sacra, de enormíssima habilidade. As suas obras encontram-se espalhadas pelas igrejas e capelas de todo o Alto-Tâmega e Barroso. É urgente publicar uma monografia que permita dar a conhecer o labor aprimorado de tanta imagem e distinguir as imensas qualidades de cada autor, entre avô, pai e neto.

23. **José Bento Pereira** (séc. XIX - XX) nasceu em Pereira de Salto e foi um artista de primeira água. As suas variadas criações encontram-se, sobretudo, nas freguesias baixo-barrosãs de Salto e Vila da Ponte. A excelência da sua talha e a tendência que revela para representar o que é da nossa terra são motivos de orgulho para nós e características muito interessantes deste artesão regionalista. Fez sacrários, imagens de diversos santos, cadeiras episcopais, artefactos de uso religioso e vasos sagrados, em madeira e em pedra, de indubitável perfeição.

24. **Dr. Vítor Branco** (séc. XIX - XX) nasceu em Frades do Rio, em 1863. Democrata de lei, foi um Barrosão de peso, tanto na barra dos tribunais como na política e ainda lhe sobrou tempo para escrever - e bem! - algumas belas páginas na língua pátria. As mais delas podem ser catalogadas na gaveta literária das Polémicas mas não deixam de ser bem nossas e de ter o quid que fazem dele um grande homem, um grande Barrosão e um grande escritor. Morreu em 1947.



DINAMIZAÇÃO ECONÓMICA





Em prol do turismo

Congresso de Medicina Popular

Há umas décadas um cura de Barroso decidiu organizar um congresso de Medicina Popular. Foi o padre Fontes.

Inicialmente acorria ao evento gente de todas as condições ávidas de cultura e tradições. Eram presentes médicos, cirurgiões, especialistas de nomeada e, obviamente, também apareciam os “vendedores de banha de cobra”.

A breve trecho eram muitos mais os “endireitas” do que os cientistas. Às centenas, apareciam endireitas, mulheres “de bertude”, rezadeira, cortadores de coxo e de todos os males humanos.

Não faltam ainda os figurões das “garrafadas” que curam o cancro, todos os cancros, expulsam os demónios, etc. Vendem licores de todo o género, chás, infusões, e até os “bruxos” estão presentes.

Passam três dias em Vilar de Perdizes e, por isso, a terra é mais conhecida que as Caldas de Chaves.

Apareçam e verão milhares de pessoas atarefadas à procura do mito!

A par deste fenómeno, são evidentes os sinais de crescimento do concelho de Montalegre a vários níveis mas nota-se que o motor desse crescimento é o turismo. Tudo devido à sub-região ecológica.

Riqueza fitológica

Com efeito as variações de altitude determinam a existência de biodiversidade ecológica no que respeita ao coberto vegetal de que são exemplos admiráveis, o Carvalho de Avelar e a Lomba de Pincães – Fafião, de sobreiro, arbustos variados e medronheiros.

Riqueza ornitológica

Foi criada uma zona de protecção especial para preservação de aves e respectivos habitats, na fronteira barrosã do parque Nacional e considerado sítio prioritário a nível mundial.

Riqueza florística

Igualmente dignas de visitas pelo seu elevado valor ecológico e científico temos: o azevinho, os mirtilos o escalheiro (nome que aqui damos à pereira – brava) o teixo e o zimbro que viraram espécies ornamentais, o abrunheiro e o pilriteiro, e sobretudo, as raríssimas sorveiras e uvas do monte.

Riqueza fúngica

Tomou já um lugar importante na gastronomia barrosã a procura de cogumelos silvestres. Aqui, nas épocas próprias podemos encontrar as sanchas (nos pinhais), os fradelhos (nas restolhas) os choteiros (a que também chamam centieiros, nos lameiros e campos abertos) e os tortulhos e finalmente, os níscaros.

Riqueza biogeográfica

É porque no planalto barrosão confluem duas áreas de influência complementar – a atlântica e a mediterrânica que torna esta zona diferente e rara no conjunto das regiões ibéricas. Daí a riqueza de animais vertebrados de que lembramos: o lobo ibérico, o tartaranhão azulado, a narceja e a coruja –do – nabal – “único sítio em Portugal onde está confirmada a sua nidificação”!

Riqueza paisagística

É absolutamente única e lamenta – se que há milhares de pessoas que nos visitam e não tomam conhecimento destas riquezas ! Locais a visitar:

- Margem esquerda do Alto Cávado (entre S. Pedro e Paradela) – o carvalho espontâneo;
- O Ourigo (entre Castanheira, Montalegre e Cambezes) – mancha de folhosas exóticas;
- Serras do Larouco, Barroso e Mourela – matos de carqueja e urze!
- As piscinas naturais da Abelheira – a oeste de Paradela, no Gerês!
- As turfeiras – em áreas lagunares de montanha – Mourela e Gerês!
- A rota dos lameiros de regadio: da Pedreira de Pisões, Vila da Ponte até ao Santuário de N.S. de Fátima e ribeiras de Travaços – Covelães.
- A rota das barragens.

A grande rota das barragens

Vamos propor um passeio ao longo das albufeiras que se espriam pelos vales dos rios Cávado e Rabagão. São cenários majestosos de água e serra, bem vivos nos prazeres da pesca, da vela do flyserf, do remo, da canoagem e do esqui, ou no gosto da vitela barrosã, do cabrito, das trutas e das carpas.

Fixe como ponto de partida a vila de Montalegre. Saia em direcção à EN 103, Braga - Chaves, seguindo em direcção às aldeias da Aldeia Nova do Barroso – aldeia dos Colonos - Morgade, Negrões, Lamachã e Lavradas, já no concelho vizinho, para ter acesso ao grande miradouro do Vale do Rabagão, que são os “Cornos das Alturas”.

Lamachã e Vilarinho Seco são aldeias pequenas de rosto antigo, sorridentes nas expressões populares e rodeadas de pastos, campos de milho e centeio. Na descida para Lama da Missa pare e admire o vasto panorama da albufeira da barragem do Alto Rabagão. A truta, o escaló, a boga e a carpa são as principais espécies piscícolas existentes nesta albufeira, considerada como a maior do Norte de Portugal. Em Penedones, o Clube Náutico e de Aventura do Alto Rabagão organiza passeios de barco na albufeira para grupos até 16 pessoas, bem como regatas, passeios a pé, ou de bicicleta de montanha. Neste local está instalado o Parque de Campismo Municipal e passa também o GR 117 – Via Romana XVII.



Barragem dos Pisões

Passando o dique da barragem de Pisões, continue pelo vale do Alto Rabagão até Vila da Ponte, assim chamada pela sua ponte medieval, de origem pós - romana, sobre o rio Rabagão, e a cista funerária, com 4.000 anos.

Em S. Fins, começam os panoramas da albufeira da Venda Nova . A estrada acompanha a linha de água até à Venda Nova, ao longo das margens suaves, rodeadas de lameiros e pinhais.

Em Sanguinhedo, a estrada começa a subir, passando por Padrões, até ao coroamento da barragem, continuando à direita pela EN 103-8. Daqui desça para Vila Nova e Sidrós, aldeias empoleiradas na garganta panorâmica do Rabagão. Nesta última aldeia pode visitar a Ponte do Diabo – ou da Misarela, que se ergue sobre os penhascos do leito do rio Rabagão. Aqui vê-se a ponte medieval da Misarela que, segundo a lenda teria sido construída pelo Diabo. Por ela passaram os franceses fugitivos, a quando da segunda invasão, chefiada por Soult.

As barragens do Parque Nacional da Peneda Gerês

Está-se assim na periferia do Parque Nacional da Peneda Gerês (PNPG), cuja entrada acontece um pouco mais à frente, junto à central hidroeléctrica de Vila Nova de onde se pode contemplar o majestoso panorama da barragem de Salamonde.

Curva após curva, ao longo da EN 308, surgem vistas de sonho. Cabril, Santo Ane e Fafião são nomes de aldeias a não esquecer. Em Fafião visite o Fojo do Lobo, os lagares de azeite, aprecie a gastronomia de montanha (o javali), contemple os penhascos da majestática Serra do Gerês, delicie-se com a panorâmica do Vale do Cávado e repouse à sombra dos pinheirais.

De Cabril subimos pelo Miradouro da surreira do meio-dia, passamos na terra do navegador Cabrilho – Lapela. Se estiver calor dê um mergulho nas cascatas de Cela de cavalos e siga até Sirvozelo, aldeia integrada na “ rocha”.

Em Paradela, sobressai o espantoso dique da barragem erguido entre dois morros graníticos com mais de 100 metros de altura. Ao longo da estrada vêem-se bem vivos os sinais da terra do Barroso, na capucha das mulheres, nos cornos do gado barrosão (hastes em lira) e no ambiente intensamente verde e fresco que há - de acompanhar este circuito turístico até final. Siga pela EM 514 atravessando as aldeias de Vilaça e S. Pedro. Repare nos lameiros, nas casas de granito cobertas de colmo e nos “canastros” onde as gentes guardam o milho. Entre S. Pedro e Seselhe descobre-se a albufeira do Alto Cávado que se estende suavemente pelo planalto do Barroso.

Até Montalegre, a estrada segue pelas margens férteis do Cávado que se estende suavemente pelo planalto do Barroso.

As Feiras



Feira do Fumeiro de Montalegre

O barrosão nunca foi muito dado a trocas e baldrocas, nem a negociatas. Fazia sobretudo a troca do trabalho, a entreajuda. Era um povo comunitário até à medula. Por isso, desde cedo preferia o comércio nas feiras em dias pré-definidos, tendência que ainda se revela. A feira de Montalegre remonta aos primórdios da nacionalidade. Primeiro durava um só dia mas, em 1317, no reinado de D. Dinis, os montalegrenses pediram ao rei que os autorizasse a feirar três dias cada mês a fim de facilitar o comércio aos feirantes que ali afluíam. O rei autorizou...

A feira constitui um dia santo e um dia de obrigações para o barrosão: por um lado é um dia de convívio certo; por outro lado é altura de satisfazer as suas dívidas. Mesmo que não tenha nada para vender ou que comprar o rústico vai à feira para rever amigos e saber os preços a que correm os animais e os produtos.

De tal modo estes hábitos estão enraizados que a feira mensal passou a quinzenal e, agora, em meses pré-definidos ocorrem feiras de especialidades tradicionais e locais. Em Janeiro faz-se a **Feira do Fumeiro** que arrasta multidões de mais de 50.000 visitantes e atinge volumes de venda da ordem dos milhares de toneladas de produtos porcinos que representam muitos milhares de euros.

Constitui já um cartaz de enormíssimo sucesso mas exige uma vigilância 1000 vezes superior, sobretudo do aspecto de manter a qualidade durante o 2º e 3º dias da feira!

Em Março, por alturas da Páscoa é a **Feira do Cabrito**. Pode vir a ser uma boa aposta se levar as voltas e as exigências que se aplicam à Feira do Fumeiro! “Cesteiro que faz um cesto, faz um cento”!

Em Junho, a **Feira da Vitela** outra especialidade conhecida. Em Agosto, a Feira do Prémio do Gado por altura das festas do concelho. Em Outubro, a Feira dos Santos, altura de precaver o rigor do Inverno.

Em todas elas se costuma provar os excelentes produtos locais: as pessoas habituaram-se a matar saudades, nas épocas próprias, das diferentes especialidades gastronómicas. Por isso, nos restaurantes e nas tasquinhas, não há mãos a medir em tais comemorações.

Estas feiras são do agrado das pessoas pela quantidade de visitantes que sobem ao planalto e porque se tornam em verdadeiras romarias com a visita de amigos e familiares.

As Festas

Por falarmos em festas, algumas ocorrem cada ano por toda a região. As de mais nomeada e tradição são as festas concelhias ao Senhor da Piedade, que se realizam na capital, durante a primeira quinzena de Agosto; a de Salto, à Senhora do Pranto, em 15 de Agosto; a de Vilar de Perdizes, à Senhora da Saúde, a meados de Junho; as das sete Senhoras, todas elas Nossa Senhora dos Remédios, em sete localidades diferentes de Barroso, no dia 8 de Setembro, etc.

Muitas delas apresentam um programa de carácter etnográfico e recreativo e realizam-se em locais de impressionante envolvência paisagística. Entre estas destacam-se: a Senhora da Vila de Abril, na freguesia de Contim; a Senhora das Neves, na freguesia de Cabril; São João da Fraga, em Pitões; a Senhora de Galegos, na freguesia de Cervos (Cortiço); o São Domingos, em Morgade e o Santo António, em Viade.

Outras há em que se revelam fortes indícios de religiosidade popular, com laivos de lenda e credice como as festas a São Sebastião, em variados locais, por todo o Barroso.



Procissão do Senhor da Piedade - Montalegre

O Associativismo



Gaiteiros de Pitões das Júnias

Barroso é também uma terra de contrastes e de contradições.

Uma dessas contradições, a mais inexplicável, é a das associações, colectividades e cooperativismo.

Ora, num país como este, em que a entreatajuda, a cooperação e a solidariedade são valores primordiais, a implementação de estruturas associativas actuais e actuanes deixa bastante a desejar. Há-as mas são poucas e bastante débeis ao que não será alheio o facto de ser reduzida a população cada vez mais idosa.

No que respeita ao desporto há: “O Jogo do Pau” (Salto) de que ainda não se fez a história em Barroso; o Centro Desportivo e Cultural de Montalegre e o Grupo Desportivo de Salto (o Grupo Desportivo de Vilar de Perdizes e a Associação Desportiva “A Colmeia” foram extintos) – colectividades que participam em provas futebolísticas, em diferentes escalões. Às vezes organizam outros jogos como o fito (ou vinte), a malha, a choca e também jogos de cartas em que ressalta a sueca.

Ainda no domínio do lazer e do ócio há gente que organiza marchas de montanha, por itinerários definidos e previamente escolhidos “os carrilheiros”; há agrupamentos de escuteiros – o número 1115, em Montalegre e o 1276, em Salto.

Há ligado ao montanhismo a que a região se presta como nenhuma outra, o Papaventos, grupo que já organizou campeonatos internacionais (e o Campeonato do Mundo em 2003) de parapente.

Há desporto ligado aos automóveis e camiões, com provas importantes ao longo do ano, na magnífica pista automóvel de Montalegre; há parques de lazer em Salto, Seselhe, Penedones e Senhor da Piedade (Montalegre) e



Associação “O Jogo do Pau” - Salto

Parques de Campismo do Trote-Gerês (Cabril) e do Inatel em Penedones; no domínio da animação artística há o rancho folclórico da Venda Nova, o grupo coral de Montalegre, o grupo de Cantares de Salto, os Gaiteiros de Pitões e, sobretudo, a impagável banda de música de Parafita.

Além das organizações assistenciais que vinham dos primórdios da República, e se deviam a mecenas sempre lembrados (o Prof. Dr. Morais Caldas e Albino Fidalgo), existe com suficiente vigor a Misericórdia de Montalegre e o seu Lar de Idosos, bem como os centros de dia de Vilar Perdizes, Salto, Vila da Ponte, Cabril, Paredes do Rio e Viade.

Há ainda pequenas associações culturais em vários pontos que são dignas de referência: a Borda de Água, em Salto, os Amigos das Barragens, em Pisões, e os centros paroquiais de Viade e Vila da Ponte com pequenos museus locais. Neste último há ou havia uma colecção de peças de trajo de finíssimo recorte e que merecia a atenção da administração pública pelo valor histórico, etnográfico e folclórico que carrega.

Não olvidamos a extraordinária importância de outras associações: Criadores de Gado Barrosão cujo solar é em Salto; “O Boi do Povo” – que organiza o Campeonato das Chegas; a Asflobar, ligada às espécies florísticas e arbóreas; Os Barrosões – mais vocacionados para actividades de pesca; a Associação Cultural de Paredes; a dos Mineiros das Minas da Borralha; a juvenil Invensons que lançou na zona os festivais de música celta – verdadeiro bálsamo que toca o Barrosão (como o minhoto e o galego) no mais íntimo do seu carácter e, finalmente, as Associações Humanitárias de Bombeiros (Montalegre e Salto) que tão benéficos serviços prestam a uma população envelhecida e doente. Bem hajam!



Banda musical de Parafita



Acampamento Regional de Escuteiros promovido pelo Agrupamento 1115 de Montalegre





AS FREGUESIAS



Cabril

Área:	76,6 km ²
Densidade Populacional:	8,4 hab/km ²
População Presente:	595
Orago:	S. Lourenço
Pontos turísticos:	Lagar de Azeite e Parque de Campismo do Outeiro Alto (Cabril); Fojo do Lobo e o rio Toco (Fafião); Senhora das Neves (S. Lourenço).
Lugares da Freguesia:	(15) Azevedo, Bostochão, Cabril (Vila), Cavalos, Chãos, Fafião, Fontaíño, Lapela, Pincães, São Ane, São Lourenço, Vila Boa, Chelo, Sertelo e Chã de Moinho.

É um mosaico de pequeninas povoações ao longo das encostas abrigadas que descem sobre os rios.

Sertelo (trata-se do diminutivo de deserto – Deserto+elo > Desertelo, como ermo deu Ermelo, (após a aférese do de inicial resulta Sertelo) que fica acima dos 700 metros, Lapela e Pincães, acima dos 600 metros, São Lourenço, Chelo, Fafião e Azevedo, acima dos 500 metros, Bustochão e Vila Boa, acima dos 400 metros, e todas as restantes, Cabril (que já se chamou a Vila ou a Baixa), Cavalos, Chãos, Fontaíño, São Ane e Chã do Moinho não sobem para lá dos 300 metros de altitude. Não admira por isso que, nestas funduras quentes e húmidas, Barroso se orgulhe de colher boa fruta, vinho e azeite na freguesia de Cabril.

Pincães foi a primeira aldeia do concelho que teve honra de monografia publicada, da autoria de Jacinto de Magalhães. É a segunda mais extensa freguesia do concelho (76,6 km²) e, provavelmente, a mais bucólica, a mais rica no plano das espécies arbóreas e avícolas e também a mais admirável no aspecto multifacetado das suas paisagens edénicas, sem dúvida, devido às condições orográficas e climatéricas que a cordilheira do Gerês apresenta.



Panorâmica da sede de freguesia - Cabril

Cambeses



Cambeses

Área:	11,3 km ²
Densidade Populacional:	12,5 hab/km ²
População Presente:	131
Orago:	S. Mamede
Pontos turísticos:	Casa de colmo (Cambeses); Castros do Picoto e da Cividade e Altar da Moura (Frades).
Lugares da Freguesia:	(2) Cambeses e Frades

É uma das poucas povoações expostas ao cortante frio do setentrião, além de que, segundo a carta do Instituto Geográfico e Cadastral, de 1/50.000, é cortada a meio pela curva de nível dos 1000 metros de altitude, situação a que poucos lugares se alcançaram. O termo de freguesia é dividido a meio pelo Cávado.

Encabeça, portanto, as freguesias ditas “do Rio”. Pode dizer-se que esta freguesia barrosã mantém um altíssimo nível de rusticidade e tipicismo bem próprios para filmes medievais a que até o seu orago se adapta com enorme propriedade. Com efeito, este mártir da Capadócia tem culto antiquíssimo na Península Ibérica. O ser advogado das mães que aleitam os filhos deve-se talvez ao facto de a mãe dele (Santa Rufina) o ter parido quando ela e o marido estavam na prisão, durante a perseguição do feroz e tresloucado imperador Aureliano, nos fins do terceiro quartelão do século II.

Cervos

Área:	32 km ²
Densidade Populacional:	10 hab/km ²
População Presente:	328
Orago:	Santa Cristina
Pontos turísticos:	Ponte, Castro, N. Senhora de Galegos e Sepulturas Líticas (Cortiço); Via Romana e Fonte (Arcos); Largo e Residência Paroquial de Cervos.
Lugares da Freguesia:	(7) Arcos, Barracão, Cervos, Cortiço, Alto Fontão, Videeiro e Vilarinho de Arcos

A freguesia mais oriental do concelho foi atravessada de lés-a-lés pela via imperial romana, a primeira ou Prima. No seu aro apareceram já três marcos miliários, o primeiro dos quais em 1813, na rua principal de Arcos, perto da Senhora do Campo, e que muito contribuiu para localizar, in situ, o verdadeiro e único trajecto da citada via. Pelos marcos viários e Moimentos ficámos também a conhecer a verdadeira localização da antiquíssima cidade pré-romana de CALADUNUM que deverá situar-se no termo desta paróquia. Antigo (de Arcos), Vilarinho de Arcos e Arcos – sem necessidade de arcos em rio que não possuem – trazem no próprio nome a indicação de que seria por aí o antigo opidum. A Senhora de Galegos com sua lenda mais o castro e a passagem da via romana, no Cortiço, sobre o Beça, merecem visita atenta. É também digna de referência a lenda.



Igreja de Cervos

Chã

Área:	51 km ²
Densidade Populacional:	18,2 hab/km ²
População Presente:	872
Orago:	São Vicente
Pontos turísticos:	Igreja Românica e Inscrição votiva a Júpiter (S. Vicente); Ponte Velha (Peireses); Sepulturas Antropomórficas e Ara (Penedones); Via Romana (Gralhós); Cascata de Firvidas; Parque de lazer de Penedones.
Lugares da Freguesia:	(12) Aldeia Nova, Castanheira, Firvidas, Gorda, Gralhós, Medeiros, Peireses, Penedones, São Mateus, São Vicente, Torgueda e Travaços da Chã.



Igreja românica da Chã

Ainda ostenta evidentes vestígios da sua importância constante nos tempos medievais e clássicos. Cinco das suas doze povoações receberam a visita da estrada Romana – a XVII do Itinerário de Antonino: Penedones (Santo Aleixo), Travaços, São Vicente, Peireses e Gralhós. Pouco mais jovem que a via Romana é a ara que recentemente se achou em São Vicente – sinal inequívoco de que no outeiro (altarium) onde o cristianismo ergueu o templo românico, séculos antes, os povos que nos antecederam, aí adoravam o seu “Deus Ótimo Máximo”.

O mesmo lugar foi também do interesse dos reis de Portugal que o ofereceram como comenda às freiras de Santa Clara com mais duas freguesias anexas, num total de dezasseis povoações.

O actual templo da freguesia é bem digno da mais atenta visita devido à obra patente dos Pintos de Donões, exímios artistas de Barroso.



Contim

Área:	12,1 km ²
Densidade Populacional:	8,3 hab/km ²
População Presente:	99
Orago:	São Vicente
Pontos turísticos:	Santuário da Vila de Abril e Passadeiras de Vilaça.
Lugares da Freguesia:	(3) Contim, São Pedro e Vilaça.

Todas as três povoações que formam a freguesia já serviram de sede: em todas se rezou missa e se ergueu baptistério capaz. Metade de São Pedro, aldeia fundada sobre um castro onde ainda continua, pertenceu à Comenda de São Tiago de Mourilhe. Porém, o mais idílico recanto de todo o planalto talvez seja a capela de Nossa Senhora da Vila de Abril que foi ermitério medieval carregadinho de religiosidade e lendas. É uma das “Sete Senhoras” festejadas a 8 de Setembro de cada ano. Vejam bem a poesia desta lenda:

Consta que um ermitão (os ermitães, como possíveis vestígios de algum antigo mosteiro que aí tivesse havido, habitaram no local, pelo menos até ao século XVIII), um belo dia de há séculos atrás, ao abrir a porta da capela aos peregrinos, deu pela falta da imagem da Senhora no seu altar. Convenceu então os assistentes a juntarem-se a ele em orações que se prolongaram por todo o dia. Ao cair do sol no horizonte, sobre o Alto de São Pedro do Rio, uma sombra triangular alongou-se pelo corpo do edifício... Era a Senhora que regressava muito cansadinha...

O ermitão franziu a sobrancelha e repreendeu-a:

“ - Maria, então como é..
que me deixas tão aflito,
preocupado e doente?”

E a Senhora respondeu:

- Ó homem de pouca fé,
que te zangas sem motivo,
... fui às portas do poente
pra salvar um marinheiro
que no mar estava perdido!”

E a senhora regressou ao seu altar ante a estupefacção dos presentes. Era assim, sem cerimónias, que o último pároco da freguesia contava a poética lenda.



Contim

Covelães

Área:	20 km ²
Densidade Populacional:	9,3 hab/km ²
População Presente:	179
Orago:	Santa Maria
Pontos turísticos:	Moinhos, Espigueiros com relógio de sol, Pisão com engenho hidráulico (Paredes) e Relógio de Sol (Covelães).
Lugares da Freguesia:	(2) Covelães e Paredes do Rio.

É a primeira das freguesias que circuitam a serra da Mourela. Esta serra, verdadeiro planalto de altitude média a caminho dos 1100 metros, é e foi, desde os tempos megalíticos, um local muito apto para a transumância ascendente. Com efeito, as povoações próximas aí conduzem numerosas vezeiras de gado que por lá demoram todo o verão.

Tal costume há-de ter origem nos ancestrais pré - históricos que encheram aquele espaço de mamóas, sinal de que aí viveram e morreram. O que também já morreu ou quase (nos dias que correm!) foi a raríssima perdiz cinzenta, também conhecida por charrela! Devíamos envergonharmo-nos de tal notícia!

A actual freguesia compõe-se de dois lugares: Covelães e Paredes do Rio. Ambos foram sede de freguesia, aquele sob o orago de Santa Maria e este de Santo António. Nesta localidade existe um pisão, com outras curiosidades dignas de visita, entre as quais uma sala que servirá de polo na rede informática do Ecomuseu.



Igreja e canastros - Paredes do Rio

Covêlo do Gerês

Área:	10,8 km ²
Densidade Populacional:	23,6 hab/km ²
População Presente:	258
Orago:	São Pedro
Pontos turísticos:	Miradouro da Fonte Alta e Igreja (Covelo); São Bento.
Lugares da Freguesia:	(4) Covêlo do Gerês, Penedas, São Bento de Sexta-Freita e Cruz da Estrada



O Cávado a abrir caminho por entre as pedras

Este lugar é o herdeiro único do determinativo “do Gerês” que pertenceu também às freguesias de Ferral (Santa Marinha do Gerês) e Parada do Gerês (actual freguesia de Outeiro) e São Vicente do Gerês (Pitões).

A situação, numa altitude inferior aos setecentos metros, e encaixada entre o Gerês e a serra do inter-flúvio, torna a freguesia apta para produções agrícolas semelhantes à de Cabril.

Por isso o ditado antigo, sobre os principais povos de Barroso, no que dizia respeito à produção vinícola:

Covas e Pinho

Vila da Ponte sem vinho;

Atrás vem Covêlo do Gerês

Que dá na tola aos outros três.

E não só na produção do verdasco porque o nosso Povo também se diz:

Vaca de São Pedro, mulher de Covelo!

Donões

Área:	17,2 km ²
Densidade Populacional:	4,2 hab/km ²
População Presente:	70
Orago:	São Pedro
Pontos turísticos:	Castro, Cruzeiro, Santo Amaro e Senhora da Peneda.
Lugares da Freguesia:	(1) Donões.

É uma das freguesias condenada à extinção, se for avante a necessária reforma administrativa, pois apenas conta sete dezenas de habitantes. Sobreviverá, contudo, por outras razões bem mais duradoiras que as pessoas: a Igreja de São Pedro, o castro, os moinhos, as capelinhas da Senhora da Peneda e de Santo Amaro onde resistem meia dúzia de sepulturas antropomórficas fixas e sobreviverá também porque preserva com carinho e devoção exemplares magníficos dos habilidosos artistas, seus filhos gratos, os três Pintos de Donões.



Moinho e ponte - Donões

Fervidelas

Área:	5,3Km2
Densidade Populacional:	22 hab/km2
População Presente:	116
Orago:	São Tiago
Pontos Turísticos:	A cascata e o castelo.
Lugares da freguesia:	(2) Fervidelas e Lamas.



Cascata de Fervidelas

Ao redor do altar onde veneram o Santinho que foi peregrino de bordão, chapéu e cabacinha, Fervidelas abriga-se por trás do Oural, do frígido vento castelhano. A par de Cambeses é a freguesia mais alta de toda a montanha inter-fluvial. Apesar de se ter tornado independente há vários séculos, andou sempre anexada à sua vizinha Santa Maria de Viade por ser demasiado pequena em território e populações.

Vale a pena percorrer os seus caminhos de montanha para admirar a cascata e o “castelo” de penedos empoleirados bem como o Monte Oural que traz com ele o nome quanto à riqueza de paisagens que dali se vislumbram.

Ferral

Área:	15.3 Km2
Densidade Populacional:	35.8 hab.km2
População Presente:	539
Orago:	Santa Marinha
Pontos Turísticos:	Igreja, Ponte da Misarela, Penedo dos Sinais (Pardieiros) e Central de Vila Nova.
Lugares da freguesia:	(8) Nogueiró, Ferral, Pardieiros, Sacozelo, Santa Marinha, Cidrós, Vila Nova e Viveiro.

Esta freguesia mudou várias vezes de nome: foi primeiro Santa Marinha de Covêlo do Gerês por oposição a São Pedro de Covêlo do Gerês; depois dava apenas pelo hagiotopónimo Santa Marinha; mais tarde foi Santa Marinha de Ferral e hoje é somente Ferral. Contudo, é da tradição local que existiu neste mesmo termo a freguesia de São João da Misarela, de que não possuímos qualquer documento escrito! Na realidade, nunca se encontraram vestígios de tal construção nem qualquer referência à sua localização. Apesar das oito povoações que integram a freguesia, o seu isolamento até ao século XVIII era tão acentuado que se tornava extremamente propício à criação e sedimentação de lendas de que é paradigma a da Misarela. Tal como na vizinha Cabril, antes das barragens, os rios eram barreiras difíceis de transpor, mesmo de verão... Por isso a freguesia foi-se alargando e anexando povoações na área de entre Cávado e Regavão: Vila da Ponte e Bustelo (freguesia anexa até ao século XIX) e Contim e São Pedro, igualmente freguesia anexa. Restos evidentes desse antigo fausto é a riquíssima talha da vetusta Igreja de Santa Marinha.



“Ponte do diabo”- Sidrós

Fiães do Rio

Área:	6 Km2
Densidade Populacional:	17.2 hab/km2
População Presente:	99
Orago:	Santo André
Pontos Turísticos:	Casa de Bento Gonçalves e Ponte (Fiães do Rio)
Lugares da freguesia:	(2) Fiães do Rio e Loivos



Fiães do Rio



Homenagem a Bento Gonçalves

Ocupa o penúltimo lugar em termos de pequenez do respectivo território. Foi aí que nasceu Bento António Gonçalves, em 1902, que bem cedo migrou para Lisboa.

Muito jovem encabeçou as lutas laborais/sindicais como operário (torneiro mecânico) no Arsenal da Marinha o que o levaria a ser detido pela Pide e condenado a degredo no Tarrafal (Cabo Verde) onde viria a morrer com quarenta anos.

Foi o primeiro Secretário Geral do Partido Comunista Português (PCP).

A sua ponte de madeira, tal como a de Covelães, sobre o rio Cávado, é muito antiga. Referidas a ela contam-se muitas peripécias de imensa graça e alguma história. Por lá passavam grupos de pessoas da margem norte, em romagem a São Bartolomeu, o menos conhecido dos doze apóstolos, para que da sua capelinha acorrentasse o demónio e os livrasse das malignas possessões.



Gralhas

Área:	6 Km2
Densidade populacional:	17.2 hab/Km
População Presente:	224
Orago:	Santa Maria
Pontos Turísticos:	Casa do Capitão/Seminário, A Ciada e Castelo Romão.
Lugares da Freguesia:	(1) Gralhas

Lá por esses tempos do rei D. Dinis, Gralhas foi elevada à categoria de Vila após a concessão do respectivo “foral”. É provável que daí proviessem os muito famosos e não menos ignorados, Gralhos - fidalgotes locais que não passaram à história (porque, entre nós, sempre foi residual a história longe do trono) mas passaram à lenda.

Queremos acreditar que, na aba sul do Larouco nasceram para uma paixão agitada e periclitante um tal Fernão Gralho e Maria Mantela, filha de Paio Mantela – antropotopónimo de povoação perto de Solveira.

Todo o fidalgo rural que se prezava tinha então a sua quinta na Ribeira. Não admira por isso que o jovem casal fosse viver para a nobre cidade (então vila) de Chaves; nem que, a determinada altura, tivessem filhos! Os renomados filhos de Maria Mantela!...E o resto da lenda fica para outra ocasião...

Em Gralhas nasceu o primeiro seminário da diocese de Vila Real. Um ex-aluno do dito escreveu a outro uma longuíssima carta cheiinha de saudades e de recordações, desde o Rio de Janeiro:

Aqui Rio de Janeiro,
Feliz terra do dinheiro
Tão falada em Portugal;
Paraíso terreal
Além dos mares sem fundo
Nas terras do Novo Mundo;

Trago sempre na lembrança
Nossos dias de criança
E os caros tempos de Gralhas;
E as primeiras batalhas
Contra o azar e os maus fados
Em que fomos derrotados...

Por não terem chegado a ser padres.

(É um poema tão comprido como a história de Gralhas. Fica para outro serão.)



O regresso a casa à hora do Sol por - Serra do Larouco

Meixedo

Área:	20 Km ²
Densidade populacional:	11.8 hab/Km
População Presente:	213
Orago:	Nossa Senhora da Natividade
Pontos turísticos:	Calvário, Largo Central e Capela de São Sebastião (Meixedo)
Lugares da Freguesia:	(2) Meixedo e Codessoso

Como Gralhas e outras mais, Meixedo foi uma das honras de Barroso. Por ser lugar honrado os reis não possuíam aí reguengos. Bem pelo contrário o seu termo (só de Meixêdo) constituía “um couto coutado por padrões separados que coutou o Senhor Rei Afonso primeiro ao Hospital” (à ordem dos Hospitalários). Esta tinha sido fundada após a conquista de Jerusalém pelos Cruzados, em 1099. Por ser a única dádiva à dita Ordem dos Hospitalários, em Barroso, a gente de Meixedo deve considerar-se muito honrada.

A Capela de São Sebastião é um dos poucos sinais vivos da enormíssima devoção a este Santo, depois da peste de 1570, e, sobretudo, após o renascimento do Sebastianismo, com a morte de D. Sebastião, em 4 de Agosto de 1578.

Pertence hoje à freguesia a povoação de Codessoso que antigamente pertenceu à freguesia da Chã. Nesta povoação, em 1258, pagavam ao rei a oitava de todos os frutos excepto a herdade de cavaleiros e de Dona Maiorina. E, pelo São Miguel, os de Codessoso (as mais antigas referências deste topónimo não autorizam outra grafia) tinham de entregar simples espáduas com pão e, como todos os da Chã, iam ao apelido e davam a refeição e a cevada ao mordomo do senhor rei.

Pelo termo de Codessoso passava um caminho medieval importante que servia diversos lugares da enorme paróquia da Chã, ao tempo das Inquirições de D. Afonso III: Negrões, Vilarinho, Lamachã, Morgade, Carvalhais e Rebordele, Fírvidas e Gralhós, além das herdades ribeirinhas do Regavam (sic).



Calvário de Meixedo

Meixide



A castanha já foi alimento base da gastronomia barrosã

Área:	11.4 Km ²
Densidade populacional:	11.1 hab/Km ²
População Presente:	122
Orago:	Santa Maria
Pontos turísticos:	Capela de N. Sra. da Azinheira
Lugares da freguesia:	(1) Meixide

Pequena freguesia a nascente do concelho, na cota dos novecentos metros de altitude, domina os outeiros da raia seca com a Galiza na encosta sul do Larouco. Em inexorável agonia mas preserva ainda uma velha jóia: a capelinha da Nossa Senhora da Azinheira que já foi uma das sete senhoras do planalto Barrosão.

Até que um dia se possa esclarecer todo o passo histórico, Meixide vai gozando a fama de ter sido berço do herói Diogo Peres, (da “Escaramuça dos Nus”)...o tal que derretendo aos calores do deserto marroquino, foi refrescar-se na ribeira com alguns mais cavaleiros. Surpreendidos por um troço do exército mouro, tomam as espadas e adargas, montam completamente nus os seus cavalos, mas bem vestidos de indomável valentia desbaratam e põem em fuga a cavalaria moura. Uma façanha limpinha protagonizada à moda barrosã.





Montalegre

Área:	19.8 Km ²
Densidade populacional:	91.8 hab/Km ²
População Presente:	1799
Orago:	Nossa Senhora da Assunção
Pontos turísticos:	Casa do Cerrado; Castelo; Sepulturas Antropomórficas (Santo Adrião); Igreja do Castelo; o Carvalho da Forca; Fojo e Mata do Avelar; Piscina Coberta; Pista Automóvel.
Lugares da freguesia:	(1) Montalegre



Em memória à batata de semente

Foi, é e será a capital de Barroso. Não é com certeza das freguesias mais antigas como atestam as confrontações antigas dos termos vizinhos; mas, depois que o Bolonhês mandou erguer o Castelo – autêntica jóia da arquitectura militar medieval – mudou-lhe os marcos e as cruzes e definiu-lhe num território de vinte quilómetros quadrados para sustento (pastoreio e agricultura) dos cem povoadores iniciais. E assim, sem grandes convulsões, foi crescendo ao longo dos séculos, por indústria e legítima ambição dos seus moradores.



Largo do Pelourinho



Simbolos do orgulho barrocelo

A vila é hoje uma pequena metrópole de vigoroso comércio, de indústrias incipientes mas estáveis e objecto de procura turística invejável. São já famosas as suas principais feiras (dos Santos, do Prémio, do Fumeiro, da Vitela), as festas concelhias do Senhor da Piedade, o Festival do Cabrito e diversos outros eventos culturais como congressos de medicina, de arqueologia, de etnologia, de folclore e Medicina Popular. Já que se fala em festas cumpre recordar que até ao século dezanove a maior festa da vila foi a São Frutuoso, na sua humilde capelinha, a caminho do Larouco.

Haverá sempre quem faça críticas mas, esses, normalmente não fazem nada para não serem criticados...Como diz o nosso povo:

É sina de Portugal
Comer bem e dizer mal.

De relatar, como sítio com referências ao passado das épocas clássicas, um importante achado recente de mais de novecentas moedas romanas.



Zona industrial - Montalegre

Morgade

Área:	21.2 km ²
Densidade Populacional:	13 hab/ km ²
População Presente:	283
Orago:	São Pedro
Pontos Turísticos:	Capela de São Domingos(Morgade) Casas (Carvalhais).
Lugares da Freguesia:	(4) Carvalhais, Criande, Morgade e Rebordelo

Andou muitos anos anexada, bem como Negrões, à freguesia da Chã: as três constituíam uma Comenda do Convento de Santa Clara de Vila do Conde.

O fortalecimento das regras primitivas e da reforma contra a lassidão em que haviam caído os frades, levados a peito, ao longo do século XVI, originou um grande movimento de apoio das populações, no plano espiritual e no plano material, que as levaram a construir mosteiros e capelas. Vem daí a devoção dos morgadenses a São Domingos de Gusmão, revelada na edificação da sua capela e dos vilapontenses que lhe dão lugar de honra no altar-mor da sua Igreja.. Era o comungar desta gente barrosã com os princípios da pobreza voluntária dos monges pregadores, também chamados mendicantes, os frades dominicanos (e os franciscanos) cuja glória mais significativa foi São Tomás de Aquino.

E já que falamos de Santos não ficava nada mal – era até um acto de justiça – que os de Carvalhais devolvessem à sua Capela o orago primeiro que foi São Tiago, conforme muito bem expressa a nossa variante barrosã da belíssima lenda dos Sete Varões Apostólicos.



Pastoreio em Morgade

Mourilhe

Área:	17.1 km ²
Densidade Populacional:	8.4 hab/ km ²
População Presente:	139
Orago:	São Tiago
Pontos Turísticos:	Casa do Outão, agora Hotel Rural (Mourilhe); Alminhas com Relógio de Sol (Sabuzedo);
Lugares da Freguesia:	(2) Mourilhe e Sabuzedo



**Relógio de sol da Casa do Outão,
Mourilhe**

Aos pirómanos que ainda por cá vão resistindo, damos como exemplo esta mártir povoação. No dia 4 de Abril de 1854, ficou reduzida a cinzas, a igreja incluída. Reconstruída por subscrição pública, em terras do Minho e Trás-os-Montes, voltou a ser devorada pelas chamas, em 4 de Julho de 1875, apenas se salvando desta vez quatro casas e a igreja!

O Aquilégio Medicinal dá notícia dos efeitos curativos da fonte desta Igreja que foi benzida “(consagrada) por São Braz” e produz milagrosas curas nas moléstias da garganta. Não conseguimos descobrir como é que o bispo Arménio São Braz cá teria chegado trezentos anos depois de Cristo, visto que foi martirizado, em 316. Em lembrança do seu martírio, as cardadeiras e tecedeiras escolheram-no para seu patrono e advogado das gargantas doentes. Por isso, se diz, quando a criança se engasga:

São Braz te desafogue
Já que Deus não pode!

Em tempos, Mourilhe foi Comenda de Cristo e levantava rendas em metade da povoação de São Pedro da freguesia de Contim.



Aldeia de Sabuzedo

Negrões

Área:	20.6 Km2
Densidade Populacional:	9.5 Hab/km2
População Presente:	195
Orago:	Santa Maria Madalena
Pontos Turísticos:	Península de Vilarinho, Casa do Pinto e Igreja.
Lugares da freguesia:	(3) Lamachã, Negrões e Vilarinho de Negrões

Também esta freguesia integrou a Comenda da Chã às Clarissas de Vila do Conde, pelo rei de D. Dinis.

Em 1862, nasceu em Vilarinho de Negrões, Domingos Pereira. Ordenado padre e já abade de Refojos (Cabeceiras) contra vontade de seu tio, o também padre João Albino Carreira, filiado no Partido Regenerador, filiou-se no Partido Progressista. Fiel ao seu credo partidário, tornou-se amigo íntimo de Paiva Couceiro e recusou aderir à República em 1910. Perseguido, como os outros chefes monárquicos, após a estrondosa derrota, no espaldão da carreira de tiro, em Chaves, foi condenado a 20 anos de penitenciária. Conseguiu colocar no Brasil os seus “soldados, na ordem de alguns milhares” e regressou a Espanha e à sua actividade conspiratória. Conspirou a vida inteira. Depois da amnistia de Sidónio Pais, teve acções preponderantes na proclamação da “Monarquia do Norte”, em 1919, participando nos combates de Cabeceiras, Mirandela e Vila Real.

Restaurada a República exilou-se em Espanha e foi condenado à revelia a 20 anos de prisão maior. Excluído, como Paiva Couceiro, da amnistia concedida aos monárquicos, regressou em segredo, em 1926, a Cabeceiras, onde viveu até 1942.

Por falar em condenações, é de lembrar a condenação de José Pereira, de Lamachã, em 1947, a 29 anos e meio de cadeia “acusado de ser o autor moral” dum crime que de certeza não cometeu. Eram assim os tribunais e juizes fascistas.

Esta freguesia (e a maior parte de Barroso) ganhou direito à imortalidade através da documentação fotográfica “La Mémoire Blanche” de autores estrangeiros.



Vilarinho de Negrões

Outeiro



Panorâmica de Outeiro

Área:	52.4 Km ²
Densidade Populacional:	3.9 hab/km ²
População Presente:	202
Orago:	São Tomé
Pontos Turísticos:	Castro (Outeiro); Fojo do Lobo (Parada);
Lugares da freguesia:	(4) Cela, Outeiro, Parada e Sirvoselo

Em extensão territorial é a terceira freguesia de Barroso, contando apenas quatro aldeolas. Entra na conta das freguesias que bordejam a característica Mourela, além de Covelães, Paredes, Pitões, Tourém, e Randim (Galiza).

Inicialmente a freguesia chamava-se Parada do Gerês, depois São Tomé de Parada, depois Parada de Outeiro e, finalmente, Outeiro, sempre sob o mesmo orago – que é e foi São Tomé.

Merece referência o achado de Torques (jóias pré-históricas de ouro) encontradas na abertura da estrada de Outeiro a Paradela do Rio, no sopé do Castro que linda com o rio Cávado. É um tesouro de inestimável valor – um dos muitos que arrastam os turistas mais cultos para longe das nossas terras e assim nos levam à desertificação! Pensem nisso! Nunca fomos dignos de guardar o que é nosso!

Padornelos

Área:	15.8 Km2
Densidade Populacional:	9.6 hab/km2
População Presente:	141
Orago:	Santa Maria
Pontos Turísticos:	Miradouros - Portelo e Larouco; Forno e Casa do Capitão.
Lugares da freguesia:	(2) Padornelos e Sendim

É a referência lógica à terra fria barrosã, desde os tempos de Camilo, muito antes de Ferreira de Castro! Mas Padornelos goza de outras referências bem mais importantes (ou devia gozã-las)! Importa recordar que lhe foi concedido um foral autêntico, por D. Sancho I e confirmado, a 5 de Outubro de 1266, por D. Afonso III.

Foi “conselho sobre si”, isto é, gozava dos privilégios que aos grêmios municipais se concediam: “Os homens de Padornelos devem meter juiz e serviçal e mordomo e clérigo” E assim, por este documento que substituiu o de Sancho I, se conferia existência jurídica ao rudimentar concelho, com magistraturas próprias.

Dessas glórias antigas (foi depois uma das honras fronteiriças de Barroso) sobeja ainda o facto de ter direito a capitão residente para poder arregimentar homens, dos 18 aos 60, para a defesa nacional, sempre que Portugal fosse acossado.



Forno do Povo de Padornelos

Padroso

Área:	12.3 Km2
Densidade populacional:	9.6 hab/Km
População Presente:	141
Orago:	São Martinho
Pontos turísticos:	Forno e Igreja
Lugares da freguesia:	(1) Padroso



Padroso

Como todas as freguesias da raia seca também Padroso sofreu as agruras das agressões castelhanas e gozou com os benefícios ocasionais do contrabando.

Foi uma das honras de Barroso. Mas Padroso tem outras glórias para passar à posteridade. Desde logo o ter sido lugar propício para a emigração clandestina – actos heróicos que salvaram da fome e da morte muitas famílias pobres do norte. E justo é recordar agora o Padre Domingos de Donões que foi vilipendiado e condenado ao ostracismo, perdendo o sacerdócio e o seu estatuto social, apenas por ter espírito cristão, caritativo e solidário. Quantos dos que o acusaram, foram mil vezes piores que ele!

Padroso e um tal Júlio, cabo da Guarda Fiscal aí colocado, foram o sítio azado e a mão da justiça para “armar o laço” a um prepotente oficial que a agitação social, saída da “monarquia do Norte”, designara administrador do concelho de Montalegre. Este, tenente do exército, dos lados de Viseu, chamado Aurélio Cruz, trazia o povo aterrorizado, com ameaças, perseguições e multas incompreensíveis, com sovas e até com dias de prisão!

Certo dia, ao ouvido do Dr. Custódio Moura, o tenente revelou intenção de oferecer à sua criada um xaile de veludo galego. Foi quanto bastou para o apanharem na esparrela. Como o cabo de Padroso lhe levantasse um auto de notícia, ao apanhá-lo em flagrante com o xaile de contrabando, o governo de então decidiu exonerá-lo, por indecente e má figura, despachando-o para setenta léguas de distância.

Paradela

Área:	12.7 Km2
Densidade Populacional:	17.3 hab/km2
População Presente:	222
Orago:	São João
Pontos Turísticos:	Barragem; Bolideira, Castro e Capela da Senhora de Fátima.
Lugares da freguesia:	(2) Paradela e Ponteira

Antigamente era lugar da freguesia de São João da Poenteira, (é este o topónimo correcto) hoje invertem-se os termos, sendo sede da dita freguesia Paradela. Porém, como Outeiro, Venda Nova, Ferral, Paredes e Travaços do Rio mantêm-se o anterior padroeiro que era e é São João.

É uma freguesia de largos horizontes e panorâmicas paisagens, variadas e de grande profundidade para sul e ocidente.

Na sede da freguesia demora uma barragem que assume uma grande novidade em termos de construção: o dique enorme foi erguido com pedregulho a granel, betonado a montante e com um sistema inovador de descarga num funil gigante associado ao túnel de profundidade.

Tal como as da barragem da Venda Nova, as suas águas vão em tubarias gigantes fazer mover as turbinas da Central de Vila Nova produzindo energia hídrica.

Merecem uma visita cultural as armas dos Carvalhos, na Casa do Ramada, e os exímios ceramistas locais José Pereira e esposa.



Paradela

Pitões

Área:	33.5 Km2
Densidade Populacional:	6 hab/km2
População Presente:	173
Orago:	Santa Maria
Pontos Turísticos:	Capela de S. João da Fraga; Cascata; Mosteiro de Santa Maria das Unhas; Vestígios da Aldeia de São Vicente do Gerês;
Lugares da freguesia:	(1) Pitões



Pitões das Júnias

Herdeira natural da velhíssima freguesia de São Vicente do Gerês, nas profundezas do rio Beredo, que recebe águas de vários ribeirinhos na montanha, Pitões é a povoação mais alta de Barroso, na cota dos 1100 metros. Este facto contribuiu em grande medida para a elevada qualidade do presunto e fumeiro desta localidade.

Sempre foi conhecida por ser terra de gente lutadora e mesmo guerreira: não resistiu à destruição do Castelo, nem do Mosteiro, nem da sua “república ancestral” (conjunto de normas comunitárias e democráticas dos seus habitantes) mas resistiu aos Menezes, condes da Ponte da Barca, a quem um rapaz de casa do Alferes foi raptar uma filha com a qual casou; e resistiu à pilhagem e assaltos sistemáticos que os Castelhanos organizavam durante a guerra da Restauração. Em 1665, “um grande troço de infantaria e cavalaria, sob comando de D. Hieronymo de Quiñones atacou Pitões mas não só não conseguiram queimar o povo como este lutou bravamente pondo em fuga o inimigo e sem perdas”. Alguns dias após (com os pitonenses a ajudar, em represália) o capitão de couraças João Piçarro, com 800 infantas, atacaram Baltar, Niño d’Águia, Godin, Trijedo e Grabelos “donde trouxeram 400 bois, 1500 ovelhas e 20 cavalos”. E resistiu ao florestamento da Mourela, com pinheiros, o que levaria à perda das suas vezeiras. Resistiram sempre e ainda bem resistem!

Nesta aldeia pode visitar a corte do boi do povo, agora reconstruída como pólo do ecomuseu.

Pondras

Área:	10.9 Km2
Densidade Populacional:	17.7 hab/km2
População Presente:	189
Orago:	São Pedro Fins
Pontos Turísticos:	Relógio de Sol (Pondras); Miradouro (Ormeche); Cruzeiro.
Lugares da freguesia:	(4) Ormeche, Paio Afonso, Pondras e São Fins.

Ocorre evidente discrepância sobre o hagiotopónimo desta freguesia. As inquirições de 1258 tratam-na, e bem, por Santo Fins; o Catálogo de todas as Igrejas, 1320, (reinado de D. Dinis) chamam-lhe, e mal, São Félix. Mais recentemente, voltámos, e bem, ao chamadouro correcto que é São Pedro Fins de Pondras.

É provável que a confusão derive do tratamento dado na arquidiocese ao problema de São Pedro de Rates, dito primeiro bispo-fundador da Igreja de Braga, ou a D. Pedro, primeiro bispo-refundador da Igreja de Braga.

De todo o modo, em Pondras, fazem festa ao príncipe dos Apóstolos, em 29 de Junho.

É um caso significativo o modo de povoamento verificado visto que as principais povoações da freguesia, Pondras e Ormeche estão algo distantes do local da Igreja, por acaso (ou talvez não) junto do outeiro que foi um castro e onde demora a povoação de São Fins. (é esta a verdadeira grafia do hagiotopónimo que dá nome ao lugar onde se situa a igreja).



São Fins

Reigoso

Área:	17.2 km ²
Densidade Populacional:	11.6 hab/ km ²
População Presente:	200
Orago:	São Martinho
Pontos Turísticos:	Via Romana ; Igreja, Casa do Baía; Capela de S. Lourenço.
Lugares da Freguesia:	(3) Currais, Ladrugães e Reigoso



Marco miliário da Via Romana XVII - Currais

Com a freguesia de Reigoso sucedeu o mesmo que sucedeu a Contim: antes de independente esteve anexa à de São Pedro de Covelo.

Ao ganhar carta de alforria levou consigo Currais e Ladrugães. Mas Currais (exemplo único no Barroso) nasceu de quatro casais de Dona Maior Gomes e que D. Afonso II honrou.

Com o decorrer dos tempos esses “lavradores” organizaram-se em catorze casais, sob a forma de beetria, isto é, os habitantes escolhiam o senhor que mais garantias lhe desse: “um de seu linhagem qual quiserem!” Democracia quando ainda se não pensava nela!

Talvez por isso o melhor troço de via romana existente no concelho foi tão bem preservado, em Currais.

Na freguesia há uma irmandade muito antiga mas igualmente muito fechada e reduzida de “irmãos”.



Salto

Área:	78.6 km ²
Densidade Populacional:	23.8 hab/ km ²
População Presente:	1853
Orago:	Nossa Senhora do Pranto
Pontos Turísticos:	Casa da Fonte (Corva); Sepulturas Antrmpomórficas (Seara) Igreja Velha e Arcas Tumulares (Salto); Monte da Maça; Casas Diversas.
Lugares da Freguesia:	(20) Ameal, Amiar, Bagulhão, Beçós, Minas da Borralha, Caniçó, Carvalho, Cerdeira, Corva, Linharelhos, Lodeiro d'Arque, Paredes, Pereira, Pomar de Rainha, Póvoa, Reboreda, Salto, Seara e Tabuadela.

A freguesia de Salto é, quer em área, quer em população, a maior freguesia do concelho. Como espaço habitado e evangelizado, Salto é já referido no Paroquial Suévico como uma das trinta paróquias já existentes, no último terço do século VI e pertencentes à catedral de Braga.

Ao longo da sua vida teve muitos momentos de glória, daí a riquíssima história desta freguesia. Enquanto os cruzados do norte da Europa atravessavam o Atlântico e o Mediterrâneo, para combater nos lugares santos, o povo português trepava descalço os caminhos das suas peregrinações que atravessavam a freguesia. De tal modo que D. Afonso Henriques autorizou e apoiou a construção da Albergaria de São Bento das Gavieiras, ao monge Benedito, em 1136.

Alguns nobres olharam com cobiça para esse território onde adquiriram casais ou mesmo povoações como Carvalho, Póvoa e Revoreda que eram do fidalgo-trovador D. João Soares Coelho e de suas irmãs.

D. Pedro I, o tal que arrancou o coração pelo peito a Pero Coelho (bisneto do referido João Soares Coelho) e pelas costas a Álvaro Gonçalves por terem morto Inês de Castro, também cobiçou Salto. Por isso, depois de uma visita a Santa Senhorinha de Basto, de quem era devoto, cedeu-lhe fartos rendimentos da Igreja de Santa Maria de Salto.

O território da freguesia actual 78,6 km² era ocupado também pela freguesia de Novaíças que incluía vários casais e herdades em diferentes povoações entretanto desaparecidas: Pontido, Curros de Mouro, Ulveira, Gulpilheiras, etc. Os grandes mosteiros do norte Refojos, Pombeiro e Bouro – todos levantavam daí grossas rendas. A história desta freguesia dava matéria para dez livros como este.

Aqui poderá visitar a antiga casa do Capitão, agora pólo do Ecomuseu de Barroso, onde encontrará uma apresentação dos ofícios tradicionais, do Pisão de Tabuadela e das Minas do Volframio da Borralha.



Cruzeiro - Carvalho

Santo André

Área:	19 km2
Densidade Populacional:	14.3 hab/ km2
População Presente:	259
Orago:	Santo André
Pontos Turísticos:	Forno; Cruzeiro; Capela ; A Cidade de Grou.
Lugares da Freguesia:	(1) Santo André.

Santo André, como Solveira, foram desmembradas da sub-zona denominada Vilar de Perdizes a que pertenciam. Ao conseguirem as suas autonomias escolheram os patronos que já antes admiravam e invocavam. Até há poucos anos ainda se identificavam deste modo: Vilar de Perdizes (Santo André) e Vilar de Perdizes (São Miguel). É terra bastante fértil, com alguma fruta.

Julgamos que vamos dar notícia importante à gente de Santo André. Com efeito o Rei D. José manda passar certidão, à petição por escrito, que fora feita em 9/11/1733, de brasão de armas de nobreza a “Mateus Francisco Padrão, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, capitão de granadeiros no 1º batalhão do Regimento de Guarnição da Praça de Elvas onde é morador, dizendo nela que ele suplicante é filho legítimo de António Francisco e de sua mulher Jerónima da Encarnação. Neto pela parte paterna de Afonso Francisco de Sirgo natural da honra e julgado de Santo André, freguesia de S. Miguel o Anjo do lugar de Perdizes, e de sua mulher Inês Padroa, filha de Diogo Padrão naturais da mesma honra. E pela materna que é neto de Alexandre Gonçalves e de sua mulher primeira Maria Vaz, naturais da honra de Gralhas onde ele foi vereador e juiz ordinário, tudo na comarca de Chaves e ele suplicante natural desta cidade de Lisboa. Os quais ditos seus pais, avós e mais antepassados que foram todos muito nobres e por tais conhecidos e respeitados... sem que algum deles houvesse labéu de judeu ou mouro, nem outro sangue infecto que pudesse pôr nódoa na sua fidalguia, nem havia fama ou rumor em contrário...” A sentença de justificações foi proferida a 9/6/1756. E a decisão: “... busquei os livros dos registos das armas da nobreza e fidalguia deste reino que em meu poder então e nelas achei os que pertencem à nobre e antiga linhagem de padrão na forma que lhas dou iluminadas com as mesmas figuras, cores e metais nesta carta segundo as regras do nobre officio da armaria.

A saber: “Um escudo com as Armas dos Padrões que sai em campo azul um Padrão ou coluna de prata levantada sobre um monte de sua cor e sobre a coluna um escudo do mesmo metal carregado de uma Cruz da Ordem de Cristo entre duas estrelas de ouro. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro. Paquife dos metais e cores das Armas e por diferença uma brica de prata com uma faixa vermelha... Lisboa aos nove dias do mês de Maio do ano do N. S. J. Cristo de 1760.”

Os vários entendidos na heráldica asseveram que “esta família tem as mesmas armas que os Cãos pelo que se presume que descendem de Diogo Cão a quem elas foram dadas.”

O próprio Braancamp Freire afirma: “As armas do apelido Cão”!



Igreja de Santo André

Serraquinhos



Serraquinhos

Área:	33.5 km ²
Densidade Populacional:	11.3 hab/ km ²
População Presente:	318
Orago:	Santo Maria
Pontos Turísticos:	Castro e Sepulturas Líticas (Pedrário); Igreja (Serraquinhos).
Lugares da Freguesia:	(5) Antigo, Cepeda, Pedrário, Serraquinhos e Zebral.

Esta freguesia, enquanto tal, não consta das Inquirições de 1258 conquanto constem delas todas as localidades que a integram. Em boa verdade lá se referem Pedrário, Serraquinhos, Cepeda, Zebral (onde existia uma herdade do irmão do trovador João Baveca) e Antigo. Esta última povoação com o topónimo significativo Antigo de Espinho, que o mesmo era dizer Antigo de Aspinius (Aspini). Mais tarde foi Antigo de Arcos, pertencente ao aro de Cervos e, agora, Antigo de Serraquinhos. As voltas que a vida dá!

Quem vai a Serraquinhos deve seguir o roteiro do grande poeta transmontano e nacional Miguel Torga: visita a igreja, a capela, o castro de Pedrário e Forno e ouve meia dúzia de velhinhas dizer jaculatórias por alma do sempre lembrado Padre Joaquim que Deus haja.



Seselhe

Área:	12,8 km ²
Densidade Populacional:	11.3 hab/ km ²
População Presente:	138
Orago:	Santo André
Pontos Turísticos:	Torre do Boi (Travaços); Barragem do Alto-Cávado
Lugares da Freguesia:	(2) Travaços e Seselhe

Ambos os lugares desta freguesia foram sede de freguesia, porém anexas a Santa Maria de Montalegre. Todos os edifícios de ambas as localidades estão construídos entre os novecentos e os mil metros de altitude. Como o resto do concelho são terras de produção agro-pecuária, de largos montes de caça e de boas manchas de arvoredo para madeira e lenhas. Os documentos conhecidos não autorizam a grafia deste topónimo com z como por aí se vê escrever.

A criação de gado foi tão importante que os de Travaços do Rio ergueram a meio do povo uma torre ao boi campeão. Os seus habitantes devem sentir-se orgulhosos também porque Travaços é, depois de Salto, a terra barrosa referida em documentos autênticos e mais antigos: trata-se de dois documentos do Tombo de Celanova, na Galiza, referentes a doações destinadas ao Mosteiro e ambas no termo de Travaços, datadas, respectivamente, dos anos 953 e 976, sendo que numa delas é doadora a própria mãe do bispo São Rosendo! Há 1053 anos!

Muitas vezes “o coração tem razões que a razão não conhece” e assim, por vezes, encontramos canastros, tulhões, cortes de boi, fornos e moinhos feitos com tanto primor e equilíbrio como se de altares ou sacrários se tratasse.

A emigração que hemorragicamente nos vem sangrando, por este andar, vai obrigar-nos a associar não duas mas quatro ou cinco freguesias limitrofes.



Pesca na barragem de Seselhe

Solveira



Solveira

Área:	12,3 km ²
Densidade Populacional:	17.4 hab/ km ²
População Presente:	200
Orago:	Santa Eufémia
Pontos Turísticos:	Igreja; Castros; Vestígios de povoados medievais.
Lugares da Freguesia:	(1) Solveira

É a mais recente freguesia do concelho de Montalegre e ganhou a independência à custa de Vilar, como Santo André.

O topónimo é muito antigo: provém do étimo sorbu + aria - sorbaria, planta semelhante ao buxo muito utilizada em obras de marcenaria. Como tal, já se vê que o território desta freguesia foi habitado há muitos séculos. Aliás, a toponímia circundante certifica-o. Primeiro o sítio das Antas que nos levam até à pré-história; depois o próprio assentamento da povoação no Outeiro – *altarium*; depois o castro do Soutelo, a Cidadonha e finalmente Paio Mantela, uns e outros tradicionalmente considerados locais habitados.

Solveira ao fazer parte da honra de Vilar de Perdizes estava abrigada a mandar homens à guarda do Castelo da Piconha, pelo menos até ao reinado de D. João I, mas há quem pense que a obrigação durou até à Restauração.

Entre 1841 e 1853 pertenceu ao concelho de Ervededo que foi couto criado por D. Afonso Henriques para o seu amigo Arcebispo D. Paio Mendes, em 1132, tal como fizera ao Couto de Dornelas.

Tourém

Área:	17 km ²
Densidade Populacional:	10.9 hab/ km ²
População Presente:	162
Orago:	São Pedro
Pontos Turísticos:	Castelo da Piconha; Castro; Forno; Igreja; Vestígios da Sala do Bispo Galego; Capela de Santa Ana; Casas dos Braganças e do Prof. Barros.
Lugares da Freguesia:	(1) Tourém

Ao refazermos a nossa história regional é justo colocar no primeiro capítulo a freguesia de Tourém. Recebeu foral de D. Sancho I para manutenção da vigilância fronteiriça a partir do Castelo da Piconha e da sua ligação, num caminho neutral, ao coração do Couto Misto formado pelas povoações de Santiago, Rubiás e Meaus.

Há mesmo notícia certa de que o Sancho Povoador por ali passou, antes, obviamente, de 1211: "...quando ibat rex domino Sanchio pro a Sancte Pelagio de Piconia..." Mesmo após o estabelecimento definitivo da capitalidade das terras de Barroso em Montalegre, as prerrogativas e privilégios de Tourém foram mantidos: basta dizer que as chamadas "honras" ficaram oneradas em fornecer homens para a guarnição da Piconha. Aliás, a defesa do sítio era questão primordial para toda a população de Tourém como se verifica pelos orifícios abertos nas testadas das casas, sobre as portas das habitações, de modo a evitarem assaltos, cercos e esperas ou emboscadas.

Dado de inusitada curiosidade é o facto da igreja muito antiga de São Pedro (com vestígios românicos) não aparecer no catálogo de 1320. Pois não aparece porque pertencia, no espiritual, à Diocese de Ourense. Por esse motivo (é da tradição e tido como certo) que, a dada altura, no florescimento do Liberalismo Galego, um bispo de Ourense, da família Quevedo, se refugiou em Tourém, por razões políticas. O bispo, estando em país estranho, estava em terra própria, porque Tourém integrava a Diocese de Ourense.

Tourém, muito antes do foral, foi honrada numa escritura de doação de bens ao Mosteiro de Celanova, pelos anos de Cristo de 1065!

É talvez a freguesia mais cosmopolita da zona com visitas diárias dos "labregos" e "turistas" da Galiza Irmã! Estes forasteiros podem desfrutar, com toda a comodidade das instalações legadas pela Casa dos Braganças, reconstruída para turismo de habitação.

Nesta aldeia a corte do boi do povo foi transformada em pólo do Ecomuseu onde está retratada a questão do contrabando, do couto misto, dos exilados políticos e da relação transfronteiriça.



Cozinha onde viveu refugiado de Ourense o bispo Quevedo - Tourém



Vista geral de Tourém

Venda Nova

Área:	8.2 Km2
Densidade populacional:	48.7 hab/Km
População Presente:	383
Orago:	São Pedro
Pontos turísticos:	Albufeira e Miradouro.
Lugares da freguesia:	(4) Codeçoso, Padrões, Venda Nova e Sangunhedo.

É uma localidade relativamente jovem (ainda não existia à data do numeramento ordenado por D. João III, em 1530), mas duzentos anos depois, já consta como sede de freguesia, nas memórias paroquiais de 1758. Talvez convenha deixar dito que as referidas memórias paroquiais podem não constituir informação de grande fiabilidade: por um lado, devido ao nível de interesse que os Inquiritos teriam despertado, e por outro, ao estado de espírito, aptidões e propensão dos inquiridos! As respostas dos curas anuais ou encomendados em paróquias pobres e isoladas, onde sobreviviam um ano ou dois, vindos talvez de lugares distantes, não podem ter o mesmo “nível e valor” que as do abade de freguesia rica donde apenas saíam para a cova !

Aliás, esses estados de alma, detectam-se em muitos períodos das diferentes respostas aos inquiritos.

A nova sede de freguesia substituiu o lugar de S. Simão de Codeçoso de Arco e passou a chamar-se São Pedro de Venda Nova, tendo andado anexa a Santa Marinha de Ferral. A antiga igreja que fora transferida do vale da igreja para Venda Nova acabou por ser afogada, como toda a povoação e o cemitério pelas águas da barragem que foi inaugurada em 1950, com pompa e circunstância e onde, no desfazer da festa, afogaram dez pessoas!



Aldeia e barragem da Venda Nova

Viade de Baixo



Brasão do solar dos Queridos

Área:	43 Km2
Densidade Populacional:	18.1 hab/km2
População Presente:	750
Orago:	Santa Maria
Pontos Turísticos:	Albufeira de Pisões; Solar dos Queridos; Marco Miliário e Igreja (Viade de Baixo);
Lugares da freguesia:	(10) Antigo, Brandim, Friães, Parafita, Pisões, Telhado, Viade de Baixo e Viade de Cima, Lama da Missa e Castelo.

A freguesia de Santa Maria de Viade orgulha-se do seu passado glorioso, de que restam vestígios notórios, às vezes, de muito difícil estudo por ausência total de documentos. Referimo-nos ao bonito solar dos Queridos no qual sobressai uma impressionante pedra de armas, dos Barrosos e Mouras, e a extinta capela de Santa Rita. A dificuldade de retirar da obscura poeira dos tempos a verdadeira história destes e doutros monumentos conduz à propagação do rosário de lendas que a tal respeito se contam.

O vale do Regavão, que bordeja a freguesia pelo sul e nascente, dá passagem à *via prima*, aqui assinalada por um miliário gigante que depois se transformou na cruz de Leiranque. Não longe desse local houve um pisão – que passou a topónimo da barragem e mais acima a antiquíssima Vila de Mel, provavelmente a primeira “*statio*” (São Vicente da Chã seria a segunda) entre as cidades de “*Praesidium*” e “*Caladunum*” – “*mansiones*” da dita via imperial. Aí, ainda se pode ver a necrópole cujas sepulturas abertas num granitoide muito mole e areento se vão esboroando com a erosão eólica e aquática. Urge acudir-lhes. Doutras eras mais recentes temos imensas notícias que dariam para grossos volumes.



Vila da Ponte

Área:	10.7 Km ²
Densidade populacional:	23.9 hab/Km
População Presente:	265
Orago:	Santa Maria Madalena
Pontos turísticos:	As Cistas; Moinhos; Igreja e Museu Paroquial; Canastros; Castros e Via Romana (Vila da Ponte).
Lugares da freguesia:	(2) Bustelo e Vila da Ponte.

Sendo uma das freguesias barrosãs com menos área distribuída é, porém a mais produtiva por metro quadrado de terreno. Por outro lado, a povoação sede ainda é uma das mais populosas, pois aparece em oitavo lugar (ao lado de Solveira) no conjunto dos 135 povoados do concelho. Tal indicação (ao lado de outros indicadores bem significativos) deve servir como aviso aos poderes vigentes no sentido de providenciarem uma distribuição mais equitativa dos benefícios às populações. É a única freguesia que não tem acesso à outra povoação!

Das glórias de que sempre gozou (sem que alguma vez tivesse pretendido obstruir as legítimas capitalidades – honras, coutos e sede concelhia) todas lhe vão sendo injustamente sonegadas com evidentes malefícios para uma população ordeira e esclarecida! Orgulha-se das suas *villae*,

disseminadas ao longo do ubérrimo vale e várzeas e bem testemunhadas em documentos medievais e na toponímia vigorante; dos seus castros estrategicamente colocados sobre linhas de água que entram no Regavão; dos seus monumentos funerários (tipo/cistas, achados em dois outeiros, Donim e Gorgolão, sobre os quais corriam lendas cheias de encanto; do seu outeiro (*altarium*) onde os mais remotos indígenas ergueram altar para adorar os seus deuses e sobre o qual, ao lado do Paço (que hoje é o cemitério local) edificaram o seu oratório ou basílica, que é agora a igreja; da sua velhíssima ponte que unia os vales marginais e que, durante séculos, foi a única passagem invernal para as povoações de entre-os-rios.

Por falarmos do rio lembramos que devemos continuar a dizer Regavão. Com v ou com b, não importa visto que não tratamos de modismos. Mas era assim sempre que o povo dizia! E dizia bem como sempre! Ora, o mais antigo documento conhecido até hoje chama-lhe *Regavam* (1258)!

Que nós saibamos é o único rio transmontano que se pode gabar de ter uma monografia publicada em letra de forma, da autoria do Prof. da Universidade de Coimbra, Raul Miranda, em 1938.



Cista pré-romana - Vila da Ponte



Vilar de Perdizes

Área:	25,7 Km ²
Densidade Populacional:	20.7 hab/km ²
População Presente:	521
Orago:	São Miguel
Pontos Turísticos:	Paço; Gravuras Ruprestres – Penedo de Caparinhos; Altar de Penascrita; Capela da Senhora das Neves; Penedo de Rameseiros.
Lugares da freguesia:	(1) Vilar de Perdizes

A par de Salto e Tourém é das mais cosmopolitas freguesias do concelho, afora Montalegre. Outra zona barrosã testificadamente habitada desde remotas eras, como se prova numa inventariação sumária dos seus monumentos: as inscrições pré-históricas de Caparinhos (gravuras rupestres de controversia leitura); o altar sacrificial da Pena Escrita; as duas aras romanas achadas na abertura da estrada para Meixide e Chaves, uma dedicada ao Deus dos Deuses, Júpiter, e outra dedicada ao Deus local Larouco; e a grande inscrição do Penedo de Rameseiros cuja interpretação não consegue recolher consensos. Tal riqueza arqueológica e tão diversificada não é usual em meios pequenos. Mas a riqueza continua no que sabemos da sua igreja de São Miguel e no Solar, que foi berço de filhos de algo, e junto do qual floresceram o Hospital e a Capela de Santa Cruz, destinados a prestar apoio físico e espiritual aos peregrinos de Santiago de Compostela e do Cristo de Ourense que por ali passavam, vindos dos lados de Chaves Alto Douro, Beiras e Castela.

Desta freguesia desligaram-se as duas vizinhas de Solveira (Santa Eufémia) e Santo André e todas pertenceram, por poucos anos, até à sua extinção, ao concelho de Couto de Ervededo.

Modernamente Vilar de Perdizes entra na moda das notícias televisivas por apadrinhar um evento sócio-cultural que é o Congresso de Medicina Popular. Admira que alguns, ditos intelectuais, lancem farpas ao dito como se estivéssemos ainda no século VI, do São Martinho de Dume, a combater pagãos e as heresias dos maniqueístas e arianos... Recusamo-nos a que nos lancem o anátema de pagãos e hereges pelo facto de querermos alcançar, enquanto é tempo, os saberes (no campo da farmacologia, da medicina e das tradições) dos nossos avós!

Esperemos que a gente de Vilar continue a acarinhar as ervas com que se fazem mezinhas, defumatórios, infusões e chás que nos debelam as dores do corpo e nos dulcificam as dores do espírito!

Estão em fase de conclusão os roteiros arqueológico e do contrabando, que a pé e a cavalo de burros irão permitir a visita aos locais que melhor defendem a identidade de Vilar de Perdizes.



A fé do povo - Santa Marinha

A Linguagem

As linguagens são conjuntos de sinais fonéticos e outros com que se relacionam as pessoas.

Nós, os barrosões, temos uma linguagem própria a que Rui Guimarães chama e muito bem, “o falar barrosão”. E não admira que o tenhamos visto que desde há milhares de anos vemos este planalto edénico onde as estradas subiram apenas, em 1930.

Este isolamento não permitiu que a nossa linguagem se afastasse muito da dos nossos irmãos galegos. Com efeito, estamos talvez tão perto do falar deles como do falar alfacinha.

É um falar com identidade própria: basta analisar as centenas de vocábulos “próprios” que os portugueses a sul do Douro não conhecem! Um bom modo de comparação é o das quadras populares – o Cancioneiro Popular – diferente de todos os mais, de qualquer região do País.

Com receio que nos entendam mal, elaboramos um pequeno glossário que poderia atingir, sem medo de errar, o número de mais de dois mil vocábulos!

Alfaia – Utensílio agrícola.

Alminhas – Monumento (às vezes uma simples cruz sobre um cipo) que a tradição afirma indicar o sítio onde alguém morreu ou foi morto: perdeu a alma! Daí alminhas.

Anta – Monumento tumular pré-histórico.

Boi do povo – Animal reprodutor.

Burel – Pano grosseiro de lã, fabricado no Pisão.

Calvário – Lugar onde existe uma cruz ou um conjunto de cruces.

Cambás – Cremalheira de elos de ferro para deslocarem pesos com várias juntas de gado.

Canastro – Edifício onde se guardam e secam as espigas de milho.

Castro – Castelo ou povoação fortificada, geralmente em montes cónicos.

Chega – Luta de bois reprodutores.

Cista – Túmulo pré-histórico formado por várias lajes.

Colmo – Palha usada na cobertura de habitações nas zonas rurais.

Comunitarismo – Sistema social comunitário definido pelo espírito de entreaajuda. Sinais comunitários são: o boi do povo, os relógios de sol, as águas da rega, os moinhos, as eiras, os fornos, etc.

Corte – Casa onde se criam e alojam animais domésticos.

Cortinha – Quintal. Terra murada e quase sempre susceptível de rega.

Couto do povo – Também designado por ajuntamento. Prática comunitária em que as pessoas unem esforços para limpeza de regos, poços e caminhos ou, ainda, as ruas da aldeia nos dias de festa.

Croceira – Mulher que faz as croças.

Croço – O mesmo que croça. Capa de junco usada pelos camponeses para se protegerem da chuva.

Eira – Sítio onde se põem a secar cereais ou legumes e onde se debulham e limpam. Podem ser terreiros e de pedra.

Fiadeiro – Pátio onde, noutros tempos, se realizavam vários trabalhos ao serão: as desfolhadas do milho, espadeladas do linho, etc.

Fojo – Encosta ou corga murada em v e em cujo vértice existia uma cisterna ou cova para apanharem lobos.

Fumeiro – Lugar em que se pendura a carne para curar ou defumar. Enchidos. Carne fumada ou defumada.

Galheiro – Utensílio para pendurar o pão e livrá-lo dos ratos.

Jugo – Também designado por apeiro. Artefacto com que se sujeitam os bois para puxarem o carro o arado, a grade, a zorra, etc.

Lameiros – Terra alagadiça que dá bom pasto e feno.

Mamoá – Restos de grandes construções sepulcrais pré-históricas.

Matança – Cerimonial do sacrifício do porco.

Moinho – Em todas as aldeias existem moinhos – alguns em locais de inefável bucolismo – movidos a água e onde se mói o centeio, o milho e o trigo.

Molhelha – Espécie de almofada que se coloca na cabeça dos bois para apoio do jugo ou apeiro.

Morangueiro – Casta de videira americana.

Necrópole – Cemitério.

Pedra bulideira – Penedo que bole.

Pisão – Engenho hidráulico usado para a fabricação do burel.

Poldras – Pedras colocadas numa corrente de água para se poder passar a pé enxuto.

Refego – Sulco, depressão no terreno.

Regadio – Método de cultura agrícola, que privilegia o recurso à rega. O oposto é o sequeiro.

Saragoça – Tecido grosso de lã escura.

Segada – Também conhecida por ceifa (dos cereais).

Sepulturas líticas – Monumentos funerários de pedra, geralmente antropomórficas (com forma de corpo humano).

Sincelo – Aragem fria, típica dos dias de nevoeiro ou neblina. Popularmente, o sincelo é, ainda, designado por caramelo, caramelo, candeolas ou candeias de gelo.

Soqueiro – Artesão que faz socos ou socas.

Tecedeira – Mulher que tece pano, que trabalha num tear.

Touça – Terreno de mato espesso e arboredo. Bouça.

Torques – Braclete ou colar, de ouro, cobre ou latão, da época pré-histórica.

Urdideira – Mulher que urde ou tece.

Veiga – Planície cultivada e fértil.

Vezeira – Todo o gado se junta sob a vigilância de um ou dois pastores, sobretudo no verão para haver mais braços para os trabalhos colectivos: segadas, malhadas, etc.